

CRISTIANE APARECIDA FONTANA GRÜMM

# **ENTRE A TÉCNICA E O *MARKETING*: A PROJEÇÃO DO HOMEM PÚBLICO**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre e História, Curso de Pós-Graduação e História, Setor de Ciências Humanas, Letra e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Marionildes Dia  
Brepohl de Magalhães

CURITIBA  
2001

CRISTIANE APARECIDA FONTANA GRÜMM

**ENTRE A TÉCNICA E O *MARKETING* :  
A PROJEÇÃO DO HOMEM PÚBLICO**



CURITIBA  
2001

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE IMAGENS</b> .....	iv
<b>LISTA DE SIGLAS</b> .....	v
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	vi
<b>RESUMO</b> .....	vii
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	08
1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA .....	13
1.1.1 Uma idéia força : o discurso nacional desenvolvimentista .....	15
1.2 TIPOLOGIA DAS FONTES .....	20
<b>2 DA VIDA PRIVADA À VIDA PÚBLICA : UMA MEMÓRIA OFICIAL</b> .....	22
2.1 O LAPEANO NEY BRAGA .....	24
2.2 O MAJOR NEY BRAGA .....	38
2.3 O HOMEM PÚBLICO NEY BRAGA .....	57
<b>3 A NOTÍCIA COMO PROPAGANDA : “O ESTADO DO PARANÁ”</b> .....	62
3.1 A MORALIZAÇÃO DO ESTADO .....	62
3.2 A MODERNIZAÇÃO DO ESTADO .....	70
3.3 O ATO DE INAUGURAR .....	81
3.4 A RENOVAÇÃO DO ESTADO .....	85
3.5 O GOVERNADOR VIRTUOSO .....	90
3.6 O GOVERNADOR POPULAR .....	96
3.7 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....	102
<b>4 O DISCURSO DE OPOSIÇÃO : O “DIÁRIO DA TARDE”</b> .....	108
4.1 O GOVERNADOR QUE NÃO CUMPRE PROMESSAS .....	109
4.2 A INTOLERÂNCIA CONTRA OS ADVERSÁRIOS .....	116
4.3 O GOVERNO CLIENTELISTA .....	120
4.4 O GOVERNADOR E A QUESTÃO SOCIAL .....	122
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	125
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	129

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à CAPES pela bolsa que propiciou e financiou a presente pesquisa. Mas este trabalho só se tornou possível graças à ajuda de um grande número de pessoas que, com paciência e boa vontade, contribuíram para sua efetivação.

Agradeço à Doutora Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, que, desde a graduação, vem orientando minhas pesquisas com muita dedicação, compreensão e entusiasmo. Sem as suas orientações valiosíssimas, sem dúvida, a presente pesquisa não teria se desenvolvido.

Gostaria de agradecer também aos doutores Marcos Eugênio Napolitano — que participou da banca de qualificação — Dennison de Oliveira (este duplamente) — que participou da banca de qualificação e da banca da defesa — e a Elizabeth Cancelli — que também compôs minha banca de defesa. Esses três pesquisadores fizeram críticas e apontamentos construtivos, que, com certeza, enriqueceram a pesquisa.

Merecem também meus agradecimentos os funcionários (as) e os estagiários (as) da Divisão Paranaense, da Biblioteca Pública do Paraná que sempre me receberam muito bem e com muita boa vontade me permitiram pesquisar as fontes documentais. Igualmente agradeço à compreensão e boa vontade dos funcionários do Departamento Geopolítico do IPARDES.

Merece meu agradeco Norton Macedo que leu minha pesquisa com muita atenção e fez inúmeros apontamentos e críticas que me auxiliaram na redação final do presente texto.

Por fim, agradeço às pessoas que estão diretamente ligadas a mim por laços afetivos e que foram capazes de me suportar todos esses anos, inclusive nos momentos mais críticos. Meus agradecimentos vão especialmente à Agnes e ao Adriano.

## LISTA DE IMAGENS

<b>IMAGEM 1:</b> Ney Braga aos quinze anos, segundo suas memórias, nesse momento, já herdava virtudes importantes para a posterior vida pública (1932) .....	31
<b>IMAGEM 2:</b> Ney sendo empossado na Chefatura de Polícia por seu padrinho político Bento Munhoz da Rocha Netto, do qual se afasta posteriormente, fato que é caracterizado como “traição política” (1952) .....	42
<b>IMAGEM 3:</b> Ney ressalta a importância de suas obras administrativas na prefeitura de Curitiba o que lhe deu parcela de seu reconhecimento como bom administrador posteriormente, mas não relaciona esse fato com a política de Planejamento Urbano discutida na época (1957).....	46
<b>IMAGEM 4:</b> Ney enquanto prefeito de Curitiba aparece ao lado de Juscelino Kubistchek, o maior símbolo do desenvolvimentismo brasileiro nos anos 50, para receber o título: “Curitiba um dos dez municípios de maior progresso do Brasil” (1956) .....	48
<b>IMAGEM 5:</b> Carro de campanha no qual explora-se a dobradinha Jânio/Ney. No alto a vassoura, símbolo da campanha pela moralização administrativa (1960) .....	54
<b>IMAGEM 6:</b> Ney Braga apóia de forma rápida o Regime Militar instalado em 1964. Aqui o governador ao lado presidente Castelo Branco sendo saudados pelas ruas de Curitiba (1965) .....	56
<b>IMAGEM 7:</b> Esses mapas foram amplamente explorados pelo <i>marketing</i> político para demonstrar o planejamento do governo Ney Braga em relação à pavimentação de rodovias e estradas (1961) .....	80
<b>IMAGEM 8:</b> Esses mapas demonstram o recorte do mapa do Paraná nos anos 60, criando uma série de municípios que serviram de base para a popularidade de Ney Braga. ....	82
<b>IMAGEM 9:</b> Ney ao lado de John Kennedy (1962). ....	87

## **LISTA DE TABELAS**

**TABELA 1: RESULTADOS GERAIS APURADOS PARA GOVERNADOR DO ESTADO SEGUNDO REGIÕES NAS ELEIÇÕES DE 03/10/60. ....51**

**TABELA 2: RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR NO NORTE DO PARANÁ EM 1960. ....51**

**TABELA 3: RESULTADOS ELEITORAIS PARA GOVERNADOR DO ESTADO, POR NÚMERO DE ELEITORES E CANDIDATO MAIS VOTADO, EM ABSOLUTO E PERCENTUAL, SEGUNDO MESOREGIÕES DO PARANÁ, 1960. ....51**

## LISTA DE SIGLAS

OEP — O Estado do Paraná  
DT — Diário da Tarde  
PDC — Partido Democrata Cristão  
PTB — Partido Trabalhista Brasileiro  
PSD — Partido Social Democrático  
PCB — Partido Comunista Brasileiro  
PR — Partido Republicano  
UDN — União Democrática Nacional  
PSP — Partido Social Progressista  
FUNDEPAR — Fundação Educacional do Paraná  
CODEPAR — Companhia de Desenvolvimento  
SANEPAR — Companhia de Saneamento do Paraná  
TELEPAR — Companhia de Telecomunicações do Paraná  
CELEPAR — Centro Eletrônico de Processamento de Dados  
COHAPAR — Companhia de Habitação do Paraná  
ARENA — Aliança Renovadora Nacional  
MDB — Movimento Democrático Brasileiro  
PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
FIESP — Federação das Indústrias do Estado do Paraná  
ACP — Associação Comercial do Paraná  
APEOP — Associação Paranaense dos Empreiteiros de Obras Públicas  
ESG — Escola Superior de Guerra  
LEC — Liga Eleitoral Católica  
IBC — Instituto Brasileiro do Café  
PLADEP — Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico  
BADEP — Banco de Desenvolvimento do Estado do Paraná  
SAGMACS — Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais

## **RESUMO**

Na década de 60 vê-se emergir no Brasil a propaganda política, um recurso que passa a ser utilizado massivamente. Entre os homens públicos a utilizar-se dessa técnica situa-se Ney Braga, governador do Estado do Paraná entre 1961 a 1965. A mais intensa veiculação de tal propaganda pode ser verificada no periódico “O Estado do Paraná”, que constrói as imagens do referido governador como moralizador, modernizador, renovador, virtuoso e popular. No entanto, nesse processo de construção da liderança política desse personagem público apenas o fenômeno isolado da propaganda não é suficiente, aparece associado a ela, a gerência dos assuntos públicos e as trocas de favores políticos. Dessa forma, o sucesso do homem público Ney Braga projeta-se no meio político brasileiro como produto da associação entre propaganda, competência técnica e clientelismo.



## 1 INTRODUÇÃO

Dentre a geração de políticos dos anos 50 e 60 que assumiram a defesa do nacional desenvolvimentismo, da democracia e da prosperidade econômica, Ney Braga é um dos expoentes. Durante mais de 30 anos, figurou como um dos políticos de maior projeção nacional. Ocupou o cargo de Chefe de Polícia, de 1952 a 1954, durante o governo de Bento Munhoz da Rocha. Foi prefeito de Curitiba em 1954, cargo que ocupou até 1958. No mesmo ano em que terminava seu mandato como prefeito da capital paranaense, elegeu-se deputado federal, cargo que ocupou até 1960, ano em que também participou das eleições para o governo do Estado. Assumiu o cargo em 1961, ficando à frente do executivo paranaense até 1965 quando foi convidado pelo presidente Castelo Branco para ser Ministro da Agricultura. No ministério permaneceu até 1966. Tornou-se Senador da República de 1967 à 1974, recebendo um novo convite para assumir outro ministério, o da Educação e Cultura, ocupando-o até 1978. De 1979 até 1982 assumiu pela segunda vez, agora por via indireta, o governo do Estado do Paraná. Foi ainda presidente da Itaipu Bi-nacional a convite de Tancredo Neves em 1984. Por essa razão, sua liderança é destacada no Estado pela mídia e pelos paranaenses como símbolo do próprio Paraná.

Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a analisar a produção da imagem do governador Ney Braga no órgão da imprensa situacionista “O Estado do Paraná” (“OEP”) e no periódico de oposição “Diário da Tarde” (“DT”) no período em que permaneceu frente ao executivo paranaense no período de 1961 a 1965. Além disso, propõe-se a analisar a produção da imagem produzida pelo próprio político a partir de sua biografia.

Antes de delimitarmos o objeto da presente pesquisa (e para o leitor melhor entender os recortes) faz-se necessário uma ressalva em relação ao recorte temporal. Há a necessidade de funilarmos o espaço temporal, uma vez que, como se pôde verificar, a carreira política do personagem em estudo é muito extensa e corresponde a períodos políticos com características próprias e distintas. Dados os prazos a serem cumpridos para a finalização da pesquisa, escapou ao nosso interesse um estudo do pós-64, dado que a conjuntura é muito adversa ao período proposto para estudo. Se durante a análise da biografia nos referimos a esse período da história política brasileira — que corresponde ao período dos governos militares — é com o intuito de reforçar e evidenciar o documento/monumento biografia.

Feito esse esclarecimento, voltamos a tratar da delimitação do objeto de pesquisa. Assim, a questão que se abriu ao escolher esse personagem político (Ney Braga), a partir desse recorte temporal (1961-1965), diz respeito à construção de sua liderança e o que lhe permitiu dominar o cenário político nacional no período proposto.

Max Weber, ao discutir possíveis explicações para a dominação política, alega existirem três formas capazes de justificar e legitimar a ascensão ao poder de um personagem político. O primeiro fundamento da legitimidade é a autoridade do passado eterno, cujo poder se justifica e se legitima pelos costumes santificados de validade imemorial, enraizado nos homens; esse poder se pauta na tradição, nos costumes, no culto ao passado. O segundo é o poder que se funda nos dons individuais, em qualidades que fazem de um indivíduo o chefe; esse é o poder carismático. O terceiro é a autoridade da legalidade que se pauta na crença em estatutos legais e em uma competência fundada em regras; esse é o poder chamado de democrático ou legal.<sup>1</sup>

Para Weber, nesse sentido, ao se propor o estudo de um personagem político, poder-se-ia justificar seu poder pela sua tradição política (seu passado ou tradição), pelo seu carisma ou pela legalidade que a democracia confere ao líder. No entanto, procurar enquadrar a pesquisa de um personagem político em uma dessas três formas é muito redutor. O próprio Max Weber afirma que não existe a concepção de homem político por vocação, pois o fator decisivo na luta pelo poder reside acima de tudo “na natureza dos meios de que dispõe o homem político”.<sup>2</sup>

Esses aspectos abordados por Max Weber nos levam a refletir sobre alguns aspectos a respeito do personagem político Ney Braga. Assim, no caso do personagem em estudo, em primeiro lugar, não se pode afirmar que foi a sua filiação que lhe conferiu a legitimidade política, pois o PDC (Partido Democrata Cristão) era um partido ainda inexpressivo na conjuntura política partidária do momento dominada pelos hegemônicos PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PSD (Partido Social Democrático). Em segundo lugar, não se pode justificar sua ascensão política apenas pelo viés do apadrinhamento, pois se constituía como força de oposição ao governo que o antecedeu, Moysés Lupion. E, apesar do seu apadrinhamento político com Bento Munhoz da Rocha Neto, quando da eleição para governador, em 1960, já apresentava-se desligado dos laços político com seu padrinho público

---

<sup>1</sup> WEBER, Max. *Ciência e política : duas vocações*. São Paulo : Cultrix, 1996, p. 57-58.

— não fazia parte do mesmo partido. Muito pelo contrário, concorria por um partido desatrelado a Munhoz da Rocha.<sup>3</sup> Somente o carisma de Ney Braga também não pode ser um argumento suficiente para responder à problemática proposta.

Ney Braga alcançou prestígio no meio político. Descartamos as hipóteses de que ele teria conseguido isso por ser somente um líder carismático, um homem de partido ou ainda um simples burocrata. Os estudos referentes ao personagem político Ney Braga procuram ressaltar a importância econômica do seu governo, principalmente no que diz respeito à aplicação da política nacional desenvolvimentista. Não negamos esse aspecto, mas nossa análise ultrapassa esse aspecto, pois acreditamos que seu prestígio tenha sido alcançado, acima de tudo, pelo uso do *marketing* político.

Assim, em nossa concepção, não basta apenas ressaltar como Ney Braga torna-se um defensor de tal pensamento político e da racionalidade administrativa, ainda que esses elementos associados ao capital propiciado pela prosperidade da produção cafeeira no norte do Estado rendeu-lhe prestígio. Nossa análise também demonstra que não basta ressaltar a questão do clientelismo, do apadrinhamento político de Bento Munhoz da Rocha, seu cunhado, através da Chefatura de Polícia, em 1952, ou outras negociações eleitorais. Mas o fato novo que envolve a figura de Ney Braga é a utilização do então ainda incipiente no Brasil, *marketing* político. O contexto em que esse político é governador do Estado do Paraná equivale a um período em que a vida política está atrelada à democracia competitiva. Com o propósito de fazer-se identificar com cada eleitor, os homens públicos valem-se do *marketing*.

Cabe aqui operacionalizarmos, para melhor entendimento da nossa proposta de estudo, a distinção entre propaganda política e *marketing* político.

---

<sup>2</sup> Ibid., p. 59.

<sup>3</sup> Moysés Lupion foi governador do Estado do Paraná de 1947 a 1951 e de 1956 a 1961. Foi presidente do PSD de 1956 a 1960. Bento Munhoz da Rocha Neto foi governador do Estado de 1951 a 1955 pelo PR (Partido Republicano). No caso do primeiro, a presente pesquisa apresenta a oposição de Ney Braga em relação ao seu antecessor. O periódico situacionista estudado apresenta a imagem do governo de Lupion marcado pelo descomprometido com as causas públicas e pela corrupção e desmoralização da máquina administrativa. Esse aspecto será demonstrado no terceiro capítulo. Já a relação com Bento Munhoz da Rocha Neto nossa pesquisa demonstra ser mais complexa. Quando Ney Braga sai candidato a deputado federal em 1958, não encontrou espaço para exercer sua liderança pelo mesmo partido que seu padrinho Munhoz da Rocha, uma vez que dentro desse círculo de relações a liderança era exercida exclusivamente do segundo; e Ney teria que se contentar em sair candidato a deputado estadual. Assim, Ney Braga abandona a chapa do ex-cunhado e filia-se ao PDC. Em 1965, Ney Braga e Munhoz da Rocha rompem os laços políticos através de uma troca de cartas. Esses aspectos também são abordados e analisados no segundo e no terceiro capítulos.

A propaganda enquanto um recurso político adquiriu enorme importância para o exercício do poder nas décadas de 30 e de 40 quando ocorre um grande avanço dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, alguns estudos revelam como a propaganda política foi muito utilizada pelos regimes totalitários, como o Nazista, na Alemanha, e pelo próprio varguismo e peronismo, na América.<sup>4</sup>

Já o *marketing* pressupõe profissionalização e aquisição de técnicas de bastante precisão. Exige, portanto, profissionais como estatísticos, jornalistas, fotógrafos para a produção da imagem a ser fixada.

Segundo João Camilo de Oliveira Torres, o *marketing* político obedece a quatro fases distintas: penetração, expansão, decisão e consolidação. A fase de penetração é marcada por um trabalho inicial e doutrinário, de ação pessoal de formação de um grupo de liderança comprometido com o político. Na fase de expansão procura-se difundir o máximo de idéias com o objetivo de convencer o eleitorado ou os governados, criando um ambiente favorável de ação. Na fase de decisão, o homem público apresenta-se diante dos governados contando com um clima antecipado de aprovação de suas idéias e dos planos de ação de seu governo, entusiasmando seus partidários e desestabilizando seus adversários. Na última fase, a de consolidação, pressupõe conquistar, um grande número de adeptos, muitos deles provenientes do funcionalismo público, que aderem ao homem público que esta no poder. Cabe assim, nessa fase, elaborar “pacotes publicitários que mantenham o nome e o prestígio do candidato, doravante governante, em cena”.<sup>5</sup>

Jean Marc Ferry ao analisar as transformações sofridas pelo que ele chama de publicidade política, afirma que, desde o século XIX, com o advento da sociedade de massas, o espaço público cada vez utiliza-se mais do recurso da publicidade. Para esse autor, o advento do voto universal (base da democracia) fez emergir o poder público das massas. Essa nova sociedade ele caracteriza como sociedade mediática. Nesse sentido, apresenta o papel da sondagem política — e mais especificamente dos técnicos especializados para fazer essa

---

<sup>4</sup> Sobre a análise da propaganda política do varguismo e do peronismo na América pode ser citado o trabalho de Maria Helena Capelato. Essa autora apresenta a importância da propaganda nesses dois regimes de governo e as suas aproximações com os regimes totalitários, especialmente o nazista, na Europa. Ver: CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena : propaganda política no varguismo e peronismo*. São Paulo : Papyrus, 1998.

<sup>5</sup> TORRES, João Camilo de Oliveira. *A propaganda política : natureza e limites*. Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 1958. p. 78.

sondagem — como indispensável para o exercício do poder, no sentido de que, a atividade desses técnicos e o resultado de seus trabalhos, permitem a legitimação do poder.<sup>6</sup>

Ney Braga é um dos primeiros homens públicos brasileiros a lançar mão do *marketing* para adquirir a sua promoção e legitimidade no meio político.

Assim, o ponto central da presente pesquisa é a análise do *marketing* político veiculado pelo “OEP” sobre o governador Ney Braga, cabendo a verificação de que imagens serão associadas ao governador paranaense e como seu personagem político será apresentado pelo periódico. Analisa-se também o diálogo, promovido no período em estudo, entre “OEP” e o “DT” a fim de se verificar as imagens associadas ao personagem político em questão, no periódico de oposição, coincidem e, em que medida, se relacionam ou interagem com o de situação e em uma conjuntura mais ampla. Esses aspectos tornam-se importantes de serem verificados porque coerentemente com o *marketing* ocorre uma disputa do mercado de opiniões. Segundo Ciro Marcondes Filho,

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso a informação sofre um tratamento que o adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo.<sup>7</sup>

Nesse sentido, analisa-se a notícia como uma mercadoria, portanto, passível de ser vendida. A notícia adquire duas dimensões: o valor de uso e o valor de troca. Dessa forma, os jornais seguem as imposições da estética da mercadoria para que possam vender seus produtos, ou seja, suas notícias.

Esse aspecto — a notícia como mercadoria — é de grande valia para compreendermos a relação entre os dois jornais em estudo no período, pois ambos disputam leitores, procurando vender suas notícias. Por outro lado, nesta conjuntura, o Estado é também um cliente dos jornais, de vez que adquiriu espaço de *marketing* para divulgar as obras do governo e o próprio personagem público. E Ney Braga foi um dos representantes dessa mercantilização da notícia.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> FERRY, Jean-Marc. *Les transformations de la publicité politique*. In : **Hermes** : Cognition, communication, politique. Paris : Editions du CNRS, 1984. p. 15-26.

<sup>7</sup> MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia : jornalismo com produção social da segunda natureza*. São Paulo : Ática, 1989. p. 13.

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O interesse de estudiosos sobre o *marketing* político consolidou-se após o restabelecimento das democracias competitivas. A grande questão que a maioria dos estudos aponta é: como entender, no século da racionalidade política, o surgimento das paixões, da recorrência às promessas, aos apelos, às profecias, aos anúncios, ao culto do chefe carismático? Buscar abordar e entender a política contemporânea é ter de responder a esta questão, que nos remete ao imaginário político, principalmente, ao se levar em conta o papel dos meios de comunicação de massa e a difusão de discursos (construídos a partir das técnicas do *marketing*) que produzem e reproduzem o universo da política, de forma a influenciar os interlocutores, formando e transformando os sentimentos coletivos.<sup>9</sup>

Segundo o nosso entendimento, o governo Ney Braga está inserido nesse contexto, em um meio político marcado pela recorrência ao imaginário e pela utilização dos mecanismos ofertados pelo *marketing* político.

Com base no enfoque de estudo proposto sobre o personagem político Ney Braga, as reflexões de Raoul Girardet tornam-se muito importantes, pois ao estudar o mito do salvador, relata como o líder utiliza o *marketing* para ascender na esfera do político, bem como o papel dos jornais, revistas e biografias, que podem transformar um personagem público em um salvador, no guardião da normalidade e da moralidade.

Apropriando-se do *marketing* político, segundo Raoul Girardet, os homens públicos se fortalecem. Em torno do líder, na submissão, na devoção e no entusiasmo é que uma vida coletiva se reestrutura, as fidelidades se reconstituem, as trocas afetivas se estabelecem; isso porque, são os mesmos signos, os mesmos apelos, as mesmas palavras de ordem, as mesmas

---

<sup>8</sup> Sobre a relação dos meios de comunicação de massa e a intervenção do Estado, ver OLIVEIRA, Dennison de. *Estado e mercado : telecomunicações no Brasil*. Curitiba : Prephacio, 1991.

<sup>9</sup> Sobre o papel da mídia e dos meios de comunicação de massa na vida política cabe destacar o trabalho de BALANDIER, George. *O poder em cena*. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1982; ANSART, Pierre. *La gestion des passions politiques*. Lausann, Suisse : Editions L'Âge d'Homme, 1983; ACHACHE, Gilles. *Le marketing politique*. In : *Hermes : cognition, communication, politique*. Paris : Editions du CNRS, 1984; FERRY, op. cit.; GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo : Companhia das Letras, 1987; PAZ, Francisco Moraes. *Artimanhas da política no jogo eleitoral*. Curitiba : Prephacio, 1990.

referências e as mesmas certezas que passam a ser compartilhadas entre o líder e a sociedade em que deve atuar.<sup>10</sup>

Para responder a problemática que se levantou sobre o personagem político Ney Braga, deixar-nos-emos orientar também por George Balandier, que desenvolve o conceito de teatrocracia e de transposição.<sup>11</sup>

A transposição é, segundo George Balandier, um dos elementos necessários para que um personagem ascenda no cenário político, pois ele pode, através do *marketing*, produzir imagens, manipular símbolos, organizar um quadro cerimonial. Assim, a transposição se fundamenta na produção de imagens e manipulação de símbolos com o fim de serem utilizados pelo líder político para atingir o convencimento em relação à sua pessoa e suas ações governamentais. Neste caso, o imaginário torna-se parte constituinte das manifestações políticas dada a transposição do primeiro para o segundo.<sup>12</sup> Existe, dessa forma, uma equivalência entre arte de governo e arte em cena; daí o termo teatrocracia, que reconhece o ato de governar como uma arte.<sup>13</sup> O *marketing* político reforça a formação de aparências e liga o destino dos homens de poder tanto à qualidade de sua imagem quanto às suas obras o que facilita a arte da persuasão, do convencimento.

Pierre Ansart e suas abordagens sobre o *marketing* político também são de grande importância para a realização do estudo proposto.

Segundo este autor, o *marketing* transmite ao público inúmeras mensagens, apelos, interpelações, dramatizações, que têm o papel de influenciar, de modificar os sentimentos coletivos frente, por exemplo, a um acontecimento político, a uma ação governamental ou a um personagem político. Para Pierre Ansart, os líderes políticos produzem imagens e símbolos com a finalidade de comover o seu público de governados através das obras que planeja e inaugura, ou de suas ações frente ao governo.

É de grande importância também, a literatura produzida sobre o *marketing* jornalístico que discute a formação de opinião e a incitação às emoções. Nesse sentido, Ciro Marcondes

---

<sup>10</sup> Para Girardet o que dá legitimidade a um governo é o reconhecimento do governado com o sistema em que se insere. GIRARDET, op. cit., p. 95-96.

<sup>11</sup> Segundo o autor, o poder não pode ser efetivo sem a utilização dos símbolos, do imaginário social: a política quando produz a ilusão, através do imaginário, se justifica.

<sup>12</sup> BALANDIER, op. cit., p. 06.

<sup>13</sup> Segundo George Balandier, as técnicas dramáticas não são de uso exclusivo do teatro, mas a política pode utilizar-se dessas técnicas. Isso é possível e indispensável porque a aceitação de um governo resulta, em

Filho afirma que o *marketing* no jornalismo tem a função de direcionar o gosto, as emoções e sensações do leitor muito mais do que formar a opinião política frente aos acontecimentos noticiados. Dessa forma, os textos jornalísticos tornam-se noticiosos, as informações, na maioria das vezes, são fragmentadas, desvinculadas do contexto, isolando-se apenas determinados aspectos da mesma, geralmente, o sensacional.<sup>14</sup>

Jean-Marc Ferry, ao analisar as transformações do *marketing* político afirma que com a instalação do sufrágio universal os meios de comunicação de massas deixam de formar a opinião pública sobre os assuntos políticos e, no lugar dela, procuram criar nos receptores sentimentos e emoções. Nesse caso, tem grande importância a sondagem para legitimar o poder público governamental.<sup>15</sup>

O *marketing político* constitui-se como uma novidade na política brasileira e paranaense nos anos 60. E é exatamente a apropriação desse recurso e a sua articulação, com os sentimentos e emoções, empreendidas pelo homem público Ney Braga que constitui o foco de interesse da presente pesquisa. Cabe advertir para o fato de que a presente pesquisa não se propõe julgar o personagem Ney Braga ou analisar as suas obras administrativas. O que nos interessa é justamente analisar as relações estabelecidas por esse personagem com o *marketing* político.

### 1.1.1 Uma idéia força : o discurso nacional desenvolvimentista

Para o desenvolvimento do presente estudo torna-se necessário ressaltar a importância do pensamento pautado no nacional desenvolvimentismo na política brasileira.

A década de 60 no Estado do Paraná é, marcadamente um momento de grandes transformações políticas e econômicas, coerentes com o contexto brasileiro desde a década de 50. Na segunda metade dessa, mais especificamente após 1956, intelectuais e políticos passam a pautar a organização política e econômica brasileira a partir da ideologia nacional desenvolvimentista. Um de seus principais expoentes foi sem dúvida o presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961).

---

grande parte, das ilusões de ótica social: a imagem do político tem que corresponder ao que a sociedade deseja em relação à política. Daí o porquê do autor utilizar o termo teatocracia.

<sup>14</sup> MARCONDES FILHO, op. cit., p. 26.

<sup>15</sup> FERRY, op. cit., p. 19-24.



A política nacional desenvolvimentista tinha como pressuposto básico o desenvolvimento capitalista, com a interferência decisiva do Estado para se alcançar a prosperidade..<sup>16</sup>

Juscelino Kubitschek propunha uma política que permitiria deflagrar a aceleração do processo de crescimento econômico, superando o estado de atraso e alcançando a prosperidade. Segundo tal discurso, existiam dois estágios: o de subdesenvolvido e o de desenvolvido. Para o pensamento da época, o primeiro estágio devia ser superado para atingir a prosperidade para todos, consistindo na substituição do modelo agrário exportador pela industrialização. Surge, nesse sentido, a necessidade de “aumentar a produção, diversificá-la, adequar a produção às necessidades de consumo, ampliando-a para o fortalecimento da capacidade produtiva”..<sup>17</sup>

Nesse sentido, para alguns autores trata-se de um dualismo na política nacional desenvolvimentista: o velho em contraste como o novo. O velho é representado pelo “imobilismo do interior (o sertão da pecuária, do latifúndio, do coronelismo, do agrarismo tradicional)”; já o novo é representado “pelo litoral que se vincula à indústria, ao grande comércio”..<sup>18</sup> A proposta do nacional desenvolvimentismo aponta de um lado para o futuro — ela pauta-se na noção de progressão — e por outro, para o estado de bem estar social — articulando em seu discurso a totalidade da população brasileira.

Essa discussão insere-se em um contexto mais amplo, o da Guerra Fria, no sentido de contrapor a pobreza ao desenvolvimento econômico, visto como um meio de afirmação da democracia para obstaculizar a ascensão do comunismo. Nesse caso, a necessidade de preservar a democracia seria um antídoto contra a ameaça comunista..<sup>19</sup> No contexto de Guerra Fria, o desenvolvimento faz-se em nome da segurança nacional, pois o processo de desenvolvimento determina a segurança, e o produto do desenvolvimento determina a democracia.

---

<sup>16</sup> CARDOSO, Mirian Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento* : Brasil, JK - JQ. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977. p. 74.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 77-93.

<sup>18</sup> CASTRO, Ana Célia de. *Evolução recente e situação atual da agricultura brasileira* : síntese das transformações. Brasília : Binagri Edições, 1979. p. 35.

<sup>19</sup> CARDOSO, op. cit., p. 112.

Justificada a necessidade do desenvolvimento, aparecem os elementos necessários para que este se efetive: os investimentos para equipar e reequipar o parque industrial brasileiro com o apoio do capital internacional.

Delineando-se o processo de desenvolvimento, define-se seu gerenciador, o Estado. Este, enquanto gerenciador, dever planejar com racionalidade apontando para o que é prioridade e para a contenção de despesas. É ele quem “racionaliza a ação do setor público”.<sup>20</sup>

Apontando para a racionalidade, são estabelecidas, pelo nacional desenvolvimentismo, as funções do Estado: promover e gerenciar as obras de infra-estrutura e facilitar e estimular as atividades e investimentos privados. Para tanto, aparecem como medidas a serem tomadas para por em prática a ideologia nacional desenvolvimentista: reforçar o papel do Estado na economia, nas áreas de planejamento, investimentos e direcionamento da política desenvolvimentista; maior intervenção na esfera agrícola com vistas à sua modernização tecnológica; e, redução das desigualdades sociais. Para tanto, o Estado deveria direcionar sua ação para as indústrias infra-estruturais.

O governo de Ney Braga enquadra-se nas propostas do nacional desenvolvimentismo, pois frente ao executivo paranaense o governador procurará, através de suas ações, redefinir as funções do Estado, bem como aparelhá-lo para atingir as metas desenvolvimentistas. Assim, ele se apropria dessa idéia força como outros políticos da época — o que não difere em muito dos políticos paranaenses anteriores como Moysés Lupion, Bento Munhoz da Rocha, Manoel Ribas, Afonso Camargo — que também se valeram do discurso de modernização através da industrialização.

A esta vanguarda tradicional de políticos paranaenses não se tinha consolidado uma oposição na década de 60.

Segundo Francisco Magalhães Filho, o PSD era o partido dominante no Estado. A oposição era feita pela UDN (União Democrática Nacional) e sua bandeira do moralismo, pelo PTB e sua bandeira de maior participação popular no governo e pelo PSP (Partido Social Progressista) de pouca repercussão no Paraná. É nesse contexto que emerge uma nova liderança política, pautando seu discurso no combate à corrupção e na promessa de realização de obras estruturais de integração para o Estado.<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 166.

<sup>21</sup> MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de (Coord.) *Sobre política paranaense : entrevistas*. Curitiba : IPARDES, 1989. p.121-122.

Dentro desse contexto é que emerge Ney Braga. Apesar de sua linha conservadora, e de seu compromisso programático com políticos conservadores, pauta seu discurso no nacional desenvolvimentismo associado à prosperidade propiciada pelo café. Dessa forma, ele será enunciado como o novo, o diferente. Ney emerge em um Estado onde a oposição aos políticos tradicionais não está consolidada e no qual os maiores problemas estavam nos conflitos sociais, majoritariamente no campo.

Ney Braga assumiu a direção do Estado do Paraná em um período marcado pela expressão “desafio”.<sup>22</sup> Segundo os jornais da época, coerentemente ao que se observa, na década de 60, em todo o Brasil, como um momento de discursos de comprometimento político com a modernização dos Estados segundo os princípios do nacional desenvolvimentismo. No caso do Paraná, a situação não será diferente. Ney Braga, em seus discursos, propõe modernizar o Estado, dando a este uma nova fisionomia que superasse a “vocação paranaense”, voltada à monocultura cafeeira, diversificando a economia e promovendo a industrialização. O novo governador do Estado, ao assumir o executivo paranaense em janeiro de 1961, procurará pautar seus discursos e suas ações governamentais dentro do que denominará, em tom nacionalista, de “projeto paranaense de desenvolvimento”.<sup>23</sup>

Ney Braga, em seus discursos, torna-se um defensor não só do desenvolvimento, mas da justiça social, da moralidade pública e do restabelecimento da eficiência do Executivo. Seu governo representa-se como uma contra-ação aos governos anteriores, iniciando uma série de denúncias políticas e se comprometendo em “pôr ordem na casa”. Nesse sentido, Ney Braga

---

<sup>22</sup> Na década de 60, os políticos paranaenses atribuem ao Estado do Paraná um papel importantíssimo em relação à economia nacional. Para responder a essa atribuição, inicia-se no Estado, sob a liderança de Ney Braga, a reorganização da economia, priorizando os diversos setores da produção e não apenas a monocultura cafeeira. Ver MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de (Coord.) **O Paraná reinventado : política e governo**. Curitiba : IPARDES, 1989, p. 56.

<sup>23</sup> Ney Braga procura deixar claro em seus discursos que sua preocupação está em desvincular do Estado do Paraná a imagem de economia paulista, pois o café expandiu-se a partir de São Paulo para o norte paranaense. Com esse objetivo, transparece em seus discursos o seu comprometimento com a modernização do Estado, ressaltando sua desvinculação com as administrações políticas anteriores — preocupadas essencialmente com o povoamento do Paraná e o desenvolvimento da “vocação paranaense”. Ver AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo : Símbolo, 1978.; MAGALHÃES, **O Paraná reinventado ... op. cit.**; MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. **Da construção ao desmanche : análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo.

representaria nos anos 60 uma atuação modernizante que se contrapunha às atuações tradicionais, por ele, enunciadas como corruptas.<sup>24</sup>

Em seus discursos, uma de suas principais preocupações é fazer o Paraná ascender no panorama nacional, tornando-se um Estado que, graças ao seu desenvolvimento, possa colaborar para o desenvolvimento do Brasil. Outra preocupação é que o Paraná transforme-se em um Estado conhecido nacional e internacionalmente pela sua dinâmica, moralidade, progresso e desenvolvimento, mudando a imagem e conceito que se tem do Paraná.

Segundo Maria Oliva Augusto, a inserção de Ney Braga no posto do Executivo Paranaense não representou apenas uma mudança de homens públicos em postos governamentais. Essa mudança veio “acompanhada de uma nova visão do papel que o Estado deve desempenhar na orientação da economia”.<sup>25</sup> De acordo com a autora, o Estado deveria tornar-se o promotor do desenvolvimento, intervindo diretamente no processo de industrialização, condição imprescindível para que obtivesse a superação de sua condição de atraso econômico.

Dentro dessa nova função assumida pelo Estado no início da década de 60, o governador Ney Braga cria uma série de sociedades de economia mista, ou seja, a associação de capitais públicos e privados sob o controle da iniciativa pública. Dessa forma, foram criadas a CAFÉ do Paraná — Companhia Agropecuária de Fomento Econômico do Paraná — em 1961; a FUNDEPAR — Fundação Educacional do Paraná — em 1962; a CODEPAR — Companhia de Desenvolvimento — em 1962; a SANEPAR — Companhia de Saneamento do Paraná — em 1963; a TELEPAR — Companhia de Telecomunicações do Paraná — em 1963; a CELEPAR — Centro Eletrônico de Processamento de Dados — em 1964; a COHAPAR — Companhia de Habitação do Paraná — em 1965. Nesse sentido, o governo de Ney Braga assume um caráter claramente modernizador, criando órgãos estaduais que visavam o desenvolvimento do Paraná em todas as suas áreas.

---

<sup>24</sup> Os discursos de Ney Braga se centralizam na promoção do desenvolvimento econômico e assistência aos paranaenses. Procura demonstrar nesses discursos a necessidade não só de diversificar a economia e promover a industrialização, além é claro que apoiar a produção cafeeira, mas sua preocupação com os conflitos de terra no oeste e sudeste paranaense, garantindo a posse pacífica de terras a agricultores; a preocupação com a educação e assistência de saúde para servir à população do Estado. Vai levantar uma série de denúncias ao governo que o antecedeu (de Moysés Lupion), construindo um discurso que visa desmontar as propostas políticas desse governo. Ver AUGUSTO, op. cit., p. 29; 48; 54.; MAGALHÃES, *O Paraná reinventado ...* op. cit., p. 58-61; BRAGA, Ney Aminthas de Barros. *Ney Braga : tradição e mudança na vida política*. Curitiba : Editora do Autor, 1996, p. 160-163.

<sup>25</sup> AUGUSTO, op. cit. p. 48.

Sobre tais iniciativas e políticas, muitos trabalhos já foram escritos, seja de cunho comemorativo, político ou acadêmico. O papel do governo de Ney Braga na economia também foi e ainda é permanentemente ressaltado.<sup>26</sup>

Em nossa dissertação não nos preocuparemos em explicar ou provar a importância de Ney Braga ou de seu governo. Existe uma bibliografia capaz de dar conta desses aspectos. O que interessa a essa pesquisa é, sem dúvida alguma, a análise dos jornais selecionados, mas não a partir da problematização de sua gestão política e econômica, mas da vinculação de Ney Braga com a imprensa local e a conseqüente projeção de imagens referentes a esse personagem e das roupagens que ele utilizará capazes de projetá-lo no cenário político nacional como uma grande liderança política de sua época.

## 1.2 TIPOLOGIA DAS FONTES

Para a efetivação da presente pesquisa foi selecionada como fonte documental o periódico “OEP”. A justificativa da escolha do “OEP” pode ser feita pelo fato de se propor uma análise do *marketing* do personagem Ney Braga, e nada melhor para apreendê-lo do que através do principal órgão divulgador do governo. Esse jornal, na época, era dirigido por Aristides Merhy e Fernando Camargo. Pode-se observar que, na prática, funcionou como um veículo porta voz do governo estadual.

Consideramos necessário também, para maiores esclarecimentos, contrapor os editoriais do “OEP” com os editoriais e reportagens do periódico de oposição “DT”, formalmente de oposição. No entanto, o “DT” apesar de oposição, não realiza um jornalismo investigativo, apenas opinativo. Para tanto, essa oposição constitui-se a partir do diálogo com o “OEP”. Assim, as imagens construídas pelo periódico situacionista são contestadas pelo periódico de oposição. E mesmo assim, muito pouco freqüente.

Valemo-nos também da biografia de Ney Braga porque com ela, Ney Braga produz a sua própria auto-imagem para a posteridade. Considera-se a biografia como uma memória oficial feita sob encomenda. Independentemente de sua aceitação — pois foi caracterizada como um auto-elogio — ela revela o discurso do próprio Neyismo.

---

<sup>26</sup> Sobre esses aspectos ver AUGUSTO, op. cit.; MAGALHÃES, *O Paraná reinventado ...* op. cit.; LEÃO, Igor Zanon Constant Carneiro. *O Paraná nos anos 70*. Curitiba : IPARDES, 1989.; MAGALHÃES FILHO, op. cit..

Em relação à divisão do trabalho, ele ordena-se em três partes. No primeiro capítulo empreendemos uma análise da biografia de Ney Braga, com a finalidade de entendermos qual a visão que o próprio político, no presente, tem de sua carreira pública, no passado. Ao mesmo tempo, aproveitamos para apresentar quem é o personagem enfocado no presente estudo.

No segundo capítulo procuramos verificar quais as imagens veiculadas pelo periódico “OEP” em relação ao governador Ney Braga.

No terceiro capítulo, procuramos promover o diálogo entre o periódico situacionista (“OEP”) e o periódico de oposição (“DT”), para verificarmos quais as imagens destacadas pelos periódicos em relação a Ney Braga.

Cabe ressaltar que, para entender a gestação do que se convencionou chamar de “o maior líder político do Paraná”, apesar de se levar em conta sua eficiência e seus arranjos eleitorais, a ênfase de nossa pesquisa recai sob o *marketing* político. Dessa forma, nossa preocupação maior está nas imagens, nos efeitos e nos diálogos com a política mais ampla, veiculados pela imprensa local.

## 2 DA VIDA PRIVADA À VIDA PÚBLICA : UMA MEMÓRIA OFICIAL

Em 1997, foi lançada a biografia de Ney Braga. Essa obra foi encomendada pelo próprio político paranaense aos quase oitenta anos de idade. Nela, Ney Braga, em entrevista a Adherbal Fortes de Sá Júnior e Gladimir Nascimento, lança seu olhar ao passado, resgatando, de forma seletiva, as principais passagens de sua vida. A cada página, pode-se perceber as suas interpretações saudosistas do passado, o qual julga heróico e que após o fim da ditadura militar foi deixado em segundo plano, no ponto de vista político, porque outras lideranças surgiram. A biografia foi financiada pelo autor e teve apoio da fundação Banco Bamerindus do Brasil S.A, que pertencia a uma rica família paranaense e cujo ápice, enquanto instituição financeira, se deu no período desenvolvimentista. A obra que foi distribuída a algumas repartições públicas e que pode ser adquirida comercialmente tem, na sua primeira página, a assinatura do próprio ex-governador.

Antes de iniciarmos a análise do material, faz-se necessário explicar como consideramos, para efeito de análise, a biografia. Para tanto, recordamos Jacques Le Goff, ao afirmar que os materiais da memória que podem ser utilizados pela história possuem duas formas principais: os monumentos e os documentos.

O documento tem o significado de prova e é uma escolha do historiador e no século XIX adquire o sentido de testemunho histórico. Já o monumento está relacionado com a memória e tem a função de fazer recordar, de instruir, pois “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”.<sup>27</sup> Dessa forma, o monumento tem a característica de estar ligado intimamente à perpetuação de algo, seja de forma voluntária ou involuntária.

Levando em conta esses dois aspectos, podemos afirmar que através da biografia, Ney Braga faz seu próprio monumento, pois foi identificado após a redemocratização com o regime militar. Primeiro pelo fato de não ter deixado herdeiros políticos e segundo pelo seu governo (1979-1982) ser caracterizado como o último governo da ditadura militar.

Ney Braga participou dos acontecimentos durante a crise de 1964. Segundo René Armand Dreifuss, Ney Braga, no Paraná, foi um dos articuladores da Revolução de Março de 1964. Assim, em primeiro lugar esse personagem declarou-se atuante nos acontecimentos do

---

<sup>27</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In : *Enciclopédia Einaudi : Memória-história*. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984. p. 95.

31 de março daquele ano e depois organiza a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) no Paraná, em 1966. Dessa forma, Ney Braga declara-se abertamente favorável ao regime instalado, chegando a torna-se, durante dois governos militares, ministro — Ministro da Agricultura durante o governo de Castelo Branco (1965-1966) e Ministro da Educação e Cultura durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1978) — além é claro de Senador da República e de governador eleito por via indireta, em 1978, durante o governo de João Batista Figueiredo.<sup>28</sup>

O ano de 1979 representa um novo momento de reformas eleitorais, no qual extingue-se o bipartidarismo — ARENA E MDB (Movimento Democrático Brasileiro) — e estabelece eleições diretas para governadores de Estado. Nesse momento, a oposição ao regime (liderada pelo recém criado PMDB — Partido do Movimento Democrático Brasileiro) inicia uma série de vitórias em todo o Brasil, inclusive no Paraná, com José Richa.<sup>29</sup>

Nesse sentido, após as vitórias da oposição e, em 1984, com o fim da ditadura militar Ney Braga torna-se um dos símbolos do regime no Paraná, portanto, um símbolo que deveria ser superado. Para suprir essa carga negativa, ele elabora o seu monumento. É dentro dessa perspectiva que sua biografia será abordada nessa pesquisa.

O objetivo de análise da biografia não será para celebrar as virtudes de Ney Braga isso a própria biografia dirigida pelo próprio autor já o faz à exaustão. Procuraremos, entretanto, promover um diálogo com os periódicos selecionados para o presente estudo. Dessa forma, a narrativa de Ney Braga será entremeada com comparações das imagens pretendidas pela auto-celebração do político paranaense com reportagens dos periódicos.

Antes de iniciarmos a análise documental cabe uma explicação, já enunciada na introdução. Temos noção da importância do personagem Ney Braga para a história política contemporânea, principalmente no pós-64. No entanto, dado o período exíguo para a finalização da pesquisa, o período dos governos militares nos escapam à análise. Fazemos não por desconsiderar a importância do político paranaense, mas por se tratar de outro contexto institucional. Se nos referimos a esse período nessa parte da biografia, não é com o fim de analisá-lo, mas porque ele nos ajuda a evidenciar o caráter de documento/monumento da biografia.

---

<sup>28</sup> Ney Braga após o fim da Ditadura Militar foi Diretor da Itaipu Binacional.

<sup>29</sup> MAGALHÃES, Marion Brepohl de. *Paraná : política e governo*. Curitiba : UFPR/SEED, 2000. (mimeo). p. 77-79.



## 2.1 O LAPEANO NEY BRAGA

A primeira parte da biografia — “Na Lapa dos anos 20” — é construída, em forma de memórias, a infância e a adolescência de Ney Braga em sua cidade natal, citando ainda os colégios nos quais estudou. Não resgata simplesmente memórias de sua história de vida, pois a cada episódio narrado induz o leitor a construir uma imagem do político Ney Braga. Assim, do início ao fim da primeira parte, o político Ney Braga apresenta os elementos (qualidades e virtudes) que constituíram sua carreira pública. A própria apresentação de Adherbal Fortes de Sá Júnior incita o leitor a conhecer, a partir da leitura da biografia, a personalidade do político paranaense.

Ney Braga inicia sua auto-celebração, escrita em primeira pessoa, afirmando descender de uma família de tradições — “nasci numa família tradicional da Lapa”. Assim é iniciada a biografia do governador paranaense, que na próxima oração tem o cuidado de explicar a palavra tradicional: “quero me referir à tradição em seu sentido etimológico — à transmissão dos fatos e valores espirituais através das gerações”.<sup>30</sup>

A imagem de herança de valores e virtudes vai predominar ao longo de toda essa primeira parte da biografia. Ao construir sua árvore genealógica, em primeiro lugar, Ney Braga narra descender de um dos envolvidos no conflito do Cerco da Lapa, José Aminthas Costa Barros, seu avô materno, casado com Maria Eufrásia Faria de Barros. Não apenas menciona a sua descendência, mas afirma: “meus avós maternos participaram ativamente da política da época, dos anos 1890”.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> BRAGA, op. cit., p. 14.

<sup>31</sup> Trata-se da Revolução Federalista (1893-1894), movimento liderado pelos maragatos gaúchos para destituir da presidência Floriano Peixoto e instalar o parlamentarismo. Nesse período, os revolucionários vindos do Rio Grande do Sul em direção ao Rio de Janeiro avançaram sob o Paraná. Em janeiro de 1894 tomaram as cidades de Paranaguá e Tijucas e logo em seguida Curitiba foi invadida e o governo transferido para Castro. Dessa forma o único ponto da resistência legalista era a Lapa. Ainda em janeiro as tropas federalistas cercaram a cidade (episódio do Cerco da Lapa) e os legalistas tentam defendê-la. Nesse episódio o avô de Ney Braga, José Aminthas Costa Barros, comandou um batalhão de civis. No dia 7 de fevereiro o General Gomes Carneiro é ferido e José Aminthas da Costa Barros é morto. MAGALHÃES, Paraná ... op. cit., p.17-18; BRAGA, op. cit., p. 14. KHUNHAVALIK, José Pedro. *Ney Braga : trajetória política e bases no poder*. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. p. 8-9.

Se, por um lado, os avós maternos de Ney Braga envolveram-se acirradamente em um movimento político, lutando e morrendo por uma causa<sup>32</sup>, os avós paternos, por outro lado, não lutaram em qualquer conflito, mas foram os responsáveis por unir duas famílias lapeanas. Segundo Ney Braga, após a Revolução Federalista, a vida social e política na Lapa ficaram divididas entre os partidários da revolução, os “maragatos” — a família Braga — e os defensores do governo central, os “pica-paus” — a família Lacerda.

Da forma como é construída esta memória, percebe-se que se, por um lado, a herança recebida por Ney Braga dos avós maternos foi a de envolver-se nos assuntos políticos, dos avós paternos, por outro lado, o político paranaense herda a virtude de superar os desentendimentos, fazendo sempre reinar a harmonia e a conciliação. Estas duas características são celebradas na biografia pelo político paranaense como ideais, entre as elites dirigentes.

não é difícil imaginar a situação em que viviam, eles e seus filhos, com a preocupação permanente de evitar as desavenças políticas. Meu pai sempre me recomendava conviver bem com os dois lados. Na cidade havia dois clubes, o Congresso Recreativo e o Clube União. Um era freqüentado pelos Lacerda e outro pelos Braga. (...) Quando havia baile nos dois, papai dizia para que fôssemos num, mas não deixássemos de passar também no outro. Essa nossa atitude tornou-se tão conhecida que, muitos anos depois, quando fui ministro da Educação, o ministro Pedro Calmon lembrou o fato ao me saudar e concluiu “... Ney Braga nasceu sob o signo da conciliação”.<sup>33</sup>

Seguindo a linha das heranças recebidas de sua tradicional família, a narrativa de Ney Braga enfatiza o caráter conciliatório que o político paranaense recebeu desde cedo: evitar as desavenças e fazer perpetuar a conciliação. O exemplo vivo dessa lição, segundo as palavras de Ney Braga, foi recebido em casa. No trecho acima citado podem ser destacados dois aspectos: o primeiro é o fato das orientações familiares começarem em casos banais como ir aos dois clubes da cidade, demonstrando para a sociedade lapeana que Ney Braga não compactuava com a briga das famílias; o segundo, é associação feita pelo político de que, quando ministro da Educação, foi saudado como o homem que nasceu sob o signo da conciliação.

---

<sup>32</sup> Ney Braga em suas memórias faz questão de ressaltar a importância de sua família na Revolução Federalista, enfatizando o caráter de herói de seu avô: “No Cerco da Lapa, meu avô, liderado pelo general Carneiro, comandava um batalhão de civis. (...) antes de sair de casa, José Aminthas despediu-se da filha, minha mãe, que tinha menos de dois anos (...) Saiu. Logo adiante uma rajada de tiros o matou”. BRAGA, op. cit., p. 14.

<sup>33</sup> Id.

O tema da reconciliação é recorrente na política brasileira não é uma invenção de Ney Braga. Por exemplo, durante o período em que foi governador do Estado, a imagem da conciliação foi uma das mais importantes para seu personagem. Essa mesma imagem é apresentada na biografia ao referir-se que no período em que foi chefe de polícia foi responsável por apaziguar os conflitos no campo.

Após afirmar que provém de uma família que possuía, de forma inata, a tendência à política, Ney Braga afirma a primeira virtude que um homem da vida pública deve possuir — a conciliação. Segundo a narrativa, Ney Braga já a possuía mesmo antes de ingressar na carreira política.

Esses dois aspectos estão carregados de uma imensa importância para a presente análise. Ney Braga não os apresenta por acaso em sua narrativa, pois consideramos que eles simbolizam a auto imagem que quer transmitir: ele, mais do que qualquer pessoa, estava apto a exercer cargos públicos por natureza. É como se Ney Braga tivesse a vocação de ser político, ou seja, tivesse nascido com seu destino traçado — ser um homem público.

Uma vez evidenciada essa virtude da conciliação herdada das tradicionais famílias Braga-Lacerda, podemos nos remeter à análise empreendida por Raoul Girardet que considera a ponderação e a justa medida como características afirmadas pelos homens públicos para que a população reconheça quem são os altos funcionários na direção dos negócios públicos, que se distinguem dos ideólogos e dos aventureiros políticos.<sup>34</sup>

Levando em conta a afirmação acima, Ney Braga enquadra a si mesmo na categoria de homem público ponderado. Segundo a narrativa, a apreensão do valor da conciliação na vida privada permite a Ney Braga, futuramente, quando assume a vida pública, coordená-la segundo os princípios e as regras da ponderação e da justa medida adquiridas na convivência familiar.

Dando continuidade à construção de sua árvore genealógica, Ney Braga apresenta os seus pais — Antônio Lacerda Braga e Semíramis Costa Barros — e os seus irmãos — Stella, Guilherme, Paulo, João e Antônio. E mais importante do que essa apresentação é a ênfase que a narrativa de Ney Braga dá à outra faceta da origem de sua família: uma família tradicional, porém pobre. Segundo Ney Braga, seu pai trabalhava na padaria de um parente e, como um

---

<sup>34</sup> GIRARDET, op. cit., p. 68.

bom empreendedor, foi aconselhado a abrir uma firma cuja função era construir o primeiro trecho da estrada do Cerne. Essa firma foi vendida quando Ney Braga se elegeu governador:

pois a empresa da família foi vendida. Por que foi vendida? Porque o filho de seu Antônio Braga, o Ney, tornou-se político, virou governador e ao pai soava antiético continuar proprietário de uma empresa que fazia contratos com o Estado. Não admitiu sequer afastar-se da direção da empresa, entregá-la a outra pessoa durante o período em que fui governador. Simplesmente decidiu vender, mesmo perdendo dinheiro. A carreira do filho era mais importante que qualquer outra coisa. Meu pai agiu assim porque era bom, sério, trabalhador e cuidadoso com a moralidade pública. Essa não é apenas a opinião de um filho. Antônio Braga fez muitos amigos sinceros, leais — e deixou a todos uma mesma saudade, um exemplo de vida que honra aqueles que colocam acima dos seus interesses os dos que mais carecem.<sup>35</sup>

Com essa narrativa, novas virtudes são apresentadas. A primeira é a capacidade de empreender. Virtude que ele admira no pai, que de simples funcionário de padaria tornou-se um empresário responsável pela construção da estrada do Cerne. A segunda é a honestidade também aprendida com o pai. Ney relata que o pai Antônio Braga vendeu sua empresa quando o filho venceu as eleições para governador do Estado. O tom dado a esse fato pela narrativa se justifica por querer o narrado identificar-se com a moralidade na atitude do pai, que não aceitou continuar dono de uma empresa que fazia contratos com o Estado, moralidade que é toda sua por herança.

Esse episódio, na época de seu governo em julho de 1961 será fartamente explorado pelo periódico de oposição do governo de Ney Braga o “DT”. Em uma reportagem sobre a falsa moralização do governo de Ney Braga, o periódico oposicionista afirma que um dos pontos mais enfocados durante a campanha de candidato do PDC em 1960 era a reavaliação dos contratos do Estado com as empresas empreiteiras de obras. Segundo a reportagem do jornal, o então candidato Ney Braga propunha que fossem reajustados os preços dos contratos. Dessa forma, faz a denúncia: o governador Ney Braga firmou um contrato com a empresa Aranha S.A., cujo presidente era o pai de Ney, para o asfaltamento das estradas de Pitanga-Campo Mourão, Campo Mourão-Rio Ivaí e Alvorada do Sul-Rincão (ofícios n. 1246 e 1630, de 20 e 21 de junho de 1961). Ironicamente a reportagem conclui: “É o que se pode chamar de negócio de pai para filho”.<sup>36</sup>

Compreendemos essa passagem relatada na biografia como de grande importância na construção da imagem de moralidade que seu personagem assumiu. Se procurarmos comparar

---

<sup>35</sup> BRAGA, op. cit., p. 21.

com as imagens recorrentes construídas pelo “OEP” no período de 1961 a 1965, o governador Ney Braga será apresentado como o homem público que age segundo os princípios da moralidade e honestidade. Esses dois princípios quase trinta anos depois, são celebrados em sua biografia para desmentir as acusações de falsa moralização, que a reportagem do “DT” vem apenas exemplificar. Dessa forma, a narrativa de Ney Braga destaca as virtudes admiráveis em Antônio Lacerda Braga. Segundo ele seu pai era um homem que considerava a ética e a moralidade como reguladoras de todas as atitudes. Destaca a bondade, a seriedade de um homem trabalhador e cuidadoso com a moralidade pública.

Assim, nas palavras do político paranaense, o pai, trabalhador e honesto, é o símbolo da prosperidade, pois é um empreendedor e, ao vender a empresa, símbolo da capacidade de preservar a moralidade pública e de subjugar seus interesses aos interesses dos que o cercam. Retratando o pai dessa forma, o político Ney Braga, toma-o como um exemplo de vida que ele, enquanto homem público assumiu para si.

No momento em que a biografia caracteriza a família de Ney Braga enquanto humilde, podemos destacar a importância que a narrativa procura dar ao personagem Ney Braga e ao seu destino político. Essa manifestação será recorrente em inúmeras passagens do relato da vida do governador paranaense na biografia. Nessa passagem, enfatiza-se o meio social a que pertencia o personagem político em questão. Ney Braga caracteriza a si mesmo como filho de pai possuidor de uma pequena empresa que mais tarde foi vendida. No momento da venda, o político, em sua biografia, afirma, em relação a outros membros de sua família, “somos de classe média, quase todos assalariados”.<sup>37</sup>

Um outro aspecto que merece destaque é a herança recebida por Ney Braga do caráter empreendedor do pai. Com a idéia de livre iniciativa pode-se entender o referido personagem político. Afinal, Ney Braga assumiu a defesa do desenvolvimentismo — que em nenhum momento deixa o leitor entrever que ele se apropriou dela, principalmente no seu primeiro governo no Estado (1961-1965), período no qual ficou conhecido pelas obras de infraestrutura realizadas em diversas regiões do Estado. Na biografia, Ney Braga está justificando quando surgiu essa sua capacidade de político gerenciador dos negócios econômicos do Estado. Foi por essa imagem que sua administração nesse período ficou conhecida. Cabe lembrar que estas são as memórias do político Ney Braga no presente, lançando seu olhar em

---

<sup>36</sup> Moral em concordata. *Diário da Tarde*, Curitiba, 22 jul. 1961.

relação ao seu passado. Nesse sentido, podemos afirmar que Ney Braga está tentando localizar para o leitor o momento no qual melhor utilizou essa sua capacidade herdada.

Dessa forma, afirmamos que Ney Braga em sua biografia destaca a auto-imagem de empreendedor. Ao destacar esse aspecto, acreditamos que ele refere-se ao seu governo de 1961-1965, pois este é caracterizado, pela literatura do período, como o momento em que o Estado assume a tarefa de promotor do desenvolvimento econômico.

No entanto, o político paranaense destaca que a virtude de empreendedor herdou do pai, daí relatar o fato de que o pai de simples funcionário passou a gerenciar uma empresa. Mas nesse ponto um aspecto é lacunar em sua biografia, pois em nenhum momento refere-se ao pensamento desenvolvimentista da década de 60 que incitava o Estado a gerenciar setores da economia. Ao mesmo tempo, não se refere ao apoio recebido pela FIEP (Federação das Indústrias do Estado do Paraná) e pela ACP (Associação Comercial do Paraná) para pôr em prática o plano de industrialização e diversificação da economia, desenvolvido durante o seu primeiro governo do Estado. Ainda em 1960, os empreiteiros de obras públicas fundaram a Associação Paranaense dos Empreiteiros de Obras Públicas (APEOP) e estes participaram do Seminário de Desenvolvimento Industrial de Curitiba, realizado em 1965. Essa havia sido uma iniciativa da FIEP e da ACP para discutir e estudar as medidas a serem adotadas para industrializar Curitiba, incentivando o entrosamento entre os órgãos públicos e particulares a investir na região.<sup>37</sup> Notadamente esse aspecto é excluído das memórias de Ney Braga, justificando o caráter empreendedor de seu personagem (e não o de seu governo) pela via das heranças e não do contexto ideológico e institucional.

Além da capacidade de empreendedor, a biografia enfatiza a virtude da moralidade em Ney Braga, como uma das principais heranças familiares. Como se trata de uma memória construída pelo personagem em relação a si mesmo, pode-se afirmar que, nesse momento, a narrativa constrói a imagem pública do guardião da moralidade, o agente de mediação e de consolidação da ordem e dos valores da ética e da moral pública. Esse aspecto é de grande importância, principalmente nos anos em que esteve frente ao executivo paranaense pela primeira vez. Em todos os seus discursos e nos cinco anos que governou o Estado, fazia questão de ressaltar que era em nome da moralização do Estado, da máquina administrativa e

---

<sup>37</sup> BRAGA, op. cit., p. 21.

<sup>38</sup> OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba : Editora da UFPR, 2000. p. 124-127.

do dinheiro público que conduzia toda a sua administração. É também importante, tendo em vista o momento em que a biografia é publicada — após a democratização — a questão da inoperância administrativa, frente à crise econômica e desemprego não foi superada. Provoca, assim, uma certa nostalgia em relembrar a Era Desenvolvimentista.

Ainda, inserindo esse aspecto no contexto do início da década de 60, podemos afirmar que se refere — quando fala em moralização — à sua posição de opositor a Moysés Lupion na época, mas principalmente a todas as imagens padronizadas pelo regime militar do período de 1946 a 1964, como um momento de prática do clientelismo. Ney procura dissociar essa imagem de seu personagem, afirmando que era guiado pela virtude da moralidade.

Nessas primeiras páginas de sua biografia, Ney Braga reconhece a origem humilde de seus pais e de sua família, ressaltando a amizade, o companheirismo, a harmonia, além da moralidade que reinava em sua família. Esses serão os motes, segundo Ney Braga, que regularam a sua vida particular e, posteriormente, política. Em uma das passagens narradas por Ney Braga, este, em tom de gratidão, agradece ao pai e aos velhos amigos pela ajuda em sua carreira política: “ele (o pai) e seus amigos ajudaram muito na minha vida de político, porque tinham o dom, raro hoje em dia, de: conservar e ampliar amizades”.<sup>39</sup>

E recordando um conselho recebido de Caetano Munhoz da Rocha, Ney Braga estabelece uma escala de valores na qual prioriza alguns, que considera fundamentais na formação de um homem em detrimento do fator material: “o importante é que os filhos se orgulhem dos pais, não pela fortuna material mas pelo que o pai representa em dignidade e honradez”.<sup>40</sup> Além de priorizar a dignidade e a honra como mais importantes na formação do que o material, esse trecho chama a atenção para a importância da sua família no processo de formação pessoal. Virtude que, segundo a biografia, o homem público Ney Braga carrega consigo durante toda a sua vida pública.

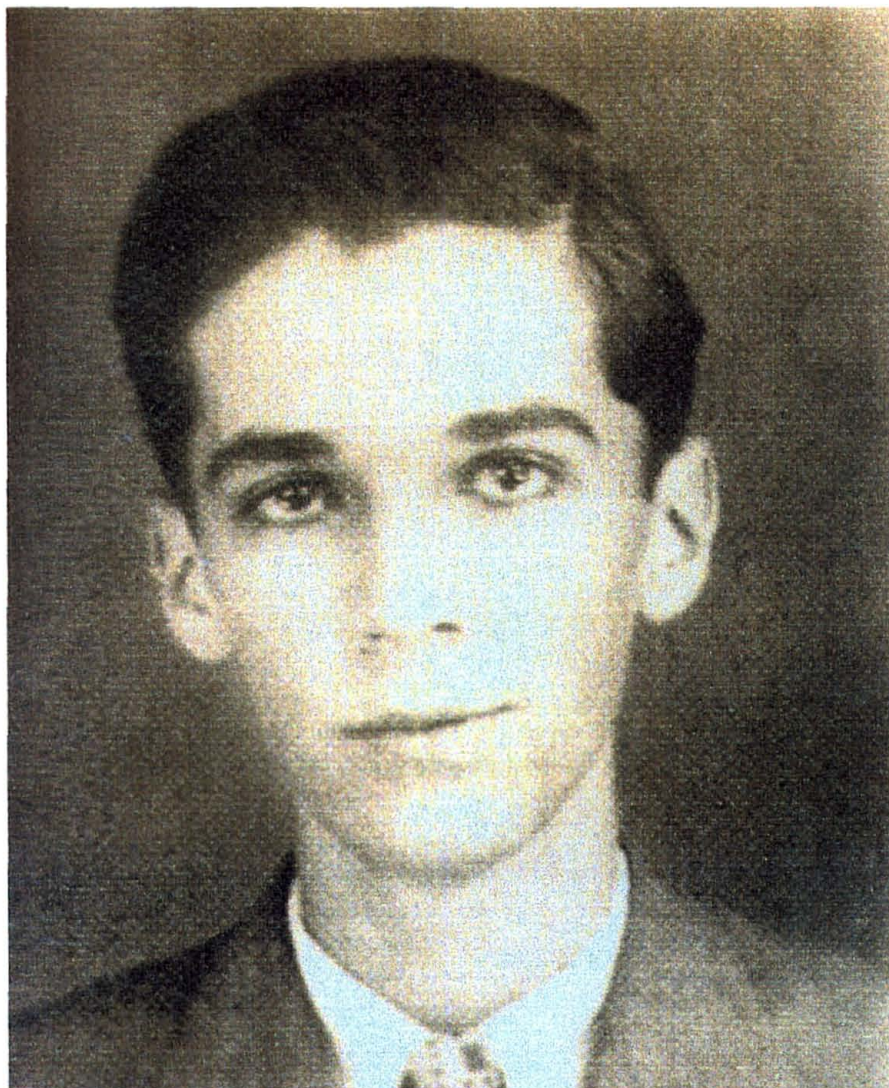
É muito interessante Ney Braga recordar nesse trecho da biografia o político Caetano Munhoz da Rocha que foi Presidente do Estado do Paraná por dois mandatos —: o primeiro de 1920 a 1924 e o segundo de 1924 a 1928 — pois era pai de Bento Munhoz da Rocha (que foi governador do Estado do Paraná de 1951 a 1955) e de Maria José Munhoz da Rocha que se casou com Ney Braga em 1938. Ney Braga casa-se com um membro da elite paranaense no período — uma Munhoz da Rocha. Cita o fato posteriormente na narrativa, mas em nenhum

---

<sup>39</sup> Ibid., p. 21.



momento relaciona seu nome ou sua ascensão política ao nome dos Munhoz da Rocha. O curioso é que são apresentadas muitas fotos de seu arquivo particular, nenhuma delas com sua primeira esposa (Maria José Munhoz da Rocha).



*IMAGEM 1: Ney Braga aos quinze anos, segundo suas memórias, nesse momento, já herdava virtudes importantes para a posterior vida pública (1932). Acervo Família Braga.*

O processo de construção<sup>40</sup> do homem público, para Ney Braga, tem como uma das estratégias principais a divulgação da sua vida privada. Nesse sentido, a esfera privada do homem público serve como critério de legitimação, em lugar de uma plataforma partidária,

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 26.

<sup>41</sup> Talvez o termo que melhor se empregue nesse sentido seja o de reconstrução, já que se trata de uma recordação de Ney Braga quando idoso.



própria de um discurso liberal. Ney Braga, por meio da biografia, objetiva que o leitor lance seu olhar para a intimidade do personagem público, avaliando sua capacidade de gerir a família e a si mesmo como critério para gerir o público.

Portanto, no processo de construção da imagem do homem público, é indissociável a vida privada da vida pública. A primeira legitima a segunda. Levando em conta essa premissa, ao enfatizar sua formação pessoal, como baseada na moralidade, na honra, na dignidade, na ética, no bom senso, pressupõe que todas essas virtudes foram transplantadas para o homem público Ney Braga, que as empregou na gerência dos assuntos públicos.

Em sua narrativa, reconhece que parte de sua formação resultou dos exemplos herdados de sua família, mas a outra parte foi completada por si na própria Lapa e nos estudos. Segundo Ney Braga, “o ensino público, principalmente no interior, é um aprendizado democrático”. Ressalta ter estudado sempre em escolas públicas e que isso lhe permitiu aprender de perto a democracia: “conviviam no grupo escolar desde o filho da lavadeira, que morava nos fundos de minha casa, até o filho do prefeito. Todos amigos, todos iguais”.<sup>42</sup>

Completando a formação recebida em casa, aparece, na narrativa de Ney Braga, o papel da escola, entendida como a instituição responsável por ensinar, na prática, a democracia. O primeiro passo para o aprendizado democrático se dá não apenas no convívio, mas no estabelecimento de relações de amizade entre pessoas de diversos segmentos sociais. Para Ney Braga, esse aprendizado democrático foi possibilitado pela própria cidade da Lapa:

A escola reproduzia em pequena escala o que acontecia na cidade. A Lapa era uma terra de muita solidariedade entre as pessoas. Os médicos e dentistas não cobravam dos pobres. E, principalmente, não contavam que não cobravam. (...) O médico era Eduardo Santos Lima, uma pessoa profundamente humanitária que foi prefeito municipal e mudou para Curitiba depois de muitos anos. Veio para a Lapa o doutor Aluísio Leone e, em seguida, chegou o doutor Pedro Leone, também eleito prefeito. Ambos tinham o mesmo espírito complacente e generoso de seus antecessores.<sup>43</sup>

Se a família oferecia a Ney Braga a formação moral e se convertia em exemplo vivo de harmonia, solidariedade, bondade, trabalho o ensino e a convivência na cidade da Lapa, completavam essa formação. Ney Braga destaca, em primeiro lugar, a cidade em que nasceu como o berço, por excelência, da solidariedade entre as pessoas. Para exemplificar essa solidariedade cita o nome de pessoas comuns — médicos e dentistas — que se preocupavam

---

<sup>42</sup> BRAGA, op. cit., p. 22.

<sup>43</sup> Id.

com as pessoas mais necessitadas e que assumiram o executivo municipal, revelando-se profundamente humanitários. Simultaneamente, em sua narrativa, Ney Braga defende a democracia e o ensino público.

Na forma como é narrada essa memória, transparece que na Lapa estava o berço não só da formação do homem comum, como também do homem público. Assim, nas entrelinhas dessa narrativa, o político paranaense afirma que soube operar a transposição dos valores e da moralidade adquirida na vida pessoal para a vida pública e a sua cidade natal teve grande importância nesse aspecto. Além disso, marca a tradição como forma de legitimar seu poder, pois a Lapa simboliza, no imaginário paranaense, o berço dos heróis da Revolução Federalista.

A historiografia que se dedica a esse episódio da história paranaense limita-se a frisar a história dos heróis: os atos dos envolvidos (generais, presidente, empresários) e as mortes heróicas.<sup>44</sup> Sem dúvida, a historiografia oficial consagrou a Lapa como berço dos heróis paranaenses. E as elites se beneficiam com o episódio, aproveitando para frisar a importância das heranças, da continuidade, da ordem. Afinal, segundo a historiografia, os lapeanos se levantaram para defender o “presidente da República”.

Ney Braga utiliza, sem dúvidas, esse recurso, pois enfatiza o convívio na sua cidade natal como um dos pilares que permitiram a solidificação de sua formação pessoal e pública. No processo de construção de imagens sobre personagens políticos, é importantíssima a fidelidade aos vínculos provincianos desses homens. Essa manutenção do vínculo provinciano em Ney Braga ultrapassa a simples consideração da Lapa como a cidade onde nasceu e cresceu, da qual, guarda boas lembranças. A Lapa é para Ney Braga mais do que isso: ela participa ativamente do seu processo de formação moral e política. Afinal, ela não é o berço dos heróis? A exemplo, no início da biografia havia destacado a atuação e a morte heróica de seu avô em defesa da manutenção da ordem.

Ney Braga aborda como um terceiro pilar de sua formação a escola. Afirma que o início dos seus estudos se deu na Lapa, no colégio São José e no grupo escolar Dr. Manoel Pedro e em Castro, no colégio São José. Em Curitiba, Ney Braga estudou alguns meses no colégio Novo Ateneu, com o fim de prestar exame de admissão no Ginásio Paranaense. Neste, cursou o ginásio com uma bolsa de estudos dos padres lazaristas que dirigiam o

---

<sup>44</sup> MAGALHÃES, *Paraná ... op. cit.*, p. 18-19.

estabelecimento, a qual segundo Ney Braga foi obtida com a ajuda de Caetano Munhoz da Rocha.

Novamente, a escola, o Ginásio Paranaense, aparece como um importante passo na formação do homem público Ney Braga:

fui educado por professores que se dedicavam bastante não só à formação intelectual, mas à formação espiritual e moral — eles transmitiam amor. Às vezes me pergunto: seria o velho Internato Paranaense uma escola de políticos? Não tenho resposta definitiva, mas registro que ali fiz grandes amigos e muitos de meus colegas tornaram-se políticos, entre eles Jânio Quadros (...) Naquela época não queríamos saber apenas o que estava acontecendo: queríamos saber o porquê da Revolução (1930). Nós nos preocupávamos com a vida nacional porque tínhamos professores que nos despertavam o espírito indagador.<sup>45</sup>

Ao se questionar se o Ginásio Paranaense era uma escola de políticos, apesar de não dar resposta afirmativa, transmite ao leitor que sim. Ao referir-se à amizade com Jânio Quadros, que mais tarde tornou-se um político de prestígio nacional, ressalta que os professores se preocupavam com as questões políticas do seu tempo, levando os alunos a também se questionarem e a se interessarem pela vida pública. Com esses dois fatos, transparece na narrativa que Ney Braga está completando a sua formação futura de homem público. No entanto, não relaciona novamente o seu nome ao da tradicional família política dos Munhoz da Rocha.

A associação ao nome de Jânio Quadros parece ter sido de grande importância durante sua campanha política em 1960. E mesmo nos primeiros meses, governando o Estado do Paraná, o nome do governador foi recorrentemente associado ao do presidente da República — antes do episódio da renúncia. Podemos fazer essa afirmação a partir da análise empreendida do periódico “OEP”, que também ressalta que ambos frequentaram a escola juntos. Na biografia, a relação entre os dois não ultrapassa a relação de colegas de escola, não relacionando as posições políticas de cada um.

Seguindo a sua trajetória escolar, do Internato Paranaense, Ney Braga foi para a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde escolheu a arma de artilharia. Ney Braga afirma que esse período de sua vida no Rio, foi também importante para que a sua formação política se consolidasse: “lá aprendi muito: disciplina, conjugação de esforços no trabalho, delegar missões, quando necessário, lealdade a princípios básicos da vida brasileira, lealdade aos

---

<sup>45</sup> BRAGA, op. cit., p. 25-26.

companheiros”. Na Escola Militar e, principalmente na arma de artilharia, aprende valores que vêm somar-se aos princípios de sua formação pessoal: “escolhi a Artilharia, uma arma que depende de método, observação e precisão ao executar a tarefa. Creio que essas virtudes (...) acompanham cada artilheiro ao longo de sua vida”.<sup>46</sup>

Revela-se, por meio desta memória, que a vida militar e o ensinamento militar foram muito importantes na sua formação; e mais ainda, na sua formação política, ao afirmar que, as virtudes apreendidas, acompanham cada artilheiro ao longo de sua vida. Como a sua escolaridade é enfatizada como pré condição para o bom exercício da vida pública fica, de certa forma, mais nítida, ao se referir, em suas memórias, ao curso na Escola de Estado Maior.

Ao destacar a importância da Escola de Estado Maior em sua vida política, Ney Braga relaciona seu personagem político com a corrente da qual fazia parte mesmo antes da revolução de 1964 — a corrente dos chamados “castelistas”.<sup>47</sup>

No Brasil, a Escola Superior de Guerra (ESG) traduzia as idéias dominantes da Guerra Fria, funcionava como um local de educação e treinamento. Esta instituição, ligada às Forças Armadas, enfatizava a necessidade do desenvolvimento industrial, na qual o Estado, guiado pelos princípios técnicos e não políticos, auxiliados pelos capitais das multinacionais, se tornaria um defensor da doutrina de segurança nacional. A ESG foi “o centro modular de doutrinação para os militares de uma forma específica de desenvolvimento e segurança nacional, baseados nas premissas do capitalismo hemisférico”.<sup>48</sup>

Segundo Thomas Skidmore, os “conspiradores” de 31 de março de 1964 eram comandados por Castelo Branco, na época chefe do Estado Maior do Exército. A sustentação ideológica desses conspiradores, segundo o autor, era as idéias anticomunistas desenvolvidas na ESG.<sup>49</sup>

Na narrativa de Ney Braga é uma constante a relação que se apresenta entre a formação escolar e a política. Esse recurso da associação da esfera pessoal com a esfera pública vai permear toda a biografia. Nesse sentido, a organização da biografia leva o leitor a construir uma imagem do homem público Ney Braga, não dissociando a vida pessoal do

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 28.

<sup>47</sup> Sobre essa relação ver SKIDMORE, Thomas. *Brasil : de Castelo a Tancredo*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998.

<sup>48</sup> DREIFUSS, René Armand. *1964 : a conquista do Estado (ação política, poder e golpe de classe)*. Rio de Janeiro : Vozes, 1981. p. 80.

<sup>49</sup> SKIDMORE, op. cit., p. 22.

lapeano, inclusive a escolar, com a sua vida pública. A formação pessoal serve para ilustrar como será conduzida a atuação do político na esfera administrativa. E é claro, a sua relação com a ditadura militar, quando destaca a importância da Escola do Estado Maior, destacando a sua formação militar.

Na segunda parte da biografia, ao ser indagado, pelos entrevistadores, se o curso na Escola do Estado maior foi importante para a sua vida política, responde que “mais do que importante: foi fundamental. Durante três anos fiz um curso de Brasil e conheci figuras do exército que depois se tornariam personalidades nacionais”.<sup>50</sup>

Novamente associa-se, na narrativa de Ney Braga, a escola à formação do homem público, mas agora, com o ensino militar. Nessas palavras, Ney Braga faz referência novamente a personalidades da vida pública que conheceu na época em que estava na Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Ao relatar sua passagem por essa instituição militar, procura associar seu nome a nomes como o de Henrique Geisel e Castelo Branco, assim como o fez ao associar seu nome ao de Jânio Quadros, ao relatar sua experiência no Ginásio Paranaense. Esse recurso da associação de seu nome a de personalidades da vida política nacional será utilizado, mais uma vez, pelo político paranaense para legitimar sua liderança política. É notável, nesse aspecto, que Ney Braga “recorde” em sua memória apenas os nomes dessas personalidades nacionais, mas, em nenhum momento, faz referências à renúncia de Jânio Quadros (1961), a deposição de João Goulart pela Revolução de 1964 ou aos governos militares que a seguiram (1964-1985).

Ao descrever as influências que sofreu e as leituras que mais desenvolveu, é categórico: “a Imitação de Cristo tive muito à cabeceira. E, principalmente, li a Bíblia”. Outro viés que parece perpassar a formação de Ney Braga é a religião, “convívio”, que, segundo ele, “começou na Lapa e prosseguiu na escola”. Religiosidade que se tornou indissociável do homem público e que lhe trouxe ensinamentos fundamentais para a vida pública, pois era “uma iniciação à retórica e ao raciocínio lógico”.<sup>51</sup> Religiosidade que incorpora a ponto de comparar o desenvolvimento de sua vida à Sexta-Feira da Paixão e à Páscoa ao referir-se que “essa idéia de sofrimento-redenção-alegria incorporou-se à minha formação pessoal”.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> BRAGA., p. 40.

<sup>51</sup> Ibid., p. 27.

<sup>52</sup> Ibid., p. 19.

Torna-se necessário destacar a filiação de Ney Braga ao PDC e, portanto, a sua intrínseca relação com o pensamento religioso católico. Apesar da influência da Liga Eleitoral Católica (LEC) nas suas campanhas políticas e posteriores vitórias, Ney Braga não faz referência a ela em nenhum momento da biografia. Procura dissociar seu nome do grupo de apoio ao PDC e às suas campanhas eleitorais.<sup>53</sup>

Durante toda a primeira parte da sua biografia, o trecho a seguir representa a relação intrínseca que Ney Braga procura apresentar entre sua vida pessoal e a posterior vida política:

Num balanço de vida, descubro que o período da infância foi marcado mais por dificuldades do que por facilidades. Mas verifico também que cada dificuldade, cada problema, trouxe um ensinamento. Sai de casa aos 9 anos, voltava apenas nas férias, sempre muito curtas. Sofri saudade mas aprendi o valor da amizade. E comecei a entender a aflição daqueles meus colegas cujas famílias eram muito mais pobres do que a minha. Um pé descalço ou uma calça remendada não nos separavam: faziam com que nos entendêssemos melhor, a partir da compreensão da vida dos sofridos. Isso me valeu para sempre. Afinou meu espírito. Compreendi a dor dos outros e, mais do que isto, senti com eles. Comecei a construir dentro de mim a decisão de minorar suas desditas.<sup>54</sup>

Esse trecho da narrativa ilustra o desenvolvimento de toda a biografia: é o político Ney Braga quem está narrando. Em suas memórias parece que mesmo antes do nascimento de Ney Aminthas de Barros Braga já nascia o prefeito de Curitiba, o deputado federal, o ministro da agricultura e da educação, o governador Ney Braga. É o lapeano Ney Braga vestido de seus personagens públicos quem está analisando a vida pessoal com o olhar do político. Ney Braga se auto-considera como o Salvador, aquele que nasceu com seu destino traçado para inserir-se na vida pública e nela provar todos os ensinamentos que herdou.

Na narrativa de Ney Braga, todos os ensinamentos de sua vida serão a base do homem público que foi. Além de todas as virtudes apresentadas pela narrativa desde o início da biografia, aparece, ao propor um balanço de sua vida, uma nova perspectiva de visão do personagem político Ney Braga. Em suas memórias, Ney Braga sugere que sua vida política seja compreendida como um caminho para a santidade, ao propor a comparação de sua infância e adolescência com a trilogia religiosa que compõe a vida dos santos — sofrimento, doação aos mais necessitados e redenção — e ao propor que o sofrimento, as dificuldades e a

---

<sup>53</sup> Sobre a importância da LEC nas eleições e a vitória de Ney Braga para prefeito de Curitiba em 1954, ver CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. *Religião e política : a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições de 1932-1954*. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

<sup>54</sup> BRAGA, op. cit., p. 25.

pobreza enfrentada trouxeram ensinamentos que levaram, segundo ele, a assumir ainda na adolescência, a missão de reduzir as dificuldades e sofrimentos dos menos favorecidos.

Na primeira parte da biografia, Ney Braga procura naturalizar o homem público, buscando instaurar um elo de ligação entre a criança, o jovem e o homem Ney Braga e o político. A obra procura enfatizar a simplicidade, a humildade, a origem popular de Ney Braga, apresentando-o como um cidadão qualquer que tem uma família, foi à escola, tem amigos, sofreu, teve uma vida religiosa. Ao mesmo tempo, procura diferenciá-lo de outros cidadãos comuns por meio das virtudes que vão lhes sendo atribuídas como se Ney Braga as tivesse adquirido por si próprio ou por herança. Para o biografado, a sua capacidade de gerenciar os negócios públicos foi aprendida desde a infância. Ressalta, com esse intuito, as virtudes necessárias para compor a formação do líder político: moralidade, honra, ética, sacrifícios, apreender os desejos dos mais necessitados, saber privilegiar os interesses dos outros em detrimento de seus interesses pessoais. Todas as virtudes são apresentadas como elementos que compõem o personagem político Ney Braga, como se ele tivesse a vocação inata para a vida pública.

## 2.2 O MAJOR NEY BRAGA

“É possível localizar exatamente onde começa sua atuação política? Pode-se imaginar que, já como aspirante a oficial o Sr. se preparava para a vida pública?”<sup>55</sup>, pergunta o autor fictício da biografia.

A partir dessa pergunta, a trajetória política do paranaense será a questão norteadora das próximas páginas da biografia.

Ney Braga responde a essa questão afirmativamente. O primeiro ponto que norteia a sua resposta é o seu casamento com Maria José Munhoz da Rocha — filha de Caetano Munhoz da Rocha — em 1938, não relacionando diretamente seu apadrinhamento com a família Munhoz da Rocha com a vida política que iria assumir a seguir. Logo em seguida, Ney Braga localiza, exatamente, o que considera como marco inicial de sua vida pública: o seu ingresso no curso da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, incentivado pelo major Henrique Geisel. Em suas memórias, o político paranaense considera essa experiência como

---

<sup>55</sup> Ibid., p. 34.

“fundamental”. Ao concluir o curso, ingressa no quartel general da 5ª Região Militar, onde desenvolveu inúmeros estágios, sendo o mais importante “o de estudo de geografia humana da região oeste do Paraná e Santa Catarina”. O político paranaense destaca que nessa mesma época de sua vida outra importante experiência, para sua formação política, foi “a honra de ser escalado para falar em solenidades, em nome da Região Militar”.<sup>56</sup>

É notável em todo desenrolar da biografia que Ney Braga, em nenhum momento, vincula, de forma decisiva, seu nome ao nome da família Munhoz da Rocha. Desconsidera totalmente o seu casamento com Maria José Munhoz da Rocha para apagar a memória do apadrinhamento político dessa tradicional família paranaense. Isso nos remete a George Balandier que, ao desenvolver a noção de teatrocracia, afirma que para um personagem político assumir o papel principal em meio às cenas do universo da vida pública, ele precisa destruir o seu criador, oferecendo aos que assistem ao desenrolar das cenas, a imagem de renovação. É o momento das rupturas.<sup>57</sup>

A narrativa de Ney Braga e as questões que são formuladas pelos supostos entrevistadores conduzem o leitor a localizar o início de sua atividade política em outro momento. Essa atividade, para Ney Braga, teve como marco, o convite de Bento Munhoz da Rocha para ser Chefe de Polícia do Paraná, em 1952. Ao relatar o fato, narra-o como uma das possibilidades que lhe era ofertada: “sem saber, dava adeus à vida militar e confirmava o que havia aprendido em Camões: todo o mundo é composto de mudanças”.<sup>58</sup>

A próxima parte da biografia é intitulada “Nasce um político”. Ao explicar como assumiu a Chefatura de Polícia, Ney Braga narra como seus companheiros militares o desencorajaram a assumir o posto, já que tinha a possibilidade de uma brilhante carreira no exército e, a partir dali, poderia prosperar tanto na política quanto nos cargos militares. Ney Braga não se preocupa em apenas narrar como, mas destaca o motivo que o levou a assumir o cargo.

Mas eu tinha feito um estágio por todo o Oeste do Paraná e nessa região vi de perto o drama pelo qual passavam os colonos, os posseiros, todo aquele problema de mortandade, casas incendiadas... Essa situação me chocou profundamente. Um homem paranaense vendo aquilo tudo, sentindo, como sempre senti, a necessidade de atender aos interesses gerais do povo, com coração, com amor, com dedicação,

---

<sup>56</sup> Ibid., p. 41.

<sup>57</sup> BALANDIER, op. cit., p. 09.

<sup>58</sup> Ney Braga nessa passagem refere-se a Camões, no entanto, não cita a referência de onde originou-se a frase. BRAGA, op. cit., p. 41.



com vontade e com ação... Não poderia deixar de servir seu Estado, principalmente em setor tão importante como o da segurança pública.<sup>59</sup>

Nesse trecho, encontramos a resposta dada por Ney Braga do porquê assumir a Chefatura de Polícia em 1952: as causas populares sensibilizam o major em suas andanças pelo oeste do Paraná. Ao sentir de perto os dramas e problemas do interior do Paraná, Ney Braga afirma que assumiu aquela luta como sua, explicando que, sentindo todas as necessidades daquele povo paranaense<sup>60</sup>, ele, sensível às causas populares, não poderia ficar alheio e deixar de servir seu Estado.

A palavra Major é bastante utilizada nas próximas partes da biografia para referir-se a Ney Braga. Em nosso entendimento isso não é feito aleatoriamente. A biografia reforça a relação do político paranaense com o exército, vínculo com as forças armadas que Ney Braga parece não querer esquecer. Se retomarmos nossa interpretação, apresentada no início do capítulo, encontraremos uma possível saída para a situação. É o político que se considera o herói, mas que foi deixado à margem do universo da política pelos seus vínculos com a ditadura militar. No entanto, ele próprio faz renascer em seu monumento a memória do seu personagem. Se relacionarmos esse aspecto com os dois próximos capítulos, verificaremos que o jornal "OEP" utiliza recorrentemente o termo para referir-se a Ney Braga, pois o uso do termo nos remete à idéia de manutenção da ordem.

No período em que ficou frente à Chefatura de Polícia, organizou toda a polícia no Estado. Ney Braga criou a Escola de Polícia para a formação de agentes e escrivãos; organizou a Rádio Patrulha de Curitiba e de Londrina; reaparelhou a Polícia Técnica; reestruturou o Conselho Estadual de Trânsito; criou uma sala de imprensa na Polícia; criou estágios para estudantes de Direito em diversas repartições da Polícia Civil.<sup>61</sup>

Ao descrever este período, Ney Braga relata a dificuldade de ação no interior do Estado, enfatizando o problema de Terras e principalmente sua ação para resolver o problema como sendo norteadada pela conciliação e diálogo. Refere-se assim, aos companheiros de

<sup>59</sup> Ibid., p. 44.

<sup>60</sup> O termo povo é recorrentemente utilizado na biografia por Ney Braga. Esse termo é específico do discurso nacionalista e, quando empregado, tem a característica de anular as diferenças internas do conjunto de pessoas a que ele se refere. O termo foi uma redescoberta romântica que tem finalidade de identificar o Estado com a nação; é uma categoria imaginada para que cumpra o fim a que foi destinada. Sobre esta questão ver: ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo : Ática, 1989. COLIVA, Paolo. Povo. In : BOBBIO, Norbert; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília : UNB, 1997. p. 986-987.

trabalho que o acompanhavam nessas missões. Destacamos, dessas heróicas missões no interior do Estado relatadas pelo político paranaense, um efeito político posterior. Em outras palavras, Ney Braga frente à chefatura de Polícia cria uma rede de cabos eleitorais a qual ele refere-se em seu texto como amigos que fizeram suas posteriores campanhas para prefeito de Curitiba (1954) e governador do Estado (1960). Ao mesmo tempo, frente a esse aspecto cabe ressaltar que Ney Braga procura criar a imagem de apaziguador dos conflitos no campo, conduzindo a “reforma agrária” no Estado. Aqui podemos retomar a imagem conciliatória de Ney Braga, comentada no início do capítulo.

Segundo os discursos de Ney Braga, após assumir o executivo paranaense na década de 60, a pequena propriedade e as irregularidades na ocupação das terras do oeste e sudoeste foi uma herança negativa das administrações de Moysés Lupion. Ney Braga assume a tarefa de solucionar tais problemas, chegando a afirmar que “o Paraná antecipou-se à reforma agrária, acabando com velhos conflitos e garantindo a posse pacífica a muitos agricultores”.<sup>62</sup>

É notável que Ney Braga, nesse momento de suas memórias, não faça referências a Bento Munhoz da Rocha, irmão de sua primeira esposa, reconhecendo seu papel no início de sua carreira. Procura, ao contrário, demonstrar que Bento Munhoz da Rocha (governador do Estado na ocasião) fez a melhor escolha que poderia; afinal, o militar Ney Braga tinha as condições essenciais para resolver os problemas de terras no Estado: a formação militar e a sensibilidade frente aos problemas dos paranaenses.

Nesse momento, faz questão de reforçar a virtude do político paranaense de ser sensível aos problemas dos paranaenses. O depoimento dado por Dario Lopes dos Santos<sup>63</sup> em 03 de setembro de 1992, é utilizado na biografia para ilustrar os procedimentos de Ney Braga frente aos menos favorecidos. Dario conta que em 1951 foi a primeira vez que ouviu falar em Ney Braga. Em uma conversa com amigos, um farmacêutico comentou que em sua farmácia quem tinha a maior conta era um rapaz chamado Ney Braga. Outro farmacêutico afirmou que o referido rapaz não tinha motivos para ter uma conta tão grande. Então, frente ao espanto de todos, “o farmacêutico riu, confirmando o nome, contando que os remédios não eram nem

---

<sup>61</sup>KUNHAVALIK, op. cit., p. 18-19.

<sup>62</sup>MAGALHÃES, *O Paraná reinventado* ... op. cit., p. 58.

<sup>63</sup>Dario Lopes dos Santos é citado inúmeras vezes na biografia, era um partidário de Ney Braga, colaborador em sua campanha para governador do Estado em 1960 e nesse mesmo ano ocupou o cargo engenheiro da Prefeitura de Curitiba.

para Ney nem para a família, mas sim para alguns soldados que tinham problemas de saúde em casa, filhos, pais, mães, irmãos doentes, e não tinham condições de comprar medicamentos”.<sup>64</sup>



**IMAGEM 2:** Ney sendo empossado na Chefatura de Polícia por seu padrinho político Bento Munhoz da Rocha Netto, do qual se afasta posteriormente, fato que é caracterizado como “traição política” (1952). Acervo Família Braga.

Temos aqui, apresentada por Ney Braga, em sua biografia, a imagem do altruísmo, da caridade (sua forma de enunciar suas práticas clientelísticas). Ele, a partir desse acontecimento, caracteriza a sua ação como dotada de sensibilidade frente aos mais necessitados. Assim, também, podemos considerar o fato de ao dinamizar a polícia no Estado, aproveitando os cargos criados por ele para posteriormente organizarem suas campanhas eleitorais.

A narrativa de Ney Braga conduz o leitor a reconhecer como uma das suas maiores virtudes, saber subjugar seus interesses aos interesses do seu Estado e do povo de seu Estado. É apresentado como um líder sem ambição política nem avidez por promoção pessoal. Aceita entrar para a vida pública por uma causa maior.

<sup>64</sup> BRAGA, op. cit., p. 51.

Após relatar como e porque assumiu a Chefatura de Polícia, as questões dirigidas a Ney Braga pelos supostos entrevistadores têm como interesse ouvir a narrativa do político paranaense em relação à sua atuação frente ao posto que lhe fora conferido. Ney Braga cita a atuação em relação ao problema de terras no oeste e sudoeste do Estado e narra, nesse sentido, qual a filosofia adotada por ele na condução de suas tarefas na Chefatura de Polícia.

Quero uma polícia enérgica, séria. (...) Continuei explicando que não se pode admitir de maneira alguma a corrupção. Que íamos gastar o necessário para ampliar os recursos da polícia e viver para o povo de nosso Estado. Que íamos designar pessoas para resolver problemas sérios de terras, unir a polícia civil e a polícia militar, conversar sempre e trabalhar unidos. Insisti que o importante é exercer nossa função com justiça social. (...) A questão de terras foi sendo resolvida aos poucos. Percorri toda a região de ocupação mais recente, no Sudoeste e Oeste. Sempre encaminhei as questões para o Departamento de Geografia, Terras e Colonização, transmitindo as informações que colhia. Entendia que a posse da terra não podia ser transformada em um caso de polícia.<sup>65</sup>

Na narrativa, Ney Braga reafirma sua postura de agir de acordo com a moralidade, não admitindo a corrupção, ao mesmo tempo em que conclama o caráter democrático de suas atitudes, ao afirmar que as ações deveriam estar de acordo com o consenso entre todos os envolvidos, fazendo prevalecer a justiça para com o povo paranaense. Novamente reaparece na narrativa de Ney Braga a ênfase da doação do personagem por uma causa maior, a doação ao povo paranaense, pois todas as ações da Chefatura deveriam priorizar o povo sofredor, colocando-o acima de todos os interesses pessoais. E um novo aspecto é destacado nessa narrativa, o bom senso do chefe de polícia, ao analisar que, para Ney Braga, na época, as questões de posse de terra não eram um caso de polícia — provavelmente aqui, faz menção ao Movimento dos Sem Terra (MST) de hoje, que, geralmente, é reprimido com força policial.

Nesse momento, Ney Braga traça um perfil do homem público ideal como sendo aquele que serve ao seu Estado acima de tudo, priorizando as necessidades do povo em detrimento de seus interesses pessoais; aquele que luta contra a corrupção, fazendo prevalecer a moralidade pública e a justiça; aquele dotado de bom senso no encaminhamento das questões pertinentes ao bem estar do seu Estado e do seu povo.

Quando Ney Braga é questionado sobre outros problemas por ele enfrentados em seu cargo de chefe de polícia, o político paranaense narra sua atuação em questões policiais na capital do Estado. O objetivo maior do lapeano, nesse caso, não reside em narrar as situações, mas em apresentar como conseguiu resolver os problemas (revoltas de taxistas, passeatas

estudantis, rebeliões). Ao mesmo tempo, Ney Braga já apresenta como essa experiência lhe favoreceu em sua posterior atuação em cargos públicos.

Apelei à amizade que tinha para com os motoristas, cuja reciprocidade era certa, fui conversando com eles, citando seus nomes, recordando até os números de telefones de suas praças e procurando, pelo diálogo, tocar fundo a sensibilidade deles (...) Sempre tive confiança em que o diálogo poderia resolver quase todos os conflitos, isso desde a minha vida militar (...) Essa capacidade de dialogar me ajudou mais de uma vez (...) [e] o meu diálogo com todas as classes (...) ampliou o conhecimento do povo sobre minha pessoa. Esse conhecimento começou muito antes, desde quando eu servia como militar e tratava com amizade centenas de comandados meus que (...) tornaram-se meus amigos. A chefatura ampliou esse círculo de relacionamentos (...) **Isso serviu para minhas futuras eleições.** (sem grifo no original)<sup>66</sup>

Esse trecho não difere dos demais: o forte apelo ao seu caráter político, como pode ser observado na última oração da memória. Além de apresentar como uma de suas virtudes a capacidade de diálogo, em detrimento da atuação autoritária que conclama a violência, Ney Braga afirma que sua reputável atuação como chefe de polícia ampliou seu reconhecimento, o que foi positivo nas eleições em que disputou cargos públicos. A capacidade de diálogo e de fazer amizades completam o perfil de homem público sugerido por Ney Braga. Como já sugerimos anteriormente, Ney Braga deixa escapar em sua narrativa a importância de sua atuação frente à chefatura no sentido de conseguir cabos eleitorais que fizeram suas posteriores campanhas.

Assim, é apresentado ao leitor como a vocação política de Ney Braga já era visível mesmo antes de assumir o cargo oferecido por Bento Munhoz da Rocha. No próprio trecho citado, é evidente a postura dos organizadores da biografia e da própria narrativa de Ney Braga, ao afirmar ser reconhecido pelas suas capacidades mesmo antes de assumir o cargo.

A outra base social de sua popularidade foi produto das realizações empreendidas por Ney Braga enquanto prefeito de Curitiba, que serviam como exemplo de sua eficiência administrativa.

Em outro trecho — “A crise de agosto e a eleição em Curitiba” — Ney Braga é questionado sobre a morte de Getúlio Vargas em agosto de 1954 e os impasses políticos no Brasil após esse acontecimento. A ênfase dada por Ney Braga ao responder aos questionamentos formulados refere-se à campanha para a prefeitura de Curitiba. Não enfoca em sua resposta Getúlio Vargas, mas narra a sua campanha eleitoral para a prefeitura de

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 45-46.

Curitiba. Primeiro afirma que não era filiado a nenhum partido na época e que sua campanha foi apoiada pelo PSP, de Adhemar de Barros, e posteriormente pelo PR, de Bento Munhoz da Rocha. Não se remete à LEC que colaborou para que lê vencesse as referidas eleições, nem à base eleitoral que criou na chefatura de polícia ou a Bento Munhoz da Rocha Netto. Em seguida, narra como foi realizada a sua campanha:

Iniciei a campanha ajudado por alguns companheiros da Chefatura, outros do período do atletismo (...) Começamos visitando os bairros. Foi uma campanha longa, de casa em casa. De janeiro a outubro, pedi votos nas saídas das igrejas, bailes de clubes, jogos de futebol, em todos os cantos da cidade. Fazíamos uma espécie de operação pente-fino. Íamos, por exemplo, para o Água Verde e visitávamos todas as casas dali até o Portão (...) A eleição era uma eleição corpo a corpo. Quem se aventurasse a disputar o cargo de prefeito tinha de entender um fato básico: para ganhar era preciso correr bairros, apertar mãos, conversar, ouvir opiniões, mesmo que não parecessem importantes, conhecer gente e fazer com que o eleitor, mais do que eleitor, se sentisse um amigo.<sup>67</sup>

Novamente, é enfatizada a importância das relações pessoais na campanha eleitoral. Ney Braga afirma, em suas palavras, que sua vitória nas referidas eleições foi resultado não do apoio dos partidários (aos quais pouca importância atribui, apenas citando os partidos que o apoiaram), mas sim ao seu empenho pessoal, a sua capacidade de alargar seu círculo de amizades. Não fala de Bento Munhoz da Rocha Netto, seu padrinho político em tal eleição. Narra que foi ajudado na campanha por velhos companheiros, sem citar os nomes de políticos importantes do Estado no período que o apoiaram. Apenas no final dessa parte, Ney Braga apresenta uma relação de pessoas que o ajudaram em sua campanha, repetindo novamente a fórmula já enfatizada: “de bairro em bairro fomos conseguindo o engajamento de pessoas que passaram a fazer nossa campanha”.<sup>68</sup>

De forma não direta, Ney Braga retoma um aspecto já mencionado: a chefatura de polícia teve um efeito político posterior. Por outro lado, Ney Braga coloca-se acima dos partidos e dos políticos que o apoiaram na campanha de 1954.

Ney Braga remete-se, em sua narrativa, à base social de sua vida pública, mas não cita que essa base era formada por empresários, os quais, juntamente com os empreiteiros, financiaram a sua campanha política.<sup>69</sup>

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 46-49.

<sup>67</sup> Ibid., p. 61.

<sup>68</sup> Ibid., p. 64.

<sup>69</sup> OLIVEIRA, Curitiba ... op. cit., p. 113-114.



Após narrar como se deu sua campanha, Ney Braga enfatiza as obras realizadas enquanto prefeito de Curitiba. Cita a importância da criação do Departamento de Planejamento e o Departamento de Urbanismo. Quando questionado sobre qual a filosofia de sua administração na prefeitura, responde ser sua plataforma pautada na justiça social. Ney Braga afirma que foi a partir dessa filosofia de governo que as obras de saneamento, planejamento urbanístico, energia elétrica e transporte coletivo foram realizadas. Segundo Ney Braga, a necessidade desses serviços era dada pelos próprios vereadores e líderes de bairros que tinham a oportunidade de conversar com o então prefeito.



**IMAGEM 3:** Ney ressalta a importância de suas obras administrativas na prefeitura de Curitiba o que lhe deu parcela de seu reconhecimento como bom administrador posteriormente, mas não relaciona esse fato com a política de Planejamento Urbano discutida na época (1957).  
Acervo Casa da Memória – Fundação Cultural de Curitiba.

Além de novamente retomar a importância do diálogo com as pessoas comuns, cita as obras de sua administração como sua ação inteiramente, não contextualizando suas memórias

com a política de Planejamento Urbano da época bem como não relacionando que, para viabilização desse processo, houve a participação não só das entidades governamentais, mas também de entidades não governamentais, como a FIEP, a ACP e a APEOP. Pelo contrário, ao analisar a narrativa de Ney Braga em relação à sua administração na prefeitura de Curitiba, percebe-se a sua ênfase nas obras de melhoramento urbano e a importância que Ney Braga atribui ao planejamento com bases sociais, o único capaz de proporcionar à população melhoria de vida. Segundo ele, foi essa sua capacidade de fazer política, tendo como meta a justiça social que lhe conferiu outros cargos públicos. Evidencia, nesse trecho, a importância do diálogo — capacidade já destacada em outros trechos de sua narrativa, traduzido como a virtude da conciliação, próprio das elites brasileiras.

Em seguida, Ney Braga comenta sua filiação ao PDC e eleição para deputado federal. Primeiramente, narra sua atração pelo PDC, afirmando que sempre fora cristão e que sempre recebera influências religiosas em casa e nas escolas. Mas a sua ênfase ao responder à questão, situa-se em outro aspecto, qual seja, a sua proposta social: “a proposta do PDC era transferir imediatamente os resultados do desenvolvimento para o campo social, com um conjunto de políticas voltadas para o bem-estar do homem dentro da democracia”.

Nesse trecho, reforça-se a preocupação do político paranaense em destacar a sua filosofia de administrador: a meta social. Esse aspecto parece ser a outra base do perfil que um homem público deve possuir, segundo o narrador. E é claro, ele o possui.

Em nenhum momento Ney Braga refere-se ao seu desejo de ascender politicamente no cenário paranaense, desvinculando dessa forma esse aspecto à sua filiação do PDC e não se referindo ao seu rompimento com Bento Munhoz da Rocha Netto. Segundo Fausto Castilho, Ney Braga surpreende seu padrinho político no final de seu governo quando se filia ao PDC: “É a traição do Ney”. E vai mais longe em sua análise, afirmando ter ele se beneficiado, a vida política inteira, do esquema montado com a sua filiação em 1957.

Como afirma Norton Macedo:

Talvez quando ele se candidatou a deputado tivesse sido uma opção por um partido que lhe desse legenda. Os líderes da UDN na época não tinham mais vínculos com ele e não quiseram que ele fosse candidato numa chapa que uniria a UDN, o PR e o PDC, então ele emancipou-se, vamos dizer, e formou o PDC (...)

[ao referir-se ao rompimento com Bento e sua filiação ao PDC] de certa forma sim, na hora em que faltou espaço para ele no grupo do professor Bento Munhoz da Rocha, um grupo também multipartidário, porque eram as oposições coligadas, ele optou pela busca de nova legenda e optou pelo



PDC. Naquele momento, talvez tenha sido uma opção para garantir o início ou a continuidade de sua carreira. Mas depois não porque ele transformou-se em liderança nacional e estadual do partido sem a menor dúvida e passou a ser um homem de partido.<sup>70</sup>

Ao destacar sua atuação como deputado federal, Ney Braga ressalta que sua maior preocupação no momento era que o Paraná se configurava como um produtor nacional de café e que não enriquecia com isso. Narra que seus discursos enfatizavam que o maior problema enfrentado pelo Estado era a falta de infra-estrutura, principalmente, estradas e energia elétrica e que era importante sanar essas deficiências para superar as desigualdades. Nesse momento, Ney Braga relaciona-se, mais uma vez, à ideologia nacional desenvolvimentista pelo discurso da industrialização. Aponta, nesse momento, mais enfaticamente para os problemas infra-estruturais percebidos por ele e que não recebia atenção devida dos governos federal e estadual.



**IMAGEM 4:** Ney enquanto prefeito de Curitiba aparece ao lado de Juscelino Kubistchek, o maior símbolo do desenvolvimentismo brasileiro nos anos 50, para receber o título: "Curitiba um dos dez municípios de maior progresso do Brasil" (1956).  
Acervo Casa da Memória – Fundação Cultural de Curitiba.

<sup>70</sup> MAGALHÃES, *Sobre política ... op. cit.*, p. 230.

Ao analisar, logo em seguida, sua campanha política para governador do Estado, Ney Braga destaca que esta foi marcada por sacrifícios e pelo empenho pessoal dos envolvidos: “os impressos eram feitos em gráficas de amigos. As placas e faixas eram pintadas artesanalmente (...) [por companheiros seus, cujos nomes não são citados] que deixavam seus afazeres particulares para se dedicar ao trabalho”.<sup>71</sup>

Ney Braga repete a velha fórmula por ele já apresentada: campanhas feitas nas ruas, nas igrejas, nas cidades do interior:

Saíamos para o interior nos fins de semana. Alguns domingos eram dedicados a percorrer os bairros de Curitiba. Os eleitores eram encontrados, principalmente em saídas de missas de Santa Felicidade, Cabral, Portão ou Mercês. Todo dia eu apertava centenas e centenas de mãos. Esse trabalho pessoal era indispensável para suprir a ausência de estrutura partidária, e eu tinha muita satisfação em cumprimentar as pessoas. (...) Não havia uma programação. Dependíamos do chamado de um companheiro avisando em que região já havia condições para fazer um comício. Organizávamos de três a quatro na mesma noite. Abríamos o primeiro às 7 horas da noite em uma cidade, às 9 horas já estávamos em outra e às 10 e meia encerrávamos numa terceira. Se era domingo, começávamos na saída da primeira missa, às 10, 11 horas da manhã (...)<sup>72</sup>

Novamente, Ney recorda os quesitos essenciais para vencer uma eleição: o apelo à amizade e o estabelecimento de laços pessoais. Apesar de não deixar explícito, acreditamos que não se refere à estrutura partidária pelo que foi mencionado anteriormente (seu rompimento com Bento e com o PR) e quando refere-se aos laços de amizade, às suas relações clientelistas atingidas após a sua administração na Chefatura de Polícia (também mencionado anteriormente). Ney Braga afirma que a primeira era fraca, precisava ser suprida pela segunda. Dessa forma, novamente Ney Braga enfatiza a utilização dos contatos pessoais em sua campanha, destacando a necessidade (e a satisfação) de apertar mãos, de entrar em contatos com o povo nos bairros, cidades, saídas de missas. Destaca o empenho pessoal e o sacrifício, intrínsecos à campanha para governador: viajar de cidade em cidade, fazer inúmeros discursos em um mesmo dia, percorrer bairros.

Nesse exemplo, pode-se comprovar o perfil do político ideal apresentado por Ney Braga: o político que procura a aproximação com a população, no sentido de fazê-la estabelecer um vínculo com o candidato.

Ney Braga conduz assim o leitor a compreender a sua vitória para governador do Estado em 1960 por um único viés: “o eleitorado, naquele momento após a morte de Naves,

---

<sup>71</sup> BRAGA, op. cit., p. 120.

ficou dividido e hesitante. A chance passou a ser de quem tivesse **mais entusiasmo** (sem grifo no original)<sup>72</sup>.<sup>73</sup> Deixa claro que venceu por possuir esse entusiasmo, além de outras qualidades. Não faz referências à sua relação com a elite paranaense no período. Aqui cabem alguns comentários sobre esta elite.

O sul do Paraná (chamado de “Paraná tradicional”) era dominado pelo grupo de Munhoz da Rocha e da família Camargo. Este estava vinculado a um grupo de industriais e comerciantes que comandavam a exportação de mate e madeira e tradicionais criadores de gado, sendo o reduto do PR e da UDN. O Norte do Paraná, ligado ao grupo de proprietários de terras e de cafeicultores, era dominado pelo grupo de Moysés Lupion e pelo PTB, que nos anos 60, consolida-se como o partido dos comerciantes do café, ligando-se ao governo federal pelo IBC (Instituto Brasileiro do Café). Ao mesmo tempo, o PTB dominava a região mais antiga do Paraná (Curitiba, Morretes, Antonina) e ligava-se não só aos comerciantes do café, mas ao grupo de ferroviários, assalariados, pequenos e médios proprietários agrícolas.<sup>74</sup>

Ney Braga surge em meio a esses três grupos políticos. Vincula-se inicialmente ao primeiro grupo — Munhoz da Rocha e Camargo — mas, como já foi demonstrado, rompe com ele e se filia ao PDC, em 1957, numa estratégia pessoal de ascensão política — já que naquele grupo a liderança não lhe pertencia. Nas eleições de 1960, o PSD lança a candidatura de Plínio Ferreira da Costa; o PTB a candidatura de Nelson Maculan, após a morte de Souza Naves; em meio a esses arranjos, organiza-se a aliança PDC-UDN, que recebe apoio da ACP (e do já mencionado apoio do FIEP e da APEOP), representantes dos empresários interessados nos negócios públicos. Ao mesmo tempo, segundo Francisco Magalhães Filho, o governo federal, naquele momento, não atendia às reivindicações do norte cafeeiro (que originalmente seria reduto do PTB) e Ney Braga representava, ao lado de Jânio Quadros, uma mudança de postura frente à política cafeeira.<sup>75</sup>

Nas eleições de 1960, o PTB — que estava em fase de declínio em todo o país enquanto partido que representava os brasileiros — foi prejudicado com a morte de Souza Naves, um ano antes do pleito eleitoral. Como podemos perceber a vitória de Ney Braga se deu no Norte e no Paraná Velho, observe as tabelas abaixo:

---

<sup>72</sup> Ibid., p. 123.

<sup>73</sup> Ibid., p. 116.

<sup>74</sup> AUGUSTO, op. cit. p. 43-44.; MAGALHÃES, *Sobre política ...* op. cit., p. 122-123.

<sup>75</sup> AUGUSTO, op. cit. p. 44-45.

**TABELA 1: RESULTADOS GERAIS APURADOS PARA GOVERNADOR DO ESTADO SEGUNDO REGIÕES NAS ELEIÇÕES DE 03/10/60**

	Paraná Velho		Sudoeste		Norte		Total	
Candidatos	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Ney Braga (PDC-UDN)</b>	<b>96.574</b>	<b>40,6</b>	33.273	33,6	<b>123.705</b>	<b>36,8</b>	253.552	37,7
Plínio F. F. da Costa (PSD)	72.037	30,3	27.277	27,6	94.299	28,1	193.613	28,8
Nelson Maculan (PTB)	69.052	29,1	38.374	38,8	118.163	35,1	225.589	33,5
<b>Total (votos válidos)</b>	<b>237.663</b>	<b>100</b>	<b>98.924</b>	<b>100</b>	<b>336.167</b>	<b>100</b>	<b>672.754</b>	<b>100</b>

Fonte: Paraná Eleitoral.

**TABELA 2: RESULTADOS DAS ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR NO NORTE DO PARANÁ EM 1960.**

	Norte Velho		Norte Novo		Norte Novíssimo		Noroeste		Total da região	
Candidatos	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Ney Braga (PDC-UDN)</b>	<b>22.876</b>	<b>29,0</b>	<b>47.344</b>	<b>33,7</b>	<b>35.780</b>	<b>48,7</b>	<b>17.705</b>	<b>40,8</b>	<b>123.705</b>	<b>36,8</b>
Plínio F. da Costa (PSD)	29.375	37,3	39.142	27,9	14.518	19,7	11.264	25,9	94.299	28,1
Nelson Maculan (PTB)	26.603	33,7	53.890	38,4	23.198	31,7	14.472	33,3	118.163	35,1
<b>Total (votos válidos)</b>	<b>78.854</b>	<b>100</b>	<b>140.376</b>	<b>100</b>	<b>73.496</b>	<b>100</b>	<b>43.441</b>	<b>100</b>	<b>336.167</b>	<b>100</b>

Fonte: Paraná Eleitoral.

**TABELA 3: RESULTADOS ELEITORAIS PARA GOVERNADOR DO ESTADO, POR NÚMERO DE ELEITORES E CANDIDATO MAIS VOTADO, EM ABSOLUTO E PERCENTUAL, SEGUNDO MESORREGIÕES DO PARANÁ, 1960.**

MESORREGIÃO	Nº DE ELEITORES		CANDIDATO MAIS VOTADO				
	Abs.	%	Nome	Partido	Nº de votos	% por Mesorregião	% no Estado
Oeste do Paraná	82.369	11,5	Nelson Maculan	PTB	29.001	35,2	4,0
Paraná Tradicional	112.834	15,7	Ney Braga	PDC	44.598	39,5	6,2
Região de Curitiba	144.698	20,20	Ney Braga	PDC	56.928	39,3	7,9
Litoral	17.146	2,4	Ney Braga	PDC	5.636	32,9	0,8
Norte Cafeeiro	366.972	50,2	Ney Braga	PDC	123.130	33,6	17,7
<b>TOTAL</b>	<b>724.019</b>	<b>100,0</b>	<b>Ney Braga</b>	<b>PDC</b>	<b>255.328</b>	<b>35,3</b>	<b>35,3</b>

FONTE: Tribunal Regional eleitoral.

O resultado das eleições de 1960 revela uma tendência eleitoral, ainda não vinculada ao *marketing* político, mas às táticas tradicionais. Em primeiro lugar, cabe ressaltar que houve a transferência de votos petebistas para o substituto de Souza Naves, Nelson Maculan. Em segundo lugar, o resultado das eleições revelou a aprovação popular de Ney Braga frente à prefeitura de Curitiba e trabalho dos cabos eleitorais de Ney — advindos da época da chefatura de polícia.

Ao rememorar sua vitória em 1960, Ney Braga afirma que ainda era deputado federal e que foi um membro da assembléia bastante ativo, destacando a sua assiduidade na Câmara Federal: “eu ia para a câmara toda segunda-feira à tarde e voltava ao Paraná quinta. Fazia campanha no Estado às quintas-feiras à noite, sexta, sábado, domingo e segunda pela manhã”.<sup>76</sup> Faz questão de ressaltar que mesmo envolvido na campanha, não deixou de realizar os seus compromissos como deputado federal, preferindo sacrificar a si mesmo que a seu posto no governo.

Ao narrar esse momento de sua vida pública, estabelece, em sua escala de valores, que o cargo que lhe foi conferido pela população foi o mais importante de sua vida. São apresentados, nesse momento, a ética, a moralidade e a seriedade, como virtudes que compunham o então deputado federal que já fora prefeito e chefe de polícia.

Esses sacrifícios, na narrativa de Ney Braga, envolvem também o não aproveitamento da política para benefícios próprios ou para promoção pessoal; pelo contrário, objetiva a moralização, em nome do progresso do Paraná:

‘Chega de má administração. Nós queremos administração séria para o povo. Nós não fazemos política para proveito pessoal. (...) O Paraná está endividado, vamos pagar as contas do Estado. O Paraná não tem estradas, vamos fazer estradas para o Paraná. Há um seríssimo problema de terras, vamos procurar solucionar isso que nos angustia’. Não era apenas um discurso moralizante — era também profundamente cristão e solidário.<sup>77</sup>

Nesse discurso, um ponto por ele destacado anteriormente volta a ser recordado e enfatizado: a administração deveria ser feita em nome dos paranaenses e do Paraná, prevalecendo as necessidades dos outros em relação aos interesses pessoais do governante. A administração exige uma doação pessoal em nome dos mais desfavorecidos e o paranaense é o

---

<sup>76</sup> BRAGA, op. cit., p. 96.

<sup>77</sup> Ibid., p. 130.

alvo principal de sua vida. Nesse sentido, o seu discurso torna-se coerente com o patriotismo local, associado ao nacionalismo romântico.<sup>78</sup>

Remete-se à sua plataforma de governo, já apresentada anteriormente: atender as necessidades mais urgentes do Estado, estabelecendo e solucionando os principais problemas.

A principal (meta) era atender às necessidades básicas dos paranaenses — alimentação, vestuário, educação fundamental, saúde e educação. O segundo grupo era chamado de necessidades de conforto — as facilidades que tornam a existência do homem mais amena e mais produtiva”. E havia um terceiro nível de prioridades ao qual denominamos atividades de superação essas que traduzem aspirações a uma existência mais autenticamente humana, voltada para assimilar os valores da época e permitir a todos participar do progresso social.<sup>79</sup>

Nessa plataforma, o governo apareceria como líder e coordenador, necessitando “melhorar a máquina administrativa estadual”. Portanto, um discurso moralizante contra a corrupção de Moysés Lupion. E o governo deveria promover um programa que envolvesse toda a população do Paraná. Assim, verificamos um discurso solidário, propondo atender às principais necessidades da população estadual: “prometíamos uma administração séria, honesta e voltada para os compromissos maiores do Estado”.<sup>80</sup> Seriedade, honestidade, moralidade, sacrifícios dos interesses pessoais em nome dos interesses do povo e do Estado. Nas memórias de sua vida pública, Ney Braga ressaltava os valores, segundo ele, adquiridos desde a infância.

Ao ser questionado sobre a dobradinha Jânio e Ney estabelecida nas eleições de 1960, Ney Braga responde que havia uma relação entre os dois nomes, afinal, “Jânio representava a moralidade e a competência administrativa (...) Além disso, a vassoura que ele prescrevia contra a corrupção, combinava com o nosso discurso”.<sup>81</sup> Ao referir-se a relação com Jânio Quadros, Ney Braga não faz referência à renúncia talvez porque ela tenha uma carga muito negativa nos discursos do início da década de 60, afinal após a renúncia cria-se uma série de impasses na vida política nacional que culmina com o golpe de março de 1964.

Após narrar sua campanha eleitoral para o cargo de governador do Estado, Ney Braga concentra sua atenção na administração em seu primeiro governo (1961-1965). Essa parte da biografia é intitulada “Primeiro governo: a equação do desenvolvimento”. Como o próprio título sugere, o ponto norteador desse trecho será como a administração de Ney Braga estava voltada para o desenvolvimento do Estado.

<sup>78</sup> ANDERSON, op. cit., p. 78.

<sup>79</sup> BRAGA, op. cit., p. 132.

<sup>80</sup> Ibid., p. 133-134.



O primeiro ponto questionado pelos supostos entrevistadores refere-se aos ataques de Ney Braga às administrações anteriores. Ney Braga, em resposta, enfatiza a crise administrativa encontrada em 1961 (desmoralização e ineficiência administrativa). Nesse sentido, Ney Braga narra que havia necessidade de criar-se um “denuncismo”, para a partir daí se restabelecer “um clima de moralidade no trato dos negócios públicos e, com isso, o governo além de recuperar o crédito perdido, pôde montar uma nova equação de desenvolvimento estadual”.<sup>82</sup>



IMAGEM 5: Carro de campanha no qual explora-se a dobradinha Jânio/Ney. No alto a vassoura, símbolo da campanha pela moralização administrativa (1960).  
Acervo Família Braga.

<sup>81</sup> Ibid., p. 128.

<sup>82</sup> Ibid., p. 141.

Esse trecho da narrativa de Ney Braga ilustra o encaminhamento da biografia nessa oitava parte. O governo do Estado, a partir de 1961, teve duas metas: a primeira, por fim à corrupção e ineficiência administrativa (moralizar a máquina pública) e a segunda, conduzir o Estado ao estágio de desenvolvimento econômico (dotando-o de infra-estrutura). Seguindo esse eixo norteador, Ney Braga narra as ações de seu governo nesses aspectos: a criação da TELEPAR, da CODEPAR, da SANEPAR, da FUNDEPAR, a CELEPAR, a pavimentação de estradas, a diversificação agrícola.

Ao expor as obras de seu governo, afirma que o Paraná precisava de um governante que possuísse sensibilidade para perceber o que realmente era necessário para os paranaenses. Apresenta-se com o perfil de governador dotado de inúmeras capacidades administrativas, disposto a moralizar e desenvolver o Estado por meio da eficiência e planejamento.

Ao referir-se aos acontecimentos do início da década de 60 é bastante sucinto, restringindo-se a afirmar que não aceitou, na época, a renúncia de Jânio Quadros, chegando a redigir um telegrama sugerindo a volta do presidente ao cargo do executivo federal. A mesma atitude assume ao narrar o parlamentarismo e a posterior volta do presidente João Goulart ao poder, afirmando que era contra o parlamentarismo e apoiava a democracia que, para ele, era o presidente assumindo o cargo que as eleições lhe conferiam.

Os entrevistadores o questionam sobre qual a imagem que ele fazia de João Goulart. Afirma, então, que considerava o presidente um homem hábil politicamente, mas o que o preocupava era o fato de que o seu governo “estava se encaminhando notoriamente para o regime comunista”.<sup>83</sup>

Nesse trecho da biografia, percebemos qual a justificativa dada por Ney Braga para a adesão ao Golpe Militar, contextualizada com a Guerra Fria, qual fosse, o perigo comunista, afinal ele qualifica o então presidente como tal.

A partir desse comentário, Ney Braga narra os acontecimentos posteriores a 31 de março de 1964, afirmando ter ficado do lado da Revolução (como denomina o golpe militar), porque para ele, naquele momento, era a única forma de se manter a democracia. Ao referir-se ao bipartidarismo, afirma ter ajudado, no Paraná, a formar a ARENA; e em relação às cassações políticas, afirma que todas as revoluções tendem a afastar os adversários, nesse sentido, elas se justificam em nome da Revolução.

---

<sup>83</sup> Ibid., p. 192.





**IMAGEM 6:** Ney Braga apóia de forma rápida o Regime Militar instalado em 1964. Aqui o governador ao lado presidente Castelo Branco sendo saudados pelas ruas de Curitiba (1965).  
Acervo Casa da Memória – Fundação Cultural de Curitiba..

Cabe destacar a rápida adesão de Ney Braga ao Regime Militar, o qual pronuncia-se favorável ao novo regime de governo. Na época o então governador do Estado foi responsável

pela centralização política no Estado e pela criação da ARENA (pela aglutinação do PTB, PDC, UDN, PTN). Dessa forma, as lideranças estaduais são conclamadas à adesão ao governo militar.<sup>84</sup>

Em seguida, Ney Braga dedica-se a relatar a sua atuação frente ao Ministério da Agricultura (1965-1966), durante o governo do presidente Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967) e o posterior afastamento para a sua candidatura ao Senado da República (1967-1974). Destaca, em sua narrativa, o Ministério da Educação e Cultura (1974-1978), cargo que assumiu a convite do presidente Ernesto Geisel.

Ao ser questionado sobre as metas de seu segundo governo no Estado do Paraná (1979-1982), Ney Braga afirma que estas se resumiram a dar continuidade ao desenvolvimento iniciado pelo seu primeiro governo, o qual lançou as bases infra-estruturais. O que considera como novidade nesse seu segundo governo foram as questões ambientais (melhor controle sobre os recursos naturais). Em seguida, narra suas realizações na área de saneamento básico, educação e cultura, transportes e segurança pública.

Mesmo ao relatar suas obras em seu segundo governo, Ney Braga enfatiza muito mais o primeiro, porque este é comumente caracterizado como extremamente coberto de êxitos, além de ter se desenvolvido no período democrático.

### 2.3 O HOMEM PÚBLICO NEY BRAGA

Ao empreendermos uma análise da biografia de Ney Braga, é importante ressaltar o porquê resgatar a memória oficial do personagem político em estudo. O interesse por esse material se deve a algumas particularidades. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de Ney Braga ser um líder que no presente não representa mais um poder efetivo no meio político paranaense e que não deixou herdeiros diretos, pois com o fim da ditadura militar, novos líderes surgiram, como José Richa, Álvaro Dias, Roberto Requião — todos de oposição — e Jaime Lerner, que apesar do apoio que recebeu de Ney Braga, produziu uma imagem de independência em relação a ele.

---

<sup>84</sup> MAGALHÃES, Paraná ... op. cit., p. 76-77.

O segundo aspecto estritamente relacionado com o primeiro é o fato da biografia ter sido financiada e organizada pelo próprio Ney Braga, o que reafirma esse aspecto; afinal, é o herói “injustamente” esquecido que precisa resgatar por ele mesmo a sua história.

Foi com base nesses dois aspectos que se procurou ler a biografia, mesmo que não tenha sido bem acolhida pela crítica. A primeira evidência que temos é que quem a narra é o político Ney Braga. A narrativa, em todos os momentos, está impregnada do individual e não do coletivo, parecendo não haver outra possibilidade de interpretação do que esse viés. Nesse sentido, a biografia serve como uma forma de resgatar um passado memorável, lembrando que quem está lendo o seu próprio passado é Ney Braga. E é também a criação de um monumento.

Esse passado memorável tem um clímax: o primeiro governo do Estado do Paraná (1961-1965). Nesse sentido, Ney Braga traça um perfil do que seria um político ideal, mas é possível perceber que em cada palavra o personagem apresenta como espinha dorsal de suas memórias o cargo por ele ocupado, que coincide com o período em que obteve seu maior prestígio político. Poder-se-ia afirmar que quem fala é governador dos anos 60.

Ney Braga é apresentado por ele mesmo como um político por vocação, como se mesmo antes de nascer seu destino de líder público já tivesse sido traçado. Essa sua vocação é complementada com as heranças, num primeiro momento, recebidas de sua família. Essas se configuram, na narrativa, como virtudes. Entre elas, o gosto por envolver-se nos assuntos políticos e a capacidade de fazer reinar a harmonia e a conciliação.

A capacidade de empreender (no sentido de tornar-se empresário, de gerenciar), ao lado dos valores de honestidade, ética, moralidade e dignidade são outras virtudes apreendidas por Ney Braga, que vêm somar-se à sua personalidade de governante. A escola pública (fundamental e a de formação militar) ofereceu ingredientes que se somam a essas outras virtudes, possibilitando a Ney Braga aprender e a tomar gosto pela democracia. Todos esses aspectos que são arrolados na narrativa de Ney Braga sugerem ao leitor duas reflexões: qual o perfil de um líder político e por que ele era o político ideal (ideal, segundo ele próprio)? Tão ideal a ponto de comparar a sua vida com a vida dos santos, destacando que esta tinha sido marcada pelas dificuldades e sofrimentos e pelo desejo de ajudar quem sofria mais do que ele.

Ney Braga sugere ao leitor que, após seu ingresso na vida pública (marcado em 1952 quando assume a Chefatura de Polícia), as virtudes que aprendeu desde a infância foram aplicadas na condução dos cargos públicos que assumiu. Desvincula totalmente seu nome de

políticos ou partidos que o apoiaram nesse início de carreira, afirmando que sua ascensão política deu-se somente por suas virtudes e seu empenho pessoal. Apresenta-se como um político auto-suficiente e solitário, no final de sua vida.

Ao narrar sua vida pública, outras virtudes são destacadas: capacidade de dialogar com o povo e sensibilidade para perceber os problemas e solucioná-los, além, é claro, de sua disponibilidade de doar-se aos outros e colocar os interesses gerais acima dos interesses pessoais.

Todas essas virtudes acabam por compor o governador Ney Braga, que é apresentado ao leitor como um administrador eficiente, porque possui as qualidades de um empreendedor; porque é capaz de perceber os problemas infra-estruturais do Estado e solucioná-los; moralizador porque possui como parâmetros de ação, a ética e a honestidade; planejador, porque é capaz de estabelecer uma meta para suas ações, a justiça social.

A grande questão que parece abrir-se nas entrelinhas de cada memória de Ney Braga é justamente como pode um líder com todas essas virtudes e capacidades, com todo o seu passado memorável, ser esquecido no tempo presente. Então, ele próprio, julgando seu passado dessa forma, através de sua memória oficial, procura deixar impresso as suas mágoas de “herói” esquecido, substituído por líderes eleitos, sem possuírem o mesmo passado glorioso.

Na tentativa de concluirmos o presente capítulo torna-se necessário apresentar uma tipologia das imagens do político paranaense, evocadas pela biografia.

Dessa forma, para arrolarmos as principais imagens de Ney Braga cabe destacar a importância de verificar a sua relação com a tradição política paranaense.<sup>85</sup> Dois pontos parecem nortear essas imagens.

O primeiro é que Ney Braga se apresenta como um herdeiro da tradição política paranaense. Ney herdou dos avós a capacidade de envolver-se em política e superar nesse meio os desentendimentos; do pai herdou os princípios morais e o caráter empreendedor; da escola herdou a valorização da educação e a prática dos princípios democráticos; da sua cidade natal, a Lapa, herdou o seu caráter heróico. As imagens da herança em envolver-se em assuntos políticos e a capacidade de superar desentendimentos nessa área, articula-se à Revolução Federalista que criou uma série de heróis para o imaginário político paranaense, afinal o avô



envolveu-se em tal episódio, no qual morreu heroicamente; as famílias Braga-Lacerda eram partidárias da revolução, uma do lado dos legalistas, outra do lado dos federalistas; a isso se soma a última herança arrolada no parágrafo: a Lapa é concebida como berço dos heróis da referida revolução. Ney Braga é um filho da Lapa e, portanto, um herói paranaense.

Ligado ao seu primeiro governo do Estado, podemos afirmar que a imagem de empreendedor que herda do pai, nada mais é do que a marca que os estudiosos posteriores transferiram ao seu governo: um símbolo do desenvolvimentismo aplicado ao Paraná; relacionado a esse momento de sua vida política, podemos relacionar o caráter moral, herdado também do pai. Afinal, Ney Braga ficou conhecido, nesse momento, pelos seus atos para moralizar a máquina administrativa e pelo denunciismo contra seus adversários políticos diretos, a moralização aparece como a novidade na política.

A herança da escola, os princípios da democracia, a partir da convivência dos diversos segmentos sociais parece ser a base de todo o defensor dessa organização política ocidental (no caso de Ney Braga a defesa da democracia assume tal forma que chega a afirmar que o Golpe Militar de 1964 foi feito para salvá-la do comunismo).

A segunda imagem destacada no monumento, é que Ney Braga é um líder virtuoso por natureza. Dentre as suas virtudes estão capacidade de conciliação, caráter empreendedor, moralidade e honestidade, companheirismo, dignidade e honra, subjugar os interesses pessoais em nome dos interesses dos mais necessitados, dialogar e conservar as amizades, eficiência, capacidade de aproximar-se do povo, sacrificar a si mesmo e não os postos públicos assumidos. Com essas virtudes, tem-se traçado nas páginas da biografia o perfil do político ideal. A imagem da conciliação é bastante presente na tradição política de Ney Braga, pois foi um articulador de partidos políticos e que soube barganhar para conciliar diversos interesses. As virtudes de moralidade, honestidade, dignidade e honra relacionam-se muito ao aspecto administrativo e pelo denunciismo enfatizado por seu personagem. A virtude do companheirismo, de manter o diálogo e de conservar amizades apesar de ter um caráter popular na biografia, ele não confirma a prática do clientelismo e de espalhar cabos eleitorais por todas as regiões do Estado a fim de beneficiar seu personagem politicamente. À virtude de subjugar os seus interesses aos interesses do povo paranaense somam-se outras duas: a de aproximar-se do povo e a de sacrificar a si mesmo em nome de sua eficiência administrativa.

---

<sup>85</sup> Como o objetivo maior da presente pesquisa está voltado para o primeiro governo de Ney Braga

São imagens recorrentes e que num contexto de início da década de 60 representam as principais críticas de Ney Braga aos seus opositores políticos, que utilizavam a máquina administrativa para beneficiar-se política ou até economicamente. Por outro lado, Ney Braga critica o grupo de Lupion representantes da elite política paranaense, acusado de não representar o povo, imagem que Ney Braga também chama para si: representante do povo.

Além das imagens cabe destacar alguns pontos que nos levaram à reflexão a partir da análise da biografia.

O primeiro ponto é que Ney Braga se apresenta como um político por herança, mas não herdeiro da tradicional elite política paranaense. Muito mais do que isso: Ney é um herdeiro da elite aristocrática, dos verdadeiros heróis políticos do Estado.

O segundo ponto relaciona-se ao primeiro. Ney procura afastar-se da elite política a ponto de ignorar e até mesmo negar o apadrinhamento do grupo Munhoz da Rocha (família a qual passou a pertencer por laço de matrimônio). Para auto afirmar a sua liderança e a sua capacidade de renovação no universo da política, destrói o seu criador e todos os laços que o ligariam a ele, produzindo assim o seu esquecimento.

O terceiro ponto refere-se ao binômio: eficiência técnica e clientelismo. Esse segundo elemento (clientelismo) parece ter sido, associado ao primeiro, uma das formas encontradas por Ney Braga para legitimação no poder — sendo que à primeira prática ele denomina amizades. A eficiência técnica é uma influência da formação militar de Ney Braga na Escola de Comando e Estado Maior.

O quarto ponto refere-se ao discurso nacionalista presente na narrativa de Ney Braga, o qual menciona prioritariamente à categoria povo e à sua associação com a idéia de líder salvador, alguém que tem o seu destino traçado para libertar os governados de um momento de caos, tensão social ou econômica.

Estas imagens demonstram trinta e um anos depois terem se fixado na mente do ex-governador. Afinal, foram as mesmas ou quase as mesmas que ele construiu em suas campanhas e em seu governo de 1961 a 1965, como veremos a seguir.

---

(1961-1965) todas as imagens arroladas e analisadas tem como ponto de referência esse recorte temporal.

### 3 A NOTÍCIA COMO *MARKETING* : “O ESTADO DO PARANÁ”

O periódico “OEP” configura-se, no período em estudo, como situacionista, divulgador do governo Ney Braga. Esse periódico, de circulação diária em todo o Estado do Paraná, fundado em 1951 por Marins Camargo e era dirigido por Aristides Merhy e Fernando Camargo, fez do governador Ney Braga e de suas obras administrativas um assunto quase diário, seja em suas reportagens ou em seus editoriais. Dessa forma, o presente capítulo, atém-se à análise do periódico “OEP”.

O primeiro aspecto a ser destacado é que a temática do periódico é repetitiva em relação aos enfoques referentes ao governador Ney Braga; são sempre as mesmas imagens que circulam nesse periódico. Partimos do pressuposto que essa repetição tem a função de fixar essas imagens do governador nos leitores. Segundo Pierre Ansart, a repetição tem uma função muito importante no sentido de ser mais eficaz na interiorização da mensagem ou das imagens transmitidas.<sup>86</sup>

O segundo aspecto é que o periódico utiliza o recurso da relação passado e presente, para desqualificar o primeiro. Dessa forma, o presente será o momento glorioso que supera, em todos os aspectos, o passado. Nesse mesmo sentido, as reportagens e editoriais são construídos no sentido de enfatizar os problemas deixados pela administração anterior e que, apesar dos problemas, o governador Ney Braga empenha-se na recuperação do Estado.

Antes de iniciarmos a análise das reportagens do “OEP” faz-se necessário ressaltar que o periódico apresenta-se “alheio” aos acontecimentos políticos da primeira metade da década de 60. Dessa forma, acontecimentos históricos como a renúncia de Jânio Quadros, o parlamentarismo e o golpe militar de 1964 não são noticiados enfaticamente, quando muito, são apenas citados.

#### 3.1 A MORALIZAÇÃO DO ESTADO

O trecho a seguir resume um aspecto que será enfaticamente ressaltado em muitas reportagens e editoriais do “OEP”:

---

<sup>86</sup> ANSART, op. cit., p. 20.

Ao assumir o Governo, o major Ney Braga encontrou o funcionalismo público com seus vencimentos de dois meses, suportando estoicamente as privações e as dificuldades decorrentes dessa situação. Ao mesmo tempo, recebeu o Banco do Estado do Paraná praticamente falido, consequente dos assaltos de que foi vítima durante a administração da quadrilha organizada que dominava o Governo.<sup>87</sup>

Com base no trecho acima se pode caracterizar o discurso político veiculado pelo periódico em questão. Em primeiro lugar, descreve dois dos principais problemas que afligiam o Estado em 1961 — os vencimentos do funcionalismo público e a dívida do Banco do Estado. Em segundo lugar, essa situação de dificuldades administrativas é apresentada como resultado das ações administrativas, anteriores a Ney Braga, caracterizadas como a administração da quadrilha organizada que dominava o governo. Em terceiro lugar, apresenta-se ao leitor essa situação para reforçar o caráter de honestidade de Ney Braga.

Segundo a literatura que estuda o período, a situação financeira do Estado era bastante crítica. O Banco do Estado do Paraná estava em condição pré-falimentar e os serviços públicos (energia elétrica e rede viária) eram bastante precários. A base da economia paranaense era a agricultura cafeeira e as condições de escoamento e armazenamento não diferiram no que se refere ao abandono. O problema de terras era ainda enfrentado no oeste e sudoeste do Estado.

Moysés Lupion, predecessor de Ney Braga, era reconhecido como desonesto, que raspou os cofres públicos do Estado do Paraná. Esse aspecto reforça a liderança e o prestígio de Ney Braga, que vai se apresentar nesse contexto como o governador honesto, zeloso da máquina administrativa.

Continuando no mesmo editorial, apresentam-se as ações do governador para superar a situação calamitosa em que se encontrava o Estado no início dos anos 60.

Sem o concurso de ambos — funcionários e Banco — difícil seria à nova administração encetar o trabalho em prol da recuperação do Paraná, pois um funcionalismo desestimulado pela falta de pagamento e o principal estabelecimento de crédito oficial quebrado jamais poderia oferecer o seu importante coeficiente de colaboração ao sucesso dos planos governamentais. Consciente dessa realidade, o governador Ney Braga tão logo tomou a posse no Palácio Iguaçu, tomou as primeiras providências visando a regularização de ambas as situações. Empenhado [governador] à sua determinação no sentido de superar essas dificuldades, ordenou à secretaria da Fazenda que aplicasse praticamente toda a arrecadação do Tesouro no pagamento do pessoal e gestionou junto ao Governo Federal com o objetivo de conseguir recursos para tirar o Banco do Estado do atoladouro. E, ambos estão quase alcançados (...)<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Empenho do governo. *O Estado do Paraná*, Curitiba 17 maio 1961.

<sup>88</sup> Id.



O texto é conduzido de forma a levar o leitor a considerar que o governador Ney Braga tinha noção da situação delicada em que se encontrava a administração do Estado, ressaltando que, segundo o governador, tanto os funcionários públicos quanto o Banco não podiam corresponder, imediatamente ao que o Estado esperava deles na caótica situação em que se encontravam. Mas era preciso recuperar o Estado. Mas recuperar de que? Ora, recuperar da ação da administração anterior, caracterizada como corrupta. Nesse sentido, o periódico enuncia que numa medida de bom senso, o governador Ney Braga, sensível a esse problema, estabeleceu como prioridade o pagamento do funcionalismo e a busca de recursos para reestruturação do Banco. Em seguida, explica qual foi o procedimento por ele adotado.

O periódico afirma que Ney Braga age pelo bom senso ao delimitar o problema e a propor uma solução imediata para a referida recuperação do Estado. A ponderação, nesse sentido, acaba sendo encarada como guia das ações e das resoluções tomadas por um homem público que almeja alcançar o reconhecimento dos governados.<sup>89</sup>

Em uma outra reportagem, o periódico compara a administração Ney Braga com a administração anterior, começando por expor obras inauguradas pelo governador paranaense.

Nos últimos dias da semana passada o governador Ney Braga esteve em visita a diversas obras que estão sendo ou já foram construídas por sua administração em Curitiba e nos municípios vizinhos. No Hospital de Crianças “César Pernetá” o governador inaugurou a nova cozinha e o novo refeitório e visitou a ala nova, onde se localiza a farmácia e o ambulatório. No Hospital Nossa Senhora das Graças, inaugurou o serviço de hidratação. No Hospital Colônia Adauto Botelho inaugurou dois novos pavilhões, que acrescentam duzentos leitos aos 350 existentes, além da nova cozinha (mil refeições contra 350 da antiga) e do armazém, câmara frigorífica e necrotério. (...) O governador esteve no Sanatório São Roque, onde inaugurou a lavanderia automática que custou cinco milhões e eliminará o problema da lavagem manual, precária e penosa.<sup>90</sup>

O editorial chama a atenção dos leitores para um aspecto: o governador Ney Braga está empreendendo obras pequenas sem grande monumentalidade: inauguração de cozinhas, de ambulatório, alas de hospitais, lavanderia. Aqui se percebe claramente o caráter popular que é associado a Ney Braga e a tentativa do “OEP” de aproximar o homem público Ney Braga dos menos favorecidos de seu Estado. Nas próprias palavras do periódico define-se que as obras realizadas por Ney Braga são rotineiras, para atender problemas pequenos e isolados, mas que são importantes para o bem estar da população. O texto articula-se levando o leitor a encarar

<sup>89</sup> Essa importância dada ao bom senso de um governante é destacada por Raoul Girardet como uma dos pontos fundamentais para atingir o reconhecimento dos governados. GIRARDET, op. cit., p. 68.

<sup>90</sup> Obras pequenas e importantes. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 03 out. 1962.

as obras como prova concreta de que o governador de seu Estado demonstra preocupações em atender a todos os setores que mais necessitarem.

Nas entrelinhas do referido trecho é possível perceber a sutil crítica às ações governamentais de Bento Munhoz da Rocha Netto, que ficou conhecido no período pelas suas obras ditas “faraônicas”, no sentido de que oneravam os cofres públicos e que nunca eram concluídas. Essas obras seriam o Palácio do Governo, a Residência do Governador, o Palácio de Justiça, o Tribunal de Júri, o Tribunal Eleitoral, Edifício das Secretarias, Plenário e Comissões da Assembléia, o Teatro Guaíra, a Biblioteca Pública, a Praça e o Monumento do Centenário, as avenidas de acesso ao Centro Cívico.<sup>91</sup>

O periódico cria a imagem pública de Ney Braga como o político que é reconhecido pelos seus governados por comungar com eles das mesmas esperanças e desejos, é construída a sua imagem pública, aproximando ao máximo possível o grande homem do cidadão comum. Nesse sentido, procura-se naturalizar o personagem político para que seus concidadãos se reconheçam nele, ressaltando as virtudes que mais se aproximem do que os governados dele esperam. Ao que parece, o periódico está produzindo a imagem de um governante capaz de atender a todos os setores da população e de receber o seu reconhecimento, sem fazer obras monumentais. Ademais, obras monumentais, para o periódico, têm a qualidade de serem símbolo da corrupção pública, do desvio de dinheiro e do não atendimento às verdadeiras necessidades paranaenses (como hospitais, escolas, sanatórios, estradas, energia elétrica, etc.).

Esse discurso articulado de forma a criticar as ações governamentais de Moysés Lupion não é inaugurado exclusivamente pelo periódico em questão. Os discursos de Ney Braga e a orientação de seu governo a partir das Mensagens governamentais revelam essa forma de estruturação de discursos.

Segundo esses discursos, as necessidades da população deixaram de ter um tratamento adequado nas gestões precedentes, daí a sua proposta de levar a toda população paranaense, por exemplo, os serviços de saúde e educação. Esse tipo de discurso reproduz a idéia de eficiência do seu governo em relação à ineficiência dos outros governadores paranaenses no que diz respeito à assistência básica dos paranaenses.<sup>92</sup>

Novamente, enuncia-se a comparação entre as administrações:

---

<sup>91</sup> MAGALHÃES, O Paraná reinventado .... op. cit., p. 47.

... uma [a administração anterior] deixou os problemas sem solução e além disso abocanhou acintosamente verbas destinadas a minorar o sofrimento de enfermos. A outra [administração Ney Braga] respeitando religiosamente a destinação dos dinheiros públicos, resolve rapidamente os problemas e mostra que com eficiência é possível realizar um programa de governo admirável.<sup>92</sup>

Da forma como é conduzida, a reportagem propõe que o leitor faça duas associações básicas. À administração anterior, associa-se a ganância que leva os envolvidos na direção do Estado a desviarem as verbas destinadas a minorar o sofrimento de enfermos para os seus cofres. À administração anterior, associa-se corrupção, desfalque dos cofres públicos, valorização dos interesses pessoais, despreocupação com as causas dos menos favorecidos. Em contraposição a essa, ascende a administração Ney Braga.

A forma como essa comparação é descrita pelo periódico leva o leitor a associar a administração Ney Braga com aplicabilidade dos recursos públicos nos setores mais necessitados, a eficiência administrativa e a capacidade de gerenciar e aplicar os recursos públicos, seriedade para com o dinheiro do Estado. O periódico, ressaltando a imoralidade da administração anterior e comparando-a com a administração de Ney Braga, procura dar mais credibilidade às ações da atual administração.

Esse tipo de construção de discursos é comum no contexto histórico em que se insere. Nas eleições de 1960, os candidatos de oposição (Ney Braga e Jânio Quadros) pautam suas campanhas no combate à imoralidade administrativa dos governos vigentes e propõem-se moralizar a administração, varrendo a corrupção dos cofres públicos e os políticos que utilizam o aparelho do Estado para benefícios pessoais. O periódico, em diversos momentos (até a renúncia do presidente Jânio Quadros), refere-se ao símbolo da vassoura de Jânio Quadros, como igualmente pertencente a Ney Braga.

Logo nos primeiros dias a vassoura funcionou, anulando nomeações e aposentadorias no Tribunal de Contas, combatendo o banditismo no oeste e sudoeste do Estado, anulando nomeações irregulares para os cargos públicos, e agora determinando inquéritos sobre a venda de automóveis do Estado e promovendo a anulação de títulos de domínio expedidos sobre logradouros públicos da cidade de Paranaguá.

Essa vassourada em regra, indispensável para o restabelecimento da justiça no governo e para o funcionamento da máquina administrativa, não é, entretanto, suficiente para resolver os problemas do Paraná. O Estado não necessita apenas de moralização; precisa a rigor ser construído nas linhas mestras de sua nova armadura econômica. A vassoura não é um fim, é um meio para que o governo

---

<sup>92</sup> Ibid., p. 58-59.

<sup>93</sup> Obras pequenas e importantes. op. cit.

crie melhores condições de vida para os paranaenses. O governo sabe disso e ao mesmo tempo que varre começa a construir.<sup>94</sup>

Essa associação busca reeditar, no plano regional, as mesmas ênfases do presidente. O candidato Jânio Quadros, na campanha de 1960, centrava seus discursos nos ataques à inflação e custo de vida elevado e ao desperdício de dinheiro público com as obras faraônicas. Falava em nome dos descontentes e dos sem partido, a favor da limpeza na administração, na economia e nas reformas sociais.<sup>95</sup>

Nesse sentido, o discurso de moralização e de ataques ao governo antecessor tem uma função exorcista no periódico. Pode-se afirmar que Ney Braga, sendo oposição ao governo de Moysés Lupion, veicula através do jornal situacionista, idéias que procuram afastá-lo e diferenciá-lo do governo anterior, atribuindo a esse último as características negativas (associadas à sujeira), e, ao seu governo, as positivas (limpeza), concentrando em sua pessoa os anseios de moralização, lisura e maior eficiência; segundo o periódico, tais qualidades são atributos de todos os paranaenses. Essa é outra característica dos editoriais do periódico: sempre fazer referência a todos os paranaenses, como se todos os habitantes do Estado tivessem as mesmas aspirações. É o uso do discurso nacionalista que tende associar as pessoas sem deixar que se evidenciem as diferenças internas.

Além de utilizar o símbolo da vassoura, instrumento que seria usado por Ney Braga para limpar, varrer a corrupção e a desmoralização da máquina administrativa (assim como o presidente Jânio Quadros) o periódico conclui que não basta apenas varrer, mas fazer algo pelo Paraná, ou seja, começar construir as bases para o seu desenvolvimento. A reportagem a seguir sugere o que seria o fio condutor desse processo de desenvolvimento.

No sentido de caracterizar a administração de Ney Braga, o periódico sugere o seguinte:

... um governo que constrói estradas, que amplia o potencial energético, que dá assistência à produção, que melhora dia-a-dia as condições do ensino, que não descuida dos programas de assistência ao menor, a fim de possibilitar seu aproveitamento nos mais variados setores da atividade produtiva.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> Não só a vassourada. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 16 fev. 1961.

<sup>95</sup> BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo : Brasiliense, 1981. p. 23-24.

<sup>96</sup> Assistência ao menor. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 jun. 1963.

Esse é um exemplo de como a administração Ney Braga será retratada pelo periódico: uma administração preocupada com os principais problemas do Estado e em dar assistência aos menos favorecidos; uma administração preocupada com a modernização do Estado, mas também com os paranaenses. É acima de tudo uma administração moralizada. Ney Braga será apresentado pelo periódico como o gerenciador do desenvolvimento do Estado do Paraná em todos os setores desde a economia, criando e desenvolvendo a infra-estrutura, e atendendo aos setores básicos de atendimento à população. Esse aspecto será desenvolvido no próximo item desse capítulo.

Juntamente com a preocupação econômica, associam-se preocupações sociais: o caráter moralizador da administração pública. O trecho abaixo apresenta uma das medidas tomadas por Ney Braga, no que diz respeito a aplicar e utilizar os recursos do Estado. Nesse caso, o periódico procura apresentar as recomendações de Ney Braga a serem seguidas sobre o uso de carros oficiais por funcionários públicos:

1º estude a possibilidade de cobrança em dobro das multas por infrações cometidas por carros oficiais;  
2º comunique semanalmente à Casa Militar do Palácio do Governo a relação dos veículos que trafegam fora do horário normal de expediente.  
Foram ainda expedidas instruções a todas as repartições estaduais, a fim que quando os veículos oficiais saírem de sua sede, devem levar uma ordem de viagem por escrito, autorizada pelo chefe respectivo, em que esclareça motivo, destino e tempo de duração.<sup>97</sup>

Para ratificar as ações moralizadoras de Ney Braga, o periódico apresenta inclusive a Escritura Pública da Declaração de Bens do governador paranaense registrada no 7º Tabelionato de Notas na Capital no dia 23 de fevereiro de 1961 e as formas como adquiriu os bens.

A metade do terreno situado na rua Carlos Gomes, esquina Visconde do Rio Branco, bem como a casa sobre ele construída, havidos por herança, do inventário de sua primeira falecida mulher, cabendo a outra metade do imóvel aos filhos do seu primeiro matrimônio;  
A residência da rua Generoso Borges, 336, construída com financiamento pela Caixa Econômica Federal do Paraná (...) havido o terreno por doação de seu genitor;  
A sétima parte do imóvel sito em Paranaguá havida por herança, conforme folha de partilha transcrita sob número 3.237, livro 3E, do Cartório do Registro de Imóveis da Comarca de Paranaguá;  
O terreno em Brasília adquirido da NOVACAP, pela tabela Price, em prestações de Cr\$ 3.600,00 mensais;  
A parte ideal do terreno situado na vila Olga, havida por herança, através do inventário dos bens do dr. Caetano Munhoz da Rocha.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Ney determinou rigor no uso de carros oficiais e horários do funcionalismo. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 22 fev. 1964.

Essa declaração de bens do governador tende a reforçar a idéia de trato honesto dos negócios públicos, pois a declaração demonstra que todos os bens que possui o governador ou foram adquiridas por herança de família ou compradas com financiamento. É a imagem do governador de origem modesta.

Por outro lado, em inúmeros momentos, as prestações de contas de Ney Braga são publicadas no “OEP”. Estas geralmente apresentam a mesma fórmula: o que foi feito, o que será feito e o que cada um dos paranaenses pode fazer para melhorar a situação do Estado. Uma dessas prestações é muito interessante, porque nela Ney Braga convoca a ajuda da mulher dona-de-casa para aumentar a arrecadação, evitando a sonegação de impostos:

Se a senhora exigir sempre a nota fiscal (...) ninguém mais terá como sonegar o imposto. Cada nota fiscal que a senhora exige significa imposto pago. E esse imposto quem paga não é o negociante, é quem compra, porque o imposto é sempre incluído no preço. Assim, se anota não for exigida, não haverá meio de saber que, incluído no preço, a senhora já entregou ao negociante o dinheiro do imposto. Por causa da sua omissão, sonega-se diariamente perto de 20 milhões de cruzeiros de impostos de vendas e consignação. São 600 milhões por mês, quase o que o Estado gasta mensalmente com o funcionalismo (....) Talvez a senhora não saiba que a ti mesmo quando paga, no fim do mês, o caderno do armazém e do açougue, da padaria e da farmácia, o negociante é obrigado a extrair e a fornecer a nota fiscal.<sup>98</sup>

O que mais chama a atenção no trecho é a quem o discurso de Ney Braga publicado no periódico é direcionado: à dona-de-casa. Em seu discurso utiliza uma linguagem bem simples, explicando o que é sonegação e a importância da arrecadação do imposto, enfatizando o papel da dona-de-casa no combate ao não pagamento do imposto. Da forma como é apresentado, o discurso convoca as donas-de-casa a participarem do governo. Na primeira página do “OEP” aparece a chamada “Saldo positivo”, matéria em que o periódico explica que em seis meses de governo Ney Braga o número de obras realizadas é positivo, dando provas da recuperação financeira do Estado. O periódico destaca nessa chamada de reportagem que o governador apelou à colaboração do povo paranaense, em especial à dona-de-casa. Nessa mesma edição, o editorial do periódico intitulado “Paraná recomeça a andar” comenta a mensagem do governador, ressaltando as suas capacidades de administrador modernizador.

---

<sup>98</sup> Ney Braga faz sua declaração de bens. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 fev. 1961.

<sup>99</sup> Palestra de Ney ontem, comprovou que o governo, em seis meses, tem saldo positivo. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 28 jul. 1961.

### 3.2 A MODERNIZAÇÃO DO ESTADO

Essa imagem não é inaugurada pelo periódico; é antes e acima de tudo um reflexo da imagem nacional desenvolvimentista propagada no Brasil desde a década de 50, com o governo de Juscelino Kubitschek, e que é assumida como meta do governo na década de 60 no Estado do Paraná.

Nesse contexto não é de se estranhar a ênfase dada pelo periódico “OEP” ao personagem do governador Ney Braga enquanto um administrador, modernizador da economia. Também não é de se surpreender pela importância dada às obras de infra-estrutura do Estado. O que é de surpreender, o fato de se aliar permanentemente a imagem regional à nacional, a última vista como modelo de governo.

O Estado, dentro da ideologia desenvolvimentista, deveria racionalizar a administração, a fim de proporcionar o progresso, o desenvolvimento. Nesse sentido, o periódico afirmará esse posicionamento de Ney Braga, associando a ele o papel de promotor do progresso do Estado com eficiência e interesse.

Na década de 60, o Paraná será palco da execução do projeto de desenvolvimento paranaense, que já vinha sendo elaborado pelo PLADEP (Comissão de Coordenação do Plano de Desenvolvimento Econômico) desde 1955. Os estudos referentes ao desenvolvimento do Estado do Paraná apontavam para a mesma direção: a tendência ao empobrecimento do Estado era devida à produção cafeeira e seu excedente que não encontrava saída no mercado internacional. Dessa forma, para o Estado superar seu estágio de subdesenvolvimento era necessário optar pela industrialização. Para se atingir esse estágio, havia a necessidade da atuação direta do Estado como provedor da infra-estrutura e como propulsor da atividade industrial. Dentro desse contexto era necessário que o Estado atuasse “através de sua ação modernizante, racional e dinâmica”.<sup>100</sup>

O “OEP” assume esse discurso e é com base nele que elaborara todas as suas reportagens e editoriais. É dentro desse contexto que o periódico cria a imagem do administrador modernizador.

---

<sup>100</sup>AUGUSTO, op. cit., p.25-28.

Para assumir essa imagem e alcançar os objetivos almejados (o desenvolvimento) era necessário organizar um governo mais técnico que político. A modernização e a racionalização do aparelho do Estado a “tecnificação” do conteúdo político.<sup>101</sup>

E de fato o que se percebe no governo de Ney Braga é a tecnoburocratização do Estado, resultado não só da pressão do projeto de desenvolvimento paranaense, mas no caso de Ney Braga, podemos relaciona-lo com a sua formação militar. Formado pela Escola de Comando do Estado Maior, provavelmente se identificou com as discussões relacionadas ao planejamento como meio para se obter o sucesso econômico. Este planejamento tinha que ser “manejado por tecnocratas supostamente desprovidos de interesse e de determinações classistas” e pautado em uma racionalidade administrativa.<sup>102</sup>

Essa temática da tecnoburocracia será bastante explorada pelo periódico, já no momento de ascensão de Ney Braga ao executivo, pois divulga a idéia de que a equipe de Ney Braga é composta por homens desconhecidos, entre 30 e 50 anos de idade e todos com formação técnica para assumirem os cargos que lhes foram propostos. Ao mesmo tempo, segundo o periódico, eles se comprometeram a não concorrer a nenhum cargo público nas próximas eleições, para não se subjugarem a disputas e favoritismos partidários. O objetivo de terem sido convidados a participar do governo é que estejam aptos a desenvolver o programa de desenvolvimento econômico e social.<sup>103</sup>

Essa temática da superação da política pela técnica será evidenciada no *slogam* “mais administração e menos política” que será repetitivamente enfatizada pelo periódico como lema do governo de Ney Braga. Mas apesar de ser um governo voltado para o desenvolvimento econômico, o periódico fará questão de ressaltar as preocupações sociais do projeto de desenvolvimento paranaense.

O “OEP” relata que “apesar de concentrar esforços na execução de obras básicas, que propiciarão condições para acelerar o desenvolvimento do Paraná, o Govêrno Ney Braga não descuidou dos empreendimentos de cunho social”.<sup>104</sup>

---

<sup>101</sup> Ibid., p. 26.

<sup>102</sup> DREIFUSS, op. cit., p. 74-75.

<sup>103</sup> Desconhecidos de 30 a 50 anos os homens da equipe de Ney. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 29 jan. 1961.

<sup>104</sup> Tarumã. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 12 maio 1963.



Em uma reportagem o periódico enfatiza a política governamental no sentido de conciliar o desenvolvimento econômico do Estado e ao mesmo tempo o desenvolvimento e a assistência ao homem paranaense:

Desde o início da atual gestão a política governamental baseou-se em duas diretrizes fundamentais: o estímulo ao processo de desenvolvimento e a chamada meta homem. Resultou o binômio da conciliação necessária entre os imperativos do progresso econômico e na imperiosa tarefa de atender aos recursos humanos, através de uma política racional de prestação de serviços públicos. Em consequência, ao lado das grandes obras a infra-estrutura (...) <sup>105</sup>

Será mais uma vez destacada como proposta da administração de Ney Braga conciliar progresso e assistência ao ser humano. Na visão do periódico, Ney Braga cumpriria isso através das obras públicas, principalmente de infra-estrutura do Estado, na prestação de serviços públicos. <sup>106</sup> O trecho destacado deixa claro como o governo de Ney Braga vai introjetar a ideologia desenvolvimentista e assumi-la como meta principal do governo e o periódico situacionista dispõe a fazer *marketing* das obras, dos empreendimentos do governo e das ações de Ney Braga para que o desenvolvimento do Estado seja alcançado.

Segundo Francisco Magalhães Filho, ao analisar as mensagens do governador Ney Braga durante o seu governo afirma que os seus discursos estavam mais voltados para a justiça social do que propriamente para o desenvolvimento econômico. Esta última temática se justificava pelas necessidades do Estado (energia elétrica e pavimentação de estradas). <sup>107</sup>

Como podemos perceber no início dos anos 60, o que corresponde ao governo de Ney Braga, configura-se uma série de discursos relacionados ao desenvolvimento econômico do Paraná via industrialização.

A industrialização efetiva do Estado só será alcançada na década de 70, onde, vertiginosamente, segundo Igor Zanoni Leão, a indústria paranaense dinamiza-se em ritmo acelerado porque encontra as condições ideais para o seu desenvolvimento: a) infra-estrutura básica (rede de rodovias modernas, ferrovias, porto marítimo e oferta adequada de energia elétrica); b) mecanismos institucionais de apoio centrados no BADEP (Banco de

<sup>105</sup> Ano da educação. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 23 jan. 1964.

<sup>106</sup> Não se pode esquecer que nesse momento Ney Braga desenvolverá a infraestrutura do Estado, criando a CODEPAR, a TELEPAR, usinas hidrelétricas, ampliando as rodovias no Estado, promovendo a industrialização.

<sup>107</sup> MAGALHÃES, *Sobre política ... op. cit.* p. 147.

Desenvolvimento do Estado do Paraná); c) o Estado já possuía uma agricultura moderna e dinâmica, permitindo a instalação de setores agroindustriais.<sup>108</sup>

Como já foi afirmado anteriormente, o discurso de industrialização do Paraná não é nenhuma inovação proposta por Ney Braga, pois os governos anteriores já haviam iniciado tentativas de industrializar o Estado, mas sem sucesso, pois não existiam as condições internas para tanto. Na época da colonização do Norte do Paraná, a indústria estava voltada para os recursos naturais (erva e madeira) e para o mercado externo, que sofre uma redução com a concorrência de outros mercados (como é o caso da erva-mate nos anos 1913-1914 que perde mercado com a expansão do mercado argentino). A partir da década de 20, a indústria paulista cresce aceleradamente e já na próxima década as economias periféricas (como é o caso do Paraná) não tinham condições de alcançar tal nível de crescimento, a forma de beneficiamento dos seus produtos (erva e madeira) era débil, e São Paulo desenvolvia-se com as indústrias de bens de consumo, voltadas para um mercado interno. Com a ocupação do Norte e o beneficiamento do café, as taxas de industrialização do Paraná se elevam (e é um momento de crescimento da indústria nacional). Assim, nos anos 40 e 50 a indústria paranaense cresce, mas acentua-se ainda mais sua condição periférica, pois o mercado paulista drena para si o capital gerado pela agroindústria cafeeira. Nos anos 60, novamente, ocorre uma redução do crescimento industrial no Estado, dada a crise econômica que atingiu o Brasil nos anos de 1962 a 1967. Somente em meados dos anos 70 essa condição vai se alterar quando a expansão industrial paranaense é mais significativa e supera o beneficiamento de produtos como o café e a madeira, abrindo espaço para outros gêneros como o fumo, a química, a metal-mecânica. É também característica da indústria paranaense nesse período a ampla escala de produção e o uso de tecnologias modernas.<sup>109</sup> É essa visão ressentida que reforça o patriotismo local.

No entanto, cabe ressaltar que apesar de não existir um crescimento da indústria no Paraná nos anos 60, é nesse período que se define, por um lado, um plano de desenvolvimento para o Estado pautado na industrialização e, por outro, ocorre uma atuação bastante significativa do Estado no processo de instalação de infra-estrutura básica para receber os investimentos industriais. Esse pensamento político econômico centrou-se na CODEPAR, depois transformada em BADEP (órgãos financiadores do processo de desenvolvimento da economia paranaense), que implementa um mecanismo institucional de apoio às indústrias.

---

<sup>108</sup> LEÃO, op. cit., p. 38.

Assim, nos anos 60, vinha sendo gestado um projeto de industrialização que promovesse o desenvolvimento econômico do Estado. Nesse processo, a administração Ney Braga dá forma a esse projeto, colocando-a como uma das preocupações centrais de seu plano de governo, racionalizando a máquina administrativa, para capacitá-la a impulsionar o desenvolvimento econômico, privilegiando a diversificação da economia. Esse projeto governamental recebeu apoio da FIEP e da ACP; a SAGMACS (Sociedade para Análise Gráfica e Mecanográfica Aplicada aos Complexos Sociais) orientou os governadores Carvalho Pinto (São Paulo) e Ney Braga (Paraná) na elaboração de seus planos de governos pautados no planejamento e racionalização. Dessa forma, cria-se uma administração paralela capaz de contornar a ineficiência da administração pública tradicional, fazendo surgir órgãos como CAFE do Paraná (agropecuária), FUNDEPAR (educação), SANEPAR (água e esgoto), TELEPAR (telecomunicações), CELEPAR (informática), COHAPAR (habitação), CODEPAR (fomento econômico).<sup>110</sup>

Nesse sentido, podemos afirmar que as políticas públicas de Ney Braga no período que corresponde ao seu primeiro governo foram facilitadas pelo desenvolvimento econômico que já vinha se processando no Estado nos períodos anteriores e principalmente pelo quadro institucional que já estava consolidado no Paraná e interessado no desenvolvimento via industrialização.

Dentro desse contexto, não é de se estranhar que um dos temas mais abordados pelo “OEP” em relação à administração de Ney Braga é a ação do governador em relação ao progresso econômico paranaense:

Não há nenhum exagero em dizer que a gestão de Ney Braga marca uma nova época na história administrativa do Paraná. Fôsse o sentido de seu governo limitado à moralização introduzida no serviço público, não haveria como disfarçar o controle com a gestão precedente tãda ela marcada pelas mais clamorosas irregularidades (...) Além de pôr a casa em ordem, Ney conseguiu infundir conteúdo nôvo à política administrativa, desviando-as das meras atividades rotineiras, para orientá-la em direção aos empreendimentos capazes de impulsionar o progresso paranaense (...) Ney Braga consolidou as atividades capazes de acelerá-lo, através da atuação dinâmica de novos organismo, como as sociedades de economia mista (...) a política governamental de Ney Braga beneficia globalmente o Paraná porque abrange todo o território estadual, sem nenhum exclusivismo bairrista.<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> Ibid., p. 31-36.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Curitiba .... op. cit. p. 124-127; AUGUSTO, op. cit. p. 28-30.

<sup>111</sup> Os números. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 05 nov. 1963.

O primeiro aspecto a ser destacado do trecho acima é o caráter repetitivo do periódico situacionista, que considera o governo Ney Braga como um marco na história da administração do Estado. Em seguida, enfatiza a diferença entre a administração empreendida por Ney Braga com a administração precedente, associando a primeira à tentativa de moralização pública e à segunda as irregularidades. Assim salta aos olhos do leitor a função primeira de Ney Braga: “por ordem na casa”. Logo em seguida, o periódico especifica que a tarefa do governador frente ao executivo paranaense não se resume nessa simples fórmula. Ao “por ordem na casa” o periódico soma a necessidade de implantar à política administrativa um novo conteúdo, que esteja consoante com seu tempo, ou seja, cabe à administração pública impulsionar o progresso paranaense.

Em outras palavras, o periódico é claro ao propor que o contexto histórico exige ações do governante. Segundo o periódico, Ney Braga é capaz de perceber esse momento porque não fica nos bastidores, esperando que o progresso se desenvolva por si mesmo. O periódico aponta que Ney Braga já consolidou as atividades capazes de acelerá-lo, através da atuação dinâmica de novos organismos, como as sociedades de economia mista. Outro aspecto é que Ney Braga direciona sua ação governamental em todos os sentidos, oferecendo a todas as regiões do Estado essa possibilidade de progresso, sem nenhum exclusivismo bairrista. É a imagem do governador modernizante, do administrador técnico.

Novamente, retoma-se à política desenvolvimentista, pois o periódico apresenta Ney Braga como o governante que assume o gerenciamento da economia e se propõe a promover o desenvolvimento econômico do Estado em todas as regiões, não privilegiando uma ou outra. Afinal o desenvolvimento deve ser geral. Ao mesmo tempo em que o periódico apresenta essas novas funções do executivo, faz questão de exaltar as qualidades de Ney para promover o que se comprometeu a fazer, pois, ao contrário do governador anterior, o governador Ney Braga está realizando obras para cumprir essa tarefa. Esses aspectos serão recorrentes nas reportagens e editoriais do “OEP”.

Dessa forma, o trecho destacado exemplifica a principal característica da política na década de 60. Nesse período, marcado pelo discurso da modernização do Estado do Paraná, investindo-se numa reorganização da economia, os governantes “constroem uma imagem pública de homens comprometidos com o progresso e desligados das administrações

anteriores”. Esse político da década de 60 será portador, exclusivamente, de um “projeto de modernização”.<sup>112</sup>

Os governos anteriores a Ney Braga, que correspondem às gestões de Bento Munhoz da Rocha e Moysés Lupion, centralizavam seus discursos de governo na promoção da ocupação do território, incentivando a vinda de imigrantes e a pequena propriedade. Ney Braga se posiciona, em seus discursos, contra essa prática de incentivo à povoação do território — já que na década de 60 o território já está povoado — e principalmente contra o estabelecimento das pequenas propriedades — já que elas não atendem às necessidades de promover o desenvolvimento do Estado.<sup>113</sup>

Nos anos que se seguem (1961 a 1965), Ney Braga vai sendo, dia após dia, apresentado pelo periódico paranaense como um “modernizador da economia paranaense”<sup>114</sup>

É erguendo os fios que transportam a energia vivificantes e estendendo pelo chão as fitas de asfalto que a administração Ney Braga vai impulsionando o progresso do Paraná criando condições para o seu desenvolvimento industrial e para o desafogo de sua produção agrícola. O binômio indústria-agricultura, equilibrado, constitui o caminho mais curto e correto para desenvolver a economia; o binômio estradas-energia elétrica constitui o meio para atingir este caminho.<sup>115</sup>

No trecho acima fica claro o discurso modernizador da década de 60 e consegue-se perceber que o periódico apresenta Ney Braga como o homem capaz de modernizar o Estado e sua economia. Dessa forma, vem expresso no discurso do periódico qual o procedimento adotado pelo governador Ney Braga para atingir seu intento, que é indicado ao leitor do periódico na forma do binômio, indústria e agricultura, apresenta como caminho mais curto e correto para desenvolver a economia a construção de estradas e investimento no setor de energia. Modernização no discurso do periódico é sinônimo de industrialização.

No discurso sobre a modernização do Paraná pela industrialização é enfatizada a necessidade de desenvolvimento de infra-estrutura, principalmente rodovias e usinas elétricas, sendo essas últimas o setor prioritário da ação governamental. Com esse interesse, o Departamento de Edificações, Água e Esgoto, Energia Elétrica e Estradas de Rodagem recebeu 90% do orçamento do Governo do Estado do Paraná. Esse número representa a

<sup>112</sup> MAGALHÃES, O Paraná reinventado ... op. cit., p. 56.

<sup>113</sup> Ibid., p. 56-57.

<sup>114</sup> Esse conceito é extraído de Magalhães que ressalta que nos discursos de Ney Braga ele próprio se intitula dessa forma. Ibid., p. 64.

<sup>115</sup> O Estado do Paraná, Curitiba, 19 nov. 1961.

necessidade de se dotar o Estado de uma infra-estrutura nunca antes vista para que se criem as condições favoráveis ao desenvolvimento da indústria.<sup>116</sup>

A necessidade de se estruturar e desenvolver a infra-estrutura no Estado é expressa no trecho a seguir:

Em vez de construir palácios em Curitiba, Ney preferiu construir estradas asfálticas, usinas elétricas, armazéns para a produção, grupos escolares, hospitais, estações de tratamento de água e esgotos em todo o Estado do Paraná. Como falamos em energia elétrica, vamos citar trabalho feito: construção da usina termelétrica de Figueira, cuja construção se arrastou durante 15 anos de governos anteriores, usina hidrelétrica de Mourão I, cuja construção esteve paralisada durante toda a gestão do senhor Bento Munhoz da Rocha e que Ney concluiu e colocou em funcionamento, servindo campo Mourão e outras cidades; usina hidrelétrica de Chopin I, que o senhor Bento Munhoz da Rocha ignorou e que Ney concluiu e fez funcionar, servindo Pato Branco e outras cidades do Sudoeste; usina hidrelétrica de Salto Grande, iniciada e em construção no atual governo (....) É comparando que se prova. É com dados que se prova.<sup>117</sup>

Em primeiro lugar, cabe destacar a diferenciação que o periódico faz no que se refere às obras públicas para Ney Braga. Assim, o periódico destaca dois tipos de obras públicas: as primeiras são os palácios, as obras monumentais (esse aspecto já foi caracterizado anteriormente); a segunda são as obras públicas úteis à sociedade, expressas em forma de estradas, de usinas, de escolas. O periódico afirma que o homem público Ney Braga se posiciona a favor do segundo tipo de obra. São poucas as reportagens em que ocorre a menção aos administradores anteriores. No entanto, neste trecho, cita-se o nome de Bento Munhoz da Rocha. Normalmente o periódico refere-se somente às “administrações anteriores”, pois Ney Braga rompe relações políticas com Bento que havia conduzido aquele à vida pública, como vimos no capítulo anterior. Esse rompimento de relações tem um fato marcante a troca de cartas em 1965 (apresentaremos esse momento a seguir).

Esse discurso pode ser associado ao de Jânio Quadros que, durante sua campanha à Presidência da República, em 1960, atacava diretamente as obras faraônicas empreendidas pelo presidente Juscelino Kubitschek. Ao mesmo tempo, para promover o desenvolvimento, segundo a ideologia desenvolvimentista, os Estados deveriam racionalizar os investimentos, discernindo entre o que era primordial ao progresso econômico. O periódico apresenta que o condutor dos negócios públicos no Paraná tem essa visão de empreendedor.

<sup>116</sup>MAGALHÃES, O Paraná reinventado ... op. cit., p.64-66.

<sup>117</sup> Prova dos números. O Estado do Paraná, Curitiba, 13 ago. 1965.

Segundo a ideologia desenvolvimentista vigente à época, o papel do Estado na economia deveria ser reforçado tanto na área do planejamento, investimentos e direcionamento da política desenvolvimentista. Ao mesmo tempo, o Estado tinha como função intervir na agricultura a fim de modernizá-la, e, principalmente, orientar suas ações no sentido de fortalecer e desenvolver as obras de infra-estrutura. Deveria também proceder no sentido de reduzir o mais rapidamente possível o desequilíbrio interno (umas áreas desenvolvidas e outras retrógradas), promovendo o desenvolvimento de forma homogênea.<sup>118</sup>

O periódico, em várias situações, procura comprovar a eficiência do governo de Ney Braga no sentido de promover esse desenvolvimento, citando exemplos da atuação concreta do governador: as usinas hidrelétricas. O periódico não se limita a apenas citar, mas procura destacar que Ney Braga está completando obras de seus antecessores que não as finalizaram. Por exemplo, o periódico cita que a usina termelétrica de Figueira ficou paralisada por 15 anos e quem a conclui é o governador Ney Braga.

O “OEP”, para fortalecer as afirmações positivas do governo Ney Braga, compara a administração das obras públicas deste com os governos anteriores. Esse recurso utilizado para legitimar um personagem político e suas ações é analisado por George Balandier. Para o autor, trabalha-se aí com a noção de ordem e de desordem, expediente imprescindível para reforço da imagem do “novo”.<sup>119</sup>

Assim, não basta apenas comprovar a eficiência de Ney Braga apresentando os resultados de seu trabalho. O periódico faz questão de, para criar um efeito de verdade absoluta, comparar a eficiência de Ney Braga frente à ineficiência, principalmente, do governante que o antecedeu. Além de planejar e construir usinas, o jornal destaca que Ney Braga dá continuidade às obras iniciadas por outros políticos, demonstrando, na prática, a sua eficiência.

Essa também será reforçada no periódico pela seguinte ênfase: “No setor de edificações, o governo Ney Braga suplantou este ano seu próprio recorde, construindo uma obra por dia útil. O índice anterior também recorde de seu governo, era de uma obra em cada dois dias”.<sup>120</sup>

---

<sup>118</sup> CASTRO, op. cit., p. 38.

<sup>119</sup> BALANDIER, op. cit., p. 42.

<sup>120</sup> Governo Ney Braga constrói em menos de três anos, seis vezes mais que o anterior. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 20 nov. 1963.

Ao enfocar a questão do governo superar-se a si mesmo nas mãos de Ney Braga, o leitor pode concluir que as obras do governador são a prova concreta dada aos paranaenses de que o homem público Ney Braga está empenhado em fazer, na prática, com que o progresso tome uma direção e um ritmo bastante acelerado para, em pouco tempo, tomar conta de todo o Estado.

Além disso, é bastante enfatizada a eficiência das ações governamentais de Ney Braga no sentido de que suas obras superam as obras de todos os governos anteriores. A eficiência de Ney Braga, dessa forma, é comprovada pela comparação e pelos números:

Todas as administrações anteriores, englobados todos os trabalhos de pavimentação asfáltica realizadas até 1960, não chegam a alcançar a meta já atingida pelo governo Ney Braga, um pouco mais de dois anos e meio de exercício. Até 31 de dezembro deste ano, o governo apresentará como saldo positivo o asfaltamento de 255 quilômetros de rodovias a cargo do DER, contra apenas 250 quilômetros em todos os governos anteriores reunidos (...)

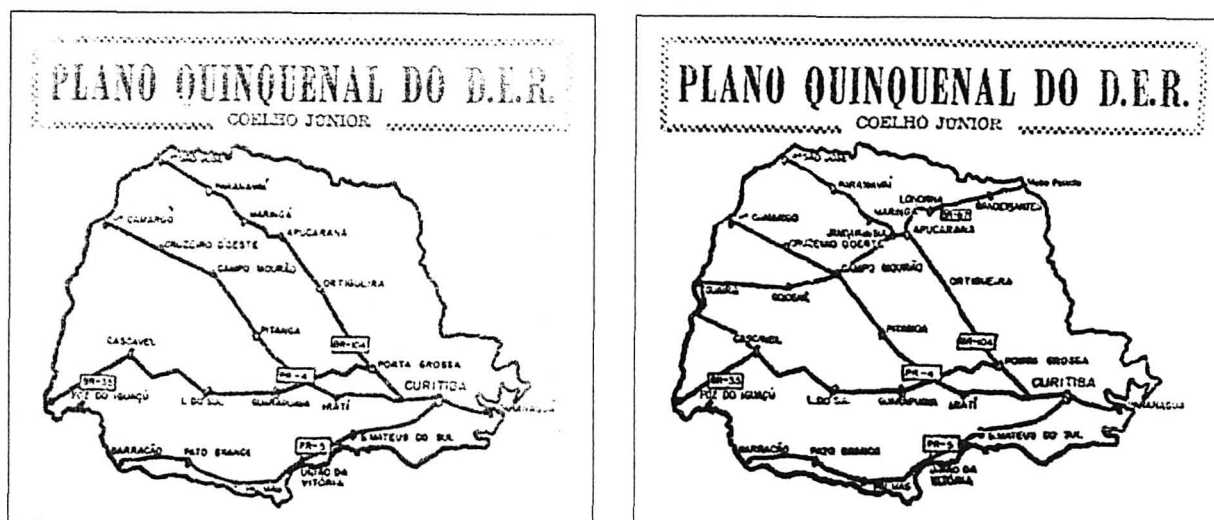
A Rodovia do Café (Paranaguá-Paranavaí) segundo a pesquisa elaborada, apresenta-se da seguinte forma: terraplenagem concluída no trecho Curitiba-Paranaguá, ficando a pavimentação provavelmente a cargo do DNER, asfaltado o trecho Curitiba-Caetano, de Caetano a Alto do Amparo (45 quilômetros), 22 quilômetros estão asfaltados e o restante intensamente atacado; fase final de terraplenagem e asfaltamento em curso no trecho Alto do Amparo-Araruva, de Araruva a Maringá, asfalto concluído.<sup>121</sup>

No trecho acima algumas informações são bastante interessantes. Em primeiro lugar, a própria construção do texto: novamente o periódico usa a comparação da administração Ney Braga com as administrações que o precederam. Nessa comparação, apenas um aspecto se conclui, e é exatamente esse aspecto que será fortemente enfatizado: Ney Braga supera em números as obras dos outros governadores juntos. Em segundo lugar, é enfatizado, comparativamente, que essa superação em termos numéricos se deu em um pouco mais de dois anos e meio de exercício do cargo público. Ora, aqui está a prova concreta da eficiência do administrador paranaense, apresentada pelo periódico. Em terceiro lugar, o jornal tenta provar a eficiência de Ney Braga e o seu planejamento (e visão de futuro) citando um exemplo concreto, que é o asfaltamento da Rodovia do Café, expressando ao público leitor os trechos já asfaltados e aqueles que estão por concluir.

---

<sup>121</sup> Governo Ney Braga asfaltou em menos de 3 anos mais do que do que todos somados: 255 Km. O Estado do Paraná, Curitiba, 15 nov. 1963.





**IMAGEM 7:** Esses mapas foram amplamente explorados pelo marketing político para demonstrar o planejamento do governo Ney Braga em relação à pavimentação de rodovias e estradas (1961).  
Acervo Biblioteca Pública do Paraná – O Estado do Paraná..

O poder de um homem público pode ser “imortalizado em uma matéria imperecível, expresso em criações que manifestem sua personalidade e seu brilho”.<sup>122</sup> Nesse sentido, considera-se que perdura na vida pública a necessidade do poder político e do próprio homem público de ser legitimado em obras, em criações. Essas obras permitem que o homem público e seu governo se perpetuem em uma prova concreta de sua eficiência, de sua personalidade, de suas ações na vida pública.

No “OEP”, as obras públicas realizadas por Ney Braga são sinônimos da eficiência administrativa e do comprometimento com as causas mais nobres do Estado e da população. São elas que levam o reconhecimento da população em relação a essa atuação eficiente de Ney Braga que é aplaudido em todas as localidades do Estado: é o administrador que não apenas planeja obras, mas que as executa e as inaugura.

<sup>122</sup> BALANDIER, op. cit., p. 10.

### 3.3 O ATO DE INAUGURAR

O “OEP” apresenta com insistência a imagem de que o governador Ney Braga recebe inúmeras homenagens do povo paranaense, sendo aplaudido em todas as localidades que visita para inaugurar ou inspecionar pessoalmente as obras públicas que seu governo vem empreendendo.

Não foram manifestação gratuita nem manifestações em que predominasse o aplauso político. Se o governador recebeu homenagens foi porque a população de ambos os municípios [Marialva e Campo Mourão] sentiu-se grata por ter sido atendida com a realização de algumas obras fundamentais que estiveram encruadas durante muitos anos. Em Marialva, onde recebeu o título de Cidadão Honorário, o governador Ney Braga inaugurou só nessa viagem, os edifícios do ginásio e do fórum e a rede de abastecimento de água, depois de já ter entre a população o trecho asfaltado da estrada de Mandaguari e a rede de abastecimento de energia elétrica. (...) Se algum teste ou algum julgamento do governo Ney Braga ainda fosse necessário, o teste e o julgamento de Marialva e Campo Mourão bastariam para calar todas as objeções. Pois a verdade é manifestações como as de domingo não se improvisam, nem se organizam e quando acontecem é por força da espontaneidade e da indiscutível honestidade de uma compulsão coletiva.<sup>123</sup>

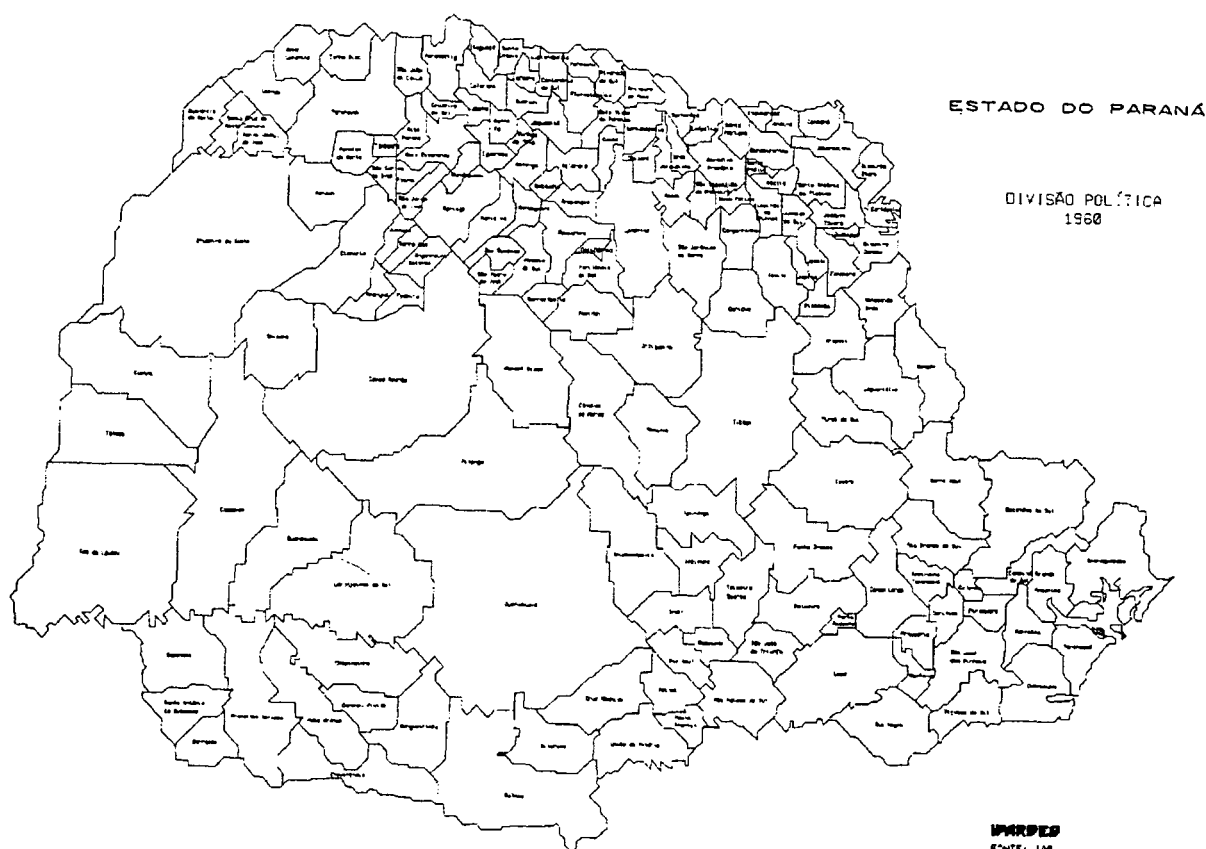
Alguns aspectos podem ser levantados com base nesta notícia. Em primeiro lugar, o periódico enfatiza que a manifestação popular que acolhe Ney Braga não é a manifestação do aplauso político. Segundo o periódico, a homenagem recebida por Ney Braga em Marialva e Campo Mourão, revela a satisfação popular frente às suas ações governamentais, expressas na região em forma de obras. O segundo aspecto destacado é que o governador vai a um município com a finalidade de inaugurar. “OEP” considera que a grande proposição de Ney Braga é dotar o Estado de infra-estrutura, melhorando a vida da população paranaense e a prova de que isso está sendo empreendido pelo governo é o fato de estar inaugurando mais obras nas duas cidades. O terceiro é que a homenagem rendida a Ney Braga pela população dessas cidades serve, por si só, de prova concreta do comprometimento e competência do governo com a população. Para ratificar essa idéia, o periódico ressalta que as manifestações populares de Marialva e Campo Mourão não se improvisam nem se organizam, mas se dão pela força da espontaneidade e da compulsão coletiva. O quarto é que pela lista de obras inauguradas, revela-se a meta do governo, que é a de acelerar o desenvolvimento do Estado, melhorando as condições de vida da população e o que comanda a população é o sentimento de percepção desse aspecto.

---

<sup>123</sup> O que não se compra. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 4 set. 1962.

Aqui nos parece que o reconhecimento popular pelo periódico é justificado pela homenagem que o povo de Marialva e Campo Mourão tributam a Ney Braga. Esta manifestação é considerada pelo “OEP” como a prova concreta da legitimidade afetiva que a população confere às ações de Ney Braga. Segundo o “OEP”, inaugurar obras é antes de tudo apresentar provas de eficiência.

É possível perceber a importância que o discurso do periódico dá à presença do governador em cidades pequenas, recém fundadas e cujas lideranças locais dependiam dos favores e concessões do governo para desenvolver a máquina administrativa. Nesse período ocorre um crescimento da população urbana e a proliferação de municípios que crescem em número.



IBRGE  
FONTE: IAP  
BASE CARTOGRAFICA: CA-1AP-1960

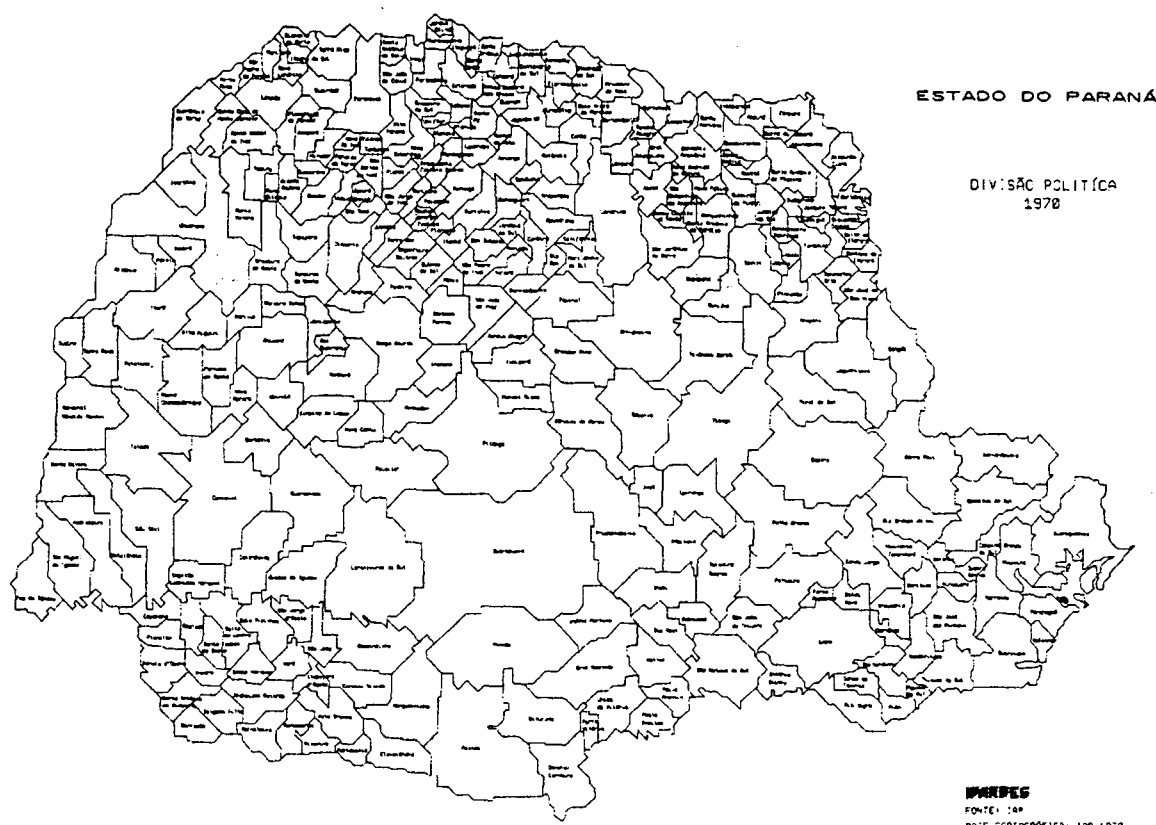


IMAGEM 8: Esses mapas demonstram o recorte do mapa do Paraná nos anos 60, criando uma série de municípios que serviram de base para a popularidade de Ney Braga.  
Acervo IPARDES – IAP.

Seguem-se nas páginas do periódico diversos títulos que o governador Ney Braga conquistou e que são encarados como provas concretas do reconhecimento do povo de sua obra administrativa. Um dos títulos recebidos em 1963 é o de “Homem do ano”. A justificativa vem expressa nas palavras de um editorial, explicando o porque foi ponderada a atribuição desse título ao governador.

Sem demérito para outras figuras que foram notícia no Paraná no último ano, seria possível pensar em outro nome para a outorga do título de Homem do Ano? No plano interno, confirmado às fronteiras paranaenses, o governador dominou inteiramente esses doze meses. Dominou-os pela sua presença pessoal e pela presença marcante de uma administração atenta a todos os problemas do Estado. Foi nesse segundo ano que começaram a surgir os maiores frutos, de um trabalho incansável de reorganização dos mecanismos do governo e de impulso e controle do desenvolvimento econômico do Paraná. E todo canto onde antes só se percebia a presença fiscal do Estado, foi possível, e, mais, foi inevitável sentir a presença do Estado como instrumento de realização do bem estar social.<sup>124</sup>

<sup>124</sup> Homem do ano. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 30 abr. 1963.

Dessa forma, o que justifica a atribuição, não só desse título, mas de tantos outros, a Ney Braga é a sua obra administrativa que é prova de seu comprometimento com as causas populares, com os problemas e com o desenvolvimento do Estado. As obras são fruto de um trabalho incansável das ações do governo.

Cabe destacar que os inúmeros municípios criados nesse momento carecem de estruturas básicas e qualquer obra, por menor que seja, serve como exemplo da atuação do governo. Outro aspecto é que nesses municípios criados as bases locais dependem da ação do governo para realização dessas obras. Elas aparecem quase como favores em troca de apoio eleitoral. Mas o periódico não enfoca nem os títulos dados a Ney nem o apoio popular de agradecimento como troca de favores, mas sim como reconhecimento popular pela grande obra administrativa realizada por Ney Braga.

O acolhimento das cidades para com o governador Ney Braga vai ser revelado pelo periódico como uma verdadeira apoteose popular de agradecimento — aqui se evidencia mais ainda a prática da política de favores — à pessoa do governador. O periódico, nesse sentido, vai apresentar um relatório detalhado de cada visita.

Cerca de 30 mil pessoas compareceram às principais ruas de Arapongas, na manhã de sábado, para recepcionar o governador, que desembarcou no aeroporto daquela cidade às 10,15 (...) Todas as escolas da cidade desfilaram perante o chefe do Executivo Estadual, que à semelhança do que ocorreu na recente visita do Presidente Castelo Branco à capital, percorreu à pé toda a Avenida Central até a praça Mauá (...) durante todo o trajeto Ney Braga foi constantemente aplaudido pela massa compacta que o acompanhava.<sup>125</sup>

O primeiro aspecto a ser destacado é o caráter popular que é reforçado, pelo periódico, no ato da visita: segundo a reportagem, as pessoas compareciam às principais ruas da cidade para saudar ao governador, e Ney Braga percorria, a pé, o trajeto que lhe cabia realizar.

O segundo é a aproximação do nome de Ney Braga do de Castelo Branco, comparando que a festa conferida a Ney pela população se iguala à que o povo de Curitiba conferiu a Castelo Branco. Novamente apresenta o poder executivo da União como modelo para o exercício do executivo estadual.

Nesse trecho, esses dois aspectos têm a finalidade de afirmar o comprometimento do governador com o povo do Paraná. Segundo o periódico, o povo reconhece o líder como competente e realizador de suas atribuições administrativas e lhe confere a legitimidade, que no

texto, é enfatizado pelos aplausos e pelo prestígio da população nas ruas. Por outro lado, Ney Braga percorre a pé, enfatizando nesse ato a aproximação de Ney Braga como um homem do povo.

Ney Braga, segundo o periódico, percorreu quase todas as cidades paranaenses, sendo sempre recepcionado com grande festa popular.

### 3.4 A RENOVAÇÃO DO ESTADO

Folheando as páginas do periódico “OEP” no dia 31 de janeiro de 1961, o leitor depara-se com uma evidência: tal ano é concebido como o “amanhecer de um novo dia para o Paraná”.<sup>126</sup> Mas, o que tanto prometia esse ano para o Estado? Ao continuar folheando os dois primeiros meses do referido ano nesse periódico, percebe-se rapidamente a resposta: no dia 31 de janeiro, Ney Braga assume o cargo de governador do Estado do Paraná. Nesse mesmo dia, outra reportagem enuncia a esperança de transformação do Paraná em um Estado rico, sem deixar a população menos favorecida mais pobre.

O que foi pré-anunciado pela reportagem vai sendo explicado, dia após dia, nas páginas políticas dos próximos meses:

o que se vem notando desde primeiro de fevereiro deste ano é que na verdade, um sopro de sadia renovação e operosidade tomou conta da administração pública, produzindo resultados imediatos capazes por si só de legitimar a expectativa favorável do povo do Paraná no Governo Ney Braga e em seus auxiliares.<sup>127</sup>

Toda essa expectativa de renovação é associada, pelo periódico, ao nome Ney Braga. Essa expectativa se concretiza no dia 31 de janeiro, data da posse, e já no dia 01 de fevereiro, o periódico relata que pode-se pressentir, nos ares paranaenses, os ventos da renovação e da operosidade tomando posse da administração do Estado que, de imediato, está apresentando resultados que legitimam as expectativas. O governador Ney Braga passa a ser, dessa forma, para o periódico, sinônimo de renovação e de operosidade.

Essas características, transmitidas ao leitor paranaense, são produto do pensamento político e econômico da época. Desde a segunda metade da década de 50 o Brasil organiza-se

---

<sup>125</sup> Ney Braga recebe o título de cidadão araponguense. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 18 set. 1964.

<sup>126</sup> A hora antes do amanhecer. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 31 jan. 1961.

em torno da política nacional desenvolvimentista, que defende a necessidade do país superar o seu estado de subdesenvolvimento e atingir o desenvolvimento não só econômico.<sup>128</sup> Mas também são uma estratégia de *marketing* político, a partir do qual o noticiário se traduz como sinônimo de um diário do governo.

Esse é o ideal do governador Ney Braga expresso pelo periódico — alcançar a prosperidade do Estado tentando relativizar a miséria. Essas idéias do desenvolvimentismo aparecem no governo de Ney Braga. Se essas idéias surgem no âmbito nacional na década de 50, no Estado do Paraná, serão assumidas como metas do executivo no início da década de 60 e estarão associadas ao nome do novo governador.

Ao mesmo tempo aparece como sinônimo do novo governo do Paraná a operosidade, já que será o próprio executivo quem assumirá a tarefa de conduzir o Estado ao progressivo estágio de prosperidade econômica.

Por outro lado, o nome de Ney Braga apresenta-se, no periódico, ao lado dos nomes de Jânio Quadros e de John Kennedy. Os três recebem a denominação de os “homens da geração de 1917”. Assim, o ano de 1961 é denominado, no dia 01 de janeiro, como “o ano por excelência de renovação de valores, o ano da realização”<sup>129</sup>, pois será conduzido por esses homens. John Kennedy, Jânio Quadros e Ney Braga são apresentados como líderes que têm em comum não apenas o ano em que foram eleitos, mas o ano em que nasceram e, principalmente, a séria missão de conduzir o novo tempo, a realização.<sup>130</sup>

Um dos recursos bastante utilizados no processo de construção de homens públicos é a constante recorrência à associações entre nomes. Como já foi mencionado esse recurso foi utilizado na biografia de Ney Braga e, novamente, percebe-se a recorrência a esse mesmo recurso pelo periódico em diversos momentos. Um exemplo dessa aproximação de nomes percebida ao longo da consulta das fontes: nos primeiros meses de governo, é corrente a associação do nome de Ney Braga ao nome de Jânio Quadros, não só no interior das reportagens — inúmeras vezes foi possível perceber na página quatro uma reportagem anunciando o nome do governador paranaense e na página cinco, na mesma direção do título da página anterior o enunciado contemplando o nome do presidente da república. O mesmo foi

<sup>127</sup> Eficiência. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 16 abr. 1961.

<sup>128</sup> CARDOSO, op. cit., p. 77.

<sup>129</sup> Desejo de ano novo. *O Estado do Paraná*, 01 jan. 1961.

<sup>130</sup> Sobre essa recorrência à associação de personalidades políticas para legitimar o poder de um homem público ver MAGALHÃES, *O Paraná reinventado ...* p. 165.



possível perceber que a partir de 1964, a associação no mesmo estilo anterior entre o nome de Ney Braga e Castelo Branco. E aqui ainda, a associação ao nome de John Kennedy.



*IMAGEM 9: Ney ao lado de John Kennedy (1962). Acervo Família Braga.*

Além disso, é importante recordar que tanto Jânio Quadros quanto Ney Braga são lideranças que aparecem no mundo da política nos anos 50 como lideranças regionais — respectivamente em São Paulo e Paraná — de oposição à coligação PTB/PSD e que, em 1961, assumem cadeiras do executivo mantendo-se na oposição. No caso de Jânio Quadros, oposição a Juscelino Kubitschek, elegendo-se pela coligação UDN, PTN e PDC e no caso de Ney Braga, oposição à Moysés Lupion, elegendo-se pelo PDC.<sup>131</sup>

<sup>131</sup> Segundo Maria Benevides, o PTB e o PSD foram partidos que surgiram no Brasil ao lado do nome de Getúlio Vargas e que mantiveram sua hegemonia até os anos 60. Durante os anos JK o PTB permanecerá no poder. Já em São Paulo o PTB sofrerá a fragmentação. Ao lado de Jânio Quadros a eleição de Ney Braga expressa uma série de vitórias da oposição em alguns governos estaduais (além do Paraná, foram na Guanabara — Carlos Lacerda — em Minas Gerais — Magalhães Pinto — em Alagoas — Luis Cavalcanti — na Paraíba — Pedro Gondim — no Rio Grande do Norte — Aluisio Alves — no Mato Grosso — Correia da Costa. BENEVIDES, *O governo Jânio ...* op. cit., p. 28-29; BENEVIDES, *O governo Kubitschek ...*, op. cit., p. 114-116.



O periódico evoca a todos a lutarem por essa “Nova Era” que será iniciada em 1961, pois “é necessário que estes homens contem, para o seu imenso trabalho, com a compreensão e o apoio de todos”. Essa evocação não vem simplesmente enunciada, mas acompanhada da palavra “desafio”, que parece completar a definição do momento em que se vive: “políticos, economistas, engenheiros, técnicos, agricultores e operários, reunidos a um homem de 43 anos, na afirmação do Paraná, diante do desafio que nos foi lançado pelas adversidades”.<sup>132</sup>

Segundo o periódico paranaense, o desafio a ser enfrentado pelos homens públicos da geração de 1917 é empreender a realização, fazendo a máquina administrativa funcionar em nome da transformação do Estado em que a esfera pública se encontra, e a renovação de valores, buscando instaurar a moralidade administrativa. Frente a esse desafio o periódico anuncia como uma possibilidade concreta de ação a gerência do Paraná por um homem de 43 anos.

Essa transformação do Estado a que se refere o periódico afirma exatamente o caráter de oposição de Jânio Quadros e de Ney Braga. No caso de Jânio Quadros, toda a sua campanha presidencial em 1960 foi enunciada em nome do combate à corrupção do governo anterior, à alta inflação e ao alto custo de vida, ao desperdício com obras faraônicas e às irresponsabilidades do governante anterior.<sup>133</sup>

No caso do periódico “OEP”, percebe-se que essa ênfase no caráter médio do homem público mantém-se quando o periódico afirma que Ney Braga assume a posição do centro, de meio a partir do qual todos os paranaenses devem se unir. E também no momento em que destaca a idade do governador: nem velho, nem jovem, mas com a idade ideal para assumir o cargo do executivo paranaense. Em seguida, o periódico procura destacar o que esse homem de 43 anos possui para assumir esse desafio e para vencê-lo: suas virtudes.

Ao nome de Ney Braga, portanto, será associado a necessidade de renovação de valores e de empreender a realização. Essas duas palavras se tornam chaves para entender a linha seguida pelo periódico “OEP”: a comparação entre a administração Ney Braga e a administração de Moysés Lupion.

As reivindicações hoje são levadas à sério e recebem resposta definitiva: sim ou não. Antigamente a situação era outra. Prefeitos, principalmente, eram empulhados com as chamadas “ordens frias”, que saíam do Palácio do Iguaçu com aparato, carimbos, assinaturas e portador especial apenas para iludir

<sup>132</sup> Desejo de ano novo. op. cit.

<sup>133</sup> BENEVIDES, *O governo Jânio ....* op. cit., p. 23-24.

e desconcertar (...) Ney diz “não” quando tem consciência de que não pode dizer sim, sem faltar com a verdade ou com a prudência (...) Um pôsto de govêrno não é um balcão de mentiras e demagogia, destinado à prosperidade política de ninguém. É um pôsto de sacrificios e de impopularidade, porque nenhum govêrno humano será capaz de atender a todos e a tudo. À medida que alguns problemas são resolvidos, outros surgem e se agravam; os govêrnos não são onipotentes. (...) Sabem êles [prefeitos] que quem governa o Paraná é um ex-prefeito, que em sua gestão de 4 anos em Curitiba não teve auxílio nem do Estado nem da União e apesar disso conquistou para sua cidade o título de município de maior progresso do Brasil. (...) Um “não”, longe de significar recusa, significa impotência, um “sim”, longe de significar promessa, significa possibilidade (...) <sup>134</sup>

Para exemplificar a diferença entre o governo Ney Braga e o governo anterior, o periódico considerou a atenção dada pelos governantes nos dois momentos frente aos pedidos dos prefeitos paranaenses. Em dois aspectos é construída essa comparação.

No governo Ney Braga se sai do Palácio com uma resposta definida, é sim ou é não. No caso, o “não” representa a impotência do Estado em realizar o que foi pedido e o “sim” representa a possibilidade de realização e não uma promessa. Em contrapartida, no governo anterior, segundo a reportagem, saía-se do Palácio Iguaçu, portando as ordens frias: papéis e carimbos que significavam simplesmente promessas e ilusão.

A segunda comparação se dá na concepção dos dois governos do que é política. No caso do governo Ney Braga, o cargo público é concebido como uma esfera de sacrificios — porque exige a doação do dirigente político, que deve colocar os assuntos do Estado acima dos seus interesses pessoais, pois sempre vão existir problemas a serem resolvidos — e de impopularidade — porque nenhum governo é capaz de satisfazer a todos. A função do homem político é resolver os problemas do Estado. Em compensação, para o governo anterior, a política é encarada como um balcão de mentiras e demagogia, cuja função está em permitir a prosperidade dos homens públicos. Essa é uma renovação na máquina administrativa.

Por outro lado, existe uma comparação nas entrelinhas. Inúmeras vezes, é citado pelo “OEP”, a idade do governador Ney Braga. Ele representa o jovem cheio de vivacidade. Nesse sentido, reforça-se ainda mais a imagem de Ney Braga enquanto o novo, o capaz de renovar.

Um dos procedimentos utilizados pelo “OEP” para legitimar o governo Ney Braga como o mantenedor da ordem, será o de associar o governo anterior à desordem. Nessa forma de emprego da ordem associada à desordem, como destacou Balandier, a segunda tem a função de reforçar a primeira e a legitimar. O que faz o periódico ao comparar os procedimentos do governante Moysés Lupion com os procedimentos de Ney Braga é utilizar

---

<sup>134</sup> Govêrno à sério. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 19 jul. 1961.

os primeiros para dar legitimidade ao segundo, associando este à ordem que deve combater a desordem (que acaba por reforçá-la).

Esse procedimento, ao estabelecer tal comparação, associa aos primeiros a concepção de política enquanto um balcão de mentiras e demagogia, segundo os quais exercer um cargo público é sinônimo de prosperidade política. Ao mesmo tempo, ao governo Lupion associado às “ordens frias” representadas pela burocracia, carimbos e papéis e às promessas não cumpridas. Em outras palavras, Lupion é destacado pelo periódico como o político profissional. Em contraposição, ao governo Ney Braga é associado a política dos sacrifícios e das resoluções dos problemas do Estado. Segundo “OEP” o governador Ney Braga apoia-se à política da certeza, da definição da possibilidade ou da impotência.

Em linhas gerais, o desejo de transformação do Paraná, enunciado claramente pelo periódico, exige que o condutor do cargo executivo possua uma série de atribuições. Com base nessa premissa, o periódico “OEP” constrói a imagem de Ney Braga como um governador dotado de virtudes.

### 3.5 O GOVERNADOR VIRTUOSO

Como foi exposto anteriormente à figura de Ney Braga será associado a idéia de renovação da política paranaense e também do desenvolvimento econômico do Estado. Mas outro aspecto será paralelamente a este destacado: são as virtudes do governador paranaense. Dessa forma, o periódico vai veicular a imagem de que Ney Braga ao assumir o executivo paranaense em 31 de janeiro de 1961 tinha noção de suas responsabilidades de administrador. E que estava capacitado para enfrentar o desafio que a ele se colocava naquele momento, pois o governador é

o homem em condições de arcar com essa responsabilidade. Eleger-se acima dos partidos e não tem compromissos com ninguém a não ser com o povo. Tem fibra e inteligência, tem visão dos nossos problemas e tem sensibilidade para compreender que é apenas uma parcela do grande momento de renovação que agita o mundo.<sup>135</sup>

Assim, o “OEP” apresenta os atributos do governador Ney Braga, que lhe permitem encarar o desafio que o contexto histórico lhe apresenta — renovar o Paraná. Uma das

---

<sup>135</sup> A hora antes do amanhecer. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 31 jan. 1961.

virtudes do governante paranaense, destacada no trecho selecionado, é ter sido eleito acima dos partidos, o que lhe permite estabelecer um governo em nome do povo e não em nome de um partido ou de determinados políticos. Aqui, o periódico claramente associa Ney Braga, novamente, àqueles que desconfiam dos profissionais da política, os quais colocam suas ambições pessoais e os interesses de partidos acima de tudo. De forma clara, está dissociando-se a imagem de Ney Braga dos políticos demagogos e ideólogos e associando-a ao político prático que coloca os interesses do seu Estado acima de tudo, evocando, com isso, o sentimento patriótico.

Novamente, o periódico reforça o caráter de oposição ao governo anterior, condecorando este último com o atributo de “político”. Essa mesma recorrência também era utilizada por Jânio Quadros em seu discurso moralista. O novo presidente da república pautou sua campanha eleitoral e seus primeiros meses de governo na “perseguição administrativa” a fim de limitar os privilégios. Inicia uma série de denúncias morais de corrupção e de irresponsabilidades do governo anterior, fazendo vir à tona uma série de escândalos.<sup>136</sup>

Dessa forma, em suas denúncias, o presidente Jânio Quadros vai pronunciar em seus discursos a “despolitização da administração”, enfatizando a sua missão e a necessidade de promover a abolição do sistema de nomeações e de clientelismo urbano. Nesse sentido, apela para a compreensão de todos perante as suas ações governamentais e justifica a utilização da vassoura como símbolo de sua campanha e depois de sua administração, pois era o símbolo do varrer a casa (por ordem) e de afastar os indesejáveis.<sup>137</sup>

Considerando-se o discurso do periódico paranaense, este afirma como primeira virtude do governador Ney Braga estar acima dos partidos, ou seja, ele não compactua com o sistema de clientelismo e nomeações, assim como não se ligou a conchavos políticos ou assume compromissos prévios com partidos ou políticos para se eleger — já é inovador nesse aspecto. O periódico afirma que Ney Braga está pronto para governar em nome das necessidades do Estado e não em nome dos que a ele se aliaram, ou seja, ele está livre das alianças e dos interesses pessoais. Novamente o periódico compara a futura administração de Ney Braga com as administrações anteriores, associando a elas esse caráter que tanto menospreza e que será superado por Ney Braga.

---

<sup>136</sup> BENEVIDES, O governo Jânio ... op. cit., p. 43.

<sup>137</sup> Ibid., p. 44.

Além de ter sido eleito acima dos partidos e das injunções políticas, o periódico apresenta algumas virtudes de Ney Braga que lhe permitem conduzir os assuntos públicos: inteligência e fibra, capacidade de estabelecimento da escala de valores dos problemas a serem solucionados e sensibilidade para perceber a delicadeza do momento em que se vive.

Uma outra virtude associada a Ney Braga pelo periódico é que ele, enquanto governador, não trai o candidato que havia prometido “em mais de um ano de andanças por todo o Estado (...) um govêrno moralizado de mais administração e menos política”. E completa que “(...) há doze dias, o nosso povo respira aliviado sabendo que seu dinheiro (...) está sendo recolhido e aplicado honestamente”.<sup>138</sup> O periódico destaca o desejo de Ney Braga querer instaurar no Paraná mais administração e menos política. Isso é explicado como só sendo possível com Ney Braga, porque é um homem honesto. Aí, sua imagem é construída como alguém que não deve nada para ninguém e que seu governo há de se colocar acima de qualquer injunção política ou partidária e que não guia suas ações procurando satisfazer esse ou aquele partido ou esse ou aquele político.

E na mesma reportagem “Jânio e o Paraná”, o periódico ressalta a vida pública de Ney como se ele se colocasse acima de tudo: ele não se deixa levar por “politicagem” ou jogos partidários. Nesse ponto, o que se tem a destacar é a sua posição moral: Jânio Quadros “aqui estudou na mocidade tendo como colega de bancos escolares o Major Ney Braga, ao qual dedica acentuada amizade, pois conhece a formação moral e a capacidade de administrador”.

Nessa citação do jornal, dois pontos tornam-se importantes no processo de construção da imagem pública de Ney Braga. O primeiro é a aproximação do nome de Ney ao de Jânio. E isso se faz desde a infância, nota-se que o que liga os dois homens públicos que marcam a “Nova Era” é a amizade vinda de longa data, dos “bancos escolares”. A segunda é que desde a infância o que aproxima Jânio de Ney são as virtudes que se sobressaem ao segundo: formação moral e capacidade de administrador. Essas duas não deixam dúvidas na hora do povo paranaense conceder-lhe credibilidade.

Aparece, por outro lado, a recorrência à promessa de moralização da administração pública do Estado do Paraná. O periódico afirma que o povo pode ficar despreocupado com o dinheiro público porque graças às qualidades morais e ao bom senso administrativo do novo governador o seu dinheiro está sendo aplicado com segurança. O periódico ainda complementa

---

<sup>138</sup> Jânio e o Paraná. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 12 fev. 1961.

a informação ao paranaense: Ney Braga, como se elegeu acima dos partidos e de interesses pessoais, não deve nada a ninguém, sendo possível, dessa forma, empreender uma administração honesta e sensata.

Ao associar o nome do novo governador ao nome do novo presidente da república, o periódico não o faz como um ato isolado, do qual não se espera uma reflexão. Afinal, Jânio Quadros estava propondo o mesmo tipo de discurso de moralização administrativa. Associar um ao outro é fazer florescer no paranaense a crença na “Nova Era” iniciada pelos dois políticos que se propõem a moralizar o administrativo, denunciando a corrupção, as irresponsabilidades administrativas e o sistema de nomeações.

À capacidade de administrador soma-se a sua eficiência — “em pouco mais de um mês de atividade”<sup>139</sup>, “com menos de três meses de gestão”<sup>140</sup>, “este milagre conseguido em seis meses”<sup>141</sup> — na tentativa de instaurar um governo preocupado com os problemas do Estado e do povo paranaense e que escape à forma de fazer política dos demagogos e politiqueiros. O periódico, então, faz questão de trazer mais uma informação: “o major Ney Braga se destaca nitidamente como o que conseguiu a maior soma de êxitos no exercício do mandato popular”. Mas isso não é nada demais, por isso, vem somar-se um outro fator: “foi o que herdou as maiores dificuldades, pois encontrou a administração do Estado na mais completa desorganização, os cofres públicos raspados, dívidas astronômicas a saldar e servidores com seus vencimentos atrasados (...)”<sup>142</sup>.

Novamente, o periódico constrói suas mensagens de forma a demonstrar que o governo anterior não é nem um pouco comparável ao de Ney, colocando em dúvida a sua capacidade administrativa e a competência em atender as necessidades dos paranaenses. O governo Ney Braga é colocado como antagônico ao caos vivido pelo Paraná nas mãos de seu antecessor.

Reforça-se, mais uma vez, a associação empreendida pelo periódico: o governo Ney Braga corresponde à sacralização da ordem, ressaltando a desordem dos governos anteriores, condenando-os e utilizando-os como meio de comparação. Ao mesmo tempo ressalta, de forma especial, o estado caótico em que se encontrava a administração do Paraná e como Ney

---

<sup>139</sup> Diferença. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 17 mar. 1961.

<sup>140</sup> Governo consolidado. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 21 abr. 1961.

<sup>141</sup> Palestra de Ney, ontem, comprovou que o governo, em seis meses, tem saldo positivo. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 28 jul. 1961.

<sup>142</sup> Governo consolidado. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 21 abr. 1961.

Braga foi capaz de superar este estágio, mesmo tendo recebido em suas mãos problemas no início de sua administração.

Nesse sentido, “OEP” relata o que se espera de Ney Braga frente ao comando dos assuntos públicos do Estado (escrevendo em nome de todos os paranaenses):

Não é simplesmente a vassourada. Esperam um governo que varra o que for preciso varrer, mas faça o que for preciso fazer. Um governo que assegure o desenvolvimento econômico, mas que também promova a justiça social. (...) haverá de ser a eliminação da politicagem que faz do pequeno cacique partidário (...) o senhor da tranquilidade pública, dos interesses, das conveniências [para que sobressaia] a independência do governador para agir de acordo com os interesses coletivos e não mais de acordo com as imposições, venham de onde vierem.<sup>143</sup>

No trecho acima destacado, o periódico traz o desejo de moralização da administração pública, ao usar um de seus símbolos nesse momento: a vassoura. Ela era o símbolo da campanha e do governo do presidente Jânio Quadros, que pretendia varrer a corrupção da administração pública. Nesse sentido, o periódico ressalta que se espera que o governador Ney Braga varra o que tenha que varrer. A exemplo do Presidente da República, espera-se que Ney Braga varra a corrupção do Estado.

Mas espera-se que o governador promova juntamente com o desenvolvimento econômico a justiça social. O periódico enuncia que se espera que o governador haja de acordo com as necessidades coletivas e não de acordo com o interesse de uns poucos. Novamente retoma-se o problema da politicagem e do controle dos denominados caciques partidários, que conduzem a política de acordo com interesses pessoais ou de acordo com os grupos partidários.

Ao mesmo tempo em que o periódico “OEP” vai relacionando as virtudes do novo governador, enuncia as características negativas dos governos anteriores: não promoveram o desenvolvimento econômico, eram desmoralizantes e conduziam os assuntos políticos segundo as regras da politicagem. Na verdade, quando o periódico refere-se aos caciques partidários, refere-se ao governador anterior.

Ainda na reportagem “A hora antes do amanhecer”, o periódico enfatiza que frente a todos aos problemas herdados da desordem do governo anterior, somente se poderia esperar um milagre das ações de Ney Braga, afirma o jornal completando que a solução de todos esses problemas “foi graças ao resultado de dois atributos (...) honestidade e capacidade”. E

continua descrevendo as virtudes do governador, capaz de vencer todas as dificuldades: “inimigo da demagogia, enfrentando os problemas da administração com seriedade e coragem, sem procurar tirar efeitos publicitários de seus atos (visando apenas) resultados efetivos (...) em favor da resolução dos problemas do Estado”.

O próprio governador do Estado, Ney Braga, nesse sentido, em uma entrevista a um repórter do periódico “OEP” ressalta “os que me conhecem sabem que, como governador, jamais colocaria a máquina administrativa a serviço de interesses políticos (...) Repito que minha luta não será para mim. Eu já alcancei o máximo a que poderia almejar: a honra de ser governador de meu Estado (...)”.<sup>144</sup>

Fica claro nessas palavras que o governador faz questão de anunciar no periódico que não mede esforços para superar a crise enfrentada pelo Paraná. E que faz isso sem medir esforços, mas não visando a sua promoção pessoal e sim do Estado. Novamente é o discurso de que seu governo privilegia a administração, sem politicagem e o favorecimento de um partido ou de alguns interesses. O interesse maior é o bem comum. Esse discurso é uma constante ao longo dos anos do governo Ney Braga nas reportagens e editoriais veiculados pelo periódico:

Evidentemente as circunstâncias da vida política nos últimos cinco anos do último governo abriram o precedente de diversas prorrogações orçamentárias. Mas não é preciso morrer de amores pelo Governador Ney Braga para reconhecer que sua administração tem um empenho sincero de agir seriamente. A casa que se quer pôr em ordem, a casa que precisa de orçamento para ficar em ordem não é a casa do governador, nem a casa do governo, nem a casa de sua corrente política. Essa casa é o Estado que é de todos (...) Nela governo e oposição representam o povo e suas tendências; e como o direito é igual para todos; todos têm os mesmos interesses e as mesmas responsabilidades na sua manutenção e, como é o caso agora, no seu conserto.<sup>145</sup>

O recolocar ordem na casa é uma das funções do personagem político Ney Braga segundo o periódico. Ordem que ele só conseguirá colocar porque apresenta as qualidades necessárias para esse fim, evidenciadas diariamente no periódico. Entre elas está a capacidade de comprometer-se com os negócios políticos acima de tudo e a consciência do governador de moralizar a administração no sentido de reconquistar a ordem, a moral, a ética, as esperanças dos seus governados.

---

<sup>143</sup> A hora antes do amanhecer. op. cit.

<sup>144</sup> Ney ao “Estado”: como cidadão não poderei alheiar-me dos pleitos e lutas eleitorais. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 17 jul. 1962.

<sup>145</sup> Vitória do bom senso. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 29 set. 1961.



### 3.6 O GOVERNADOR POPULAR

Como já foi exposto anteriormente, se consultarmos o periódico situacionista, no período de 31 de janeiro de 1961 a 17 de dezembro de 1965, chegamos a uma evidência: o homem público Ney Braga é uma notícia diária. Entre todas as virtudes a ele associadas, uma parece que será marcadamente destacada na pessoa do governador: a sua proximidade com o povo e com a simplicidade: “pouco antes de encerrar seu expediente, chamou os membros das casas civis e militares e seus assessores pessoais e foi conhecer o Palácio (...) mandou recolher à garagem o carro PG.1 (Cadillac) e tirar de lá outro mais simples para seu uso, dispensou o carro que estava à disposição de sua esposa (...)”.<sup>146</sup>

Nessa citação, dois aspectos parecem consideráveis. Primeiro é que, no mesmo dia da posse, o novo governador faz questão de conhecer as dependências do Palácio assim como já no dia da posse assume fazendo o seu expediente. A sua nova posição de chefe maior do Estado não lhe impede de circular pelo Palácio Iguaçu acompanhado de assessores e membros do governo. O segundo aspecto é mais expressivo: dispensa o pomposo carro oficial que o novo cargo lhe confere legalmente e pede para que providenciem um mais simples. Além dessa regalia que não foi aceita, Ney Braga dispensa o carro oficial que seria concedido à sua esposa.

Se compararmos essa notícia, destacada pelo periódico, com outras que, mais tarde, para além dessa data, serão veiculadas, pode-se considerar que essa atitude de Ney veio apenas conferir o que seria destacado nos próximos meses de 1961 e nos próximos anos: frente ao comando do executivo o governador tem um compromisso com o Paraná, governando-o com seriedade e honestidade, dispensando as regalias pessoais que o cargo lhe confere. Mais uma vez, “OEP” vem confirmar a concepção de política de Ney Braga, que associa a vida pública aos sacrifícios e à doações e não à mera ambição pessoal. Como já foi dito anteriormente, Ney Braga não está governando para si, mas coloca seu governo acima dos interesses pessoais.

O periódico situacionista ressalta a simplicidade do governador Ney Braga no sentido de considerá-lo como um homem do povo, que governa em nome do povo. Assim, as notícias adotam um tom de “banalizar o grande homem, para permitir que cada um de seus concidadãos se reconheça nele”.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Ney Braga carregado pelo povo em pleno salão nobre do palácio. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 1 fev. 1961.

<sup>147</sup> GIRARDET, op. cit., p. 64.

Não foi o Governador Ney Braga, mas o major Ney Braga, amigo e companheiro de muitos anos, que recebeu ontem no Palácio Iguaçu os cumprimentos de milhares de homens e mulheres simples dos bairros de Curitiba e das cidades do interior. Quem esteve lá viu como o povo se sentia à vontade no Palácio e no governo. Muito poucos conheciam o Palácio e quase nenhum já tinha participado de algum governo. No entanto não houve constrangimento (...) Durante mais de três horas, na sacada do Palácio, o major Ney Braga não chegou para os braços (...) cada um deles estava unido ao governo por um laço de afeto, pela convivência, pelo companheirismo na mesma luta ou pela mesma disposição de ver o governo mais feliz.<sup>148</sup>

O trecho acima ressalta alguns aspectos referentes ao governador Ney Braga. Em primeiro lugar, o periódico diferencia o Governador Ney Braga do Major Ney Braga, afirmando que quem está assumindo o executivo paranaense em 31 de janeiro de 1961 é o major Ney Braga, amigo e companheiro de muitos anos.<sup>149</sup> Ao assumir essa postura, o periódico deixa claro sua tentativa de construir a imagem deste político, enquanto, um cidadão comum (amigo e companheiro), igual a todos os paranaenses. Além disso, associa ao nome Ney Braga os adjetivos de amigo e companheiro dando um tom de relações estritamente pessoais entre Ney Braga e todos os paranaenses. Finalmente, reforça-se a imagem de defensor da “ordem”, porquanto, o título de major do Exército está associado, no imaginário popular, à ordem, disciplina e hierarquia.

Essa linha seguida pelo periódico fazendo discursos sobre a pessoa de Ney Braga e detalhes como veremos de sua vida, como dispensar o carro oficial, todos os seus sacrifícios, as horas dedicadas ao trabalho e tiradas do descanso ou do convívio com as famílias, coincidem com um momento de intensa efervescência política, no qual valoriza-se a tipologia que será criada pelo periódico em relação a Ney Braga como o chefe de família, o provedor, que se propõe a cuidar da crise; que se propõe a por um fim na politicagem no meio administrativo. Na realidade, ocorre uma despolitização da política da forma como as reportagens são conduzidas pelo periódico.

Essa idéia da aproximação popular de Ney é reforçada pela afirmação, realizada pelo periódico, de que quem esteve presente à cerimônia de posse percebeu que o povo se sentia à vontade. Destacando que se instaurava, naquele momento, um governo do povo e para o povo. Para reforçar essa imagem, o periódico utiliza a idéia de oposição: muito poucos

<sup>148</sup> Ney Braga carregado pelo povo em pleno salão nobre do Palácio. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 1 fev. 1961.

<sup>149</sup> Durante os primeiros meses de 1961, o periódico “OEP”, na maioria dos seus editoriais, refere-se ao governador como o “major Ney Braga”. Sobre esse aspecto já nos referimos no capítulo anterior.

conheciam o Palácio e quase nenhum já tinha participado de algum governo. Ora, destaca que os governos anteriores ao de Ney Braga não abriam espaço para a participação do povo, nem eram um governo do povo. O povo sentia-se à vontade porque estava ao lado de um homem do povo, o major Ney Braga. Em outras palavras, o periódico procura demonstrar, através dessa reportagem como a população paranaense se reconhece no seu líder.

Essa tentativa de naturalizar o grande homem (amigo e companheiro), de apresentar um homem público como um cidadão comum, que é promovido à vida política, é um recurso habitualmente utilizado no sentido de transformar um homem de simples personagem a símbolo. É a tentativa de levar à população a desenvolver o sentimento de que aquele homem público é o ideal, porque pertence àquela população, partilhando homem público e população das mesmas esperanças e desejos. Segundo Balandier, essa é a autoridade legitimada, pelo fato de desencadear um laço de relações pessoais entre governante e governados, levando o primeiro a se reconhecer no segundo, pelo destaque de algumas virtudes desejadas nesse segundo.

O trecho define Ney Braga como um elo de ligação entre o povo e o governo, destacando que isso só é possível pelos laços de afeto, convivência e companheirismo e pela vontade de ver o Estado mais feliz. Ao retratar a posse com esses aspectos, o periódico, de certa forma, está considerando essa cerimônia como um plebiscito antecipado que dá credibilidade às ações de Ney Braga na gerência pública do Estado.

Esse caráter popular da posse é ressaltado em outras reportagens. No dia vinte e nove de janeiro, o periódico faz uma convocação para a cerimônia de posse do novo governador, explicando que não haverá reserva de lugares ou serão distribuídos convites: a festa é para o povo, que assume o governo. Assim, os melhores lugares caberão naturalmente a quem chegar primeiro. Não haverá banquete ou recepção: logo depois da posse, segundo o periódico, começará o trabalho. Essa festa será feita, segundo o periódico, em homenagem àqueles milhares de bravos paranaenses que levaram a campanha.

Além dessa virtude, a de dispensar as regalias, ressaltando a simplicidade e afirmando os laços entre Ney Braga e o povo, vem somar-se a origem do governador Ney Braga. É uma constante nos editoriais e reportagens do “OEP” a aproximação de Ney Braga com a população paranaense pelo viés da origem humilde, marcada pela luta e pelo sofrimento. Faz-

se questão de afirmar, também, que Ney Braga cresce na política graças às suas qualidades e esforços pessoais.

Nesse sentido, podemos inserir o acontecimento marcante no rompimento político entre Ney Braga e Bento Munhoz da Rocha Neto amplamente difundido pela imprensa paranaense. Em fevereiro de 1965 ocorre a troca de cartas entre os dois políticos paranaenses.

Tudo começa em uma entrevista exclusiva a um repórter do periódico, Ney Braga ataca o governo de Bento Munhoz da Rocha. O ex-governador do Estado escreve uma carta a Ney Braga que será publicada no periódico de oposição “Correio do Paraná”, no dia 17 de fevereiro:

Você não era. Não existia. Eu o inventei politicamente. Fui busca-lo na caserna, fazendo-o Chefe de Polícia e depois, na continuação de minha invenção, Prefeito da Capital, o primeiro Prefeito eleito de Curitiba em cinquenta anos, mobilizando legitimamente para a sua campanha dentro das limitações que me impus como governador, todos os elementos políticos que me eram mais intimamente ligados.<sup>150</sup>

O ex-governador (e cunhado de Ney Braga) desenvolve o texto de sua carta “relembrando” que o atual governador nada mais é do que uma criação sua e que ele não consegue localizar o momento exato em que o amigo foi se afastando, demonstrando toda a sua ingratidão.

Como resposta o governador Ney Braga escreve uma carta resposta endereçada e pessoal ao Munhoz da Rocha. Essa carta será publicada na íntegra pelo jornal situacionista no dia 19 de fevereiro.

Devo-lhe, e não nego, minha convocação para a vida pública, mas os êxitos que tive nela que, logicamente dependeram unicamente de mim, de minha conduta, de meu esforço e de meu trabalho. Creio que o convite para participar de seu governo foi motivado pelo meu passado no Exército, pela minha formação pessoal, pela minha vida enfim, já que razões de amizades e laços de parentesco não me seriam suficientes para levar qualquer pessoa a um cargo, o de Chefe de Polícia, que exige tantas credências de seus ocupantes. Não posso acreditar que um Governador de Estado ofereça tão grande demonstração de irresponsabilidade e ausência de critério a ponto de entregar a segurança de seu Estado, a uma “invenção pessoal”, a alguém que “não existe” no passado.<sup>151</sup>

Na carta do governador, pode ser destacada a legitimidade que o próprio governador confere a si e ao seu passado, símbolo do seu esforço pessoal. Por outro lado, para reafirmar o

<sup>150</sup> Bento responde a insultos de Ney! *Correio do Paraná*, Curitiba, 19 fev. 1965.

seu passado memorável de feitos pessoais marcado pelo empreendimento pessoal e pela determinação, contrapõe a irresponsabilidade do governador anterior com o qual está dialogando.

A explicação dada pelo governador por ter chegado ao maior cargo administrativo do Estado é exatamente o esforço e a capacidade — marcas de seu passado — e não politicagem — que ele tanto combate. Logo no início do parágrafo, desliga a sua ascensão política dos laços de parentesco e amizade.

A origem de sua ascensão pública será também reforçada na entrevista enunciada acima, na qual destaca o caráter de sofrimento de sua trajetória de vida: “Tenho compreensão bem acentuada dos problemas humanos e graças a Deus, principalmente porque já sofri bastante. Tenho sensibilidade para com as dores alheias. Tenho a vivência de um homem simples, vindo de uma família simples”.<sup>152</sup> Aqui nesse trecho da entrevista Ney procura relacionar o seu sucesso pessoal à sua origem. Em outras palavras, ele pretende demonstrar que compreende o sofrimento do povo, porque ele tem a mesma raiz do povo e já sofreu como o paranaense sofre. Segundo o próprio governador, teve, ao longo de sua vida, a vivência de um homem simples, o que lhe dá credibilidade frente ao povo que confia nele, porque se reconhece nele.

Na construção da imagem pública de Ney Braga, é visível que sua vida política será um dos temas mais discutidos pelo periódico “OEP”. Com base nessa premissa, o periódico oferecerá ao seu leitor um panorama da trajetória política do chefe do Executivo:

O governador Ney Braga começou sua carreira política como Chefe de Polícia do governador Munhoz da Rocha. Foi escolhido para este posto, num momento crítico, porque sua carreira militar lhe dava credenciais para enfrentar e resolver as dificuldades da situação. A não ser assim, o governador Munhoz da Rocha não o teria convidado e não o teria nomeado. Daí porque os que atribuem essa investidura à amizade ou ao parentesco ofendem o senhor Munhoz da Rocha e não o governador Ney Braga (...) Deixando a Chefia de Polícia, o governador Ney Braga foi lançado candidato a prefeito. Vários partidos o convidaram e o então governador Munhoz da Rocha o apoiou. (...) Foram noites sem dormir, milhares de reuniões, milhares de visitas, a mobilização dos amigos, de todos os amigos, desde os seus velhos soldados até os seus velhos companheiros dos bairros (...) O prefeito Ney Braga, que não militava em nenhum partido mas por lealdade e escrúpulos acompanhava a linha do Partido Republicano (...) Quase no fim do mandato, vários companheiros seus foram encarregados de reestruturar o Partido Democrata Cristão. O Prefeito que não pertencia a qualquer agremiação, ingressou no PDC — o primeiro e único partido de toda a sua carreira política (...) Resolvendo então

<sup>151</sup> Governador Ney Braga envia carta a Bento Munhoz da Rocha Netto refutando acusações. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 20 fev. 1965.

<sup>152</sup> Ney lembra que sua vida pública foi forjada nos palanques ao lado e com o voto do povo. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 16 fev. 1965.

concorrer à Câmara e não mais à Assembléia, o Prefeito Ney Braga decidiu ser incluído na chapa da chamada Frente Democrática (...) A campanha de ridícula foi intensa (...) Foi a consagração. Pela primeira vez um candidato a cargo de eleição proporcional teve em Curitiba, concorrendo com nomes de grande popularidade, um de cada três votos válidos. Depois veio a longa, a penosa, a ridicularizada campanha para governo (...) Hoje o governador Ney Braga é o líder político de maior prestígio no Paraná. Ninguém tem mais condição de diálogo com o povo — que houve e aplaude em todos os municípios os seus pronunciamentos sabendo que ouve e aplaude um orador de boas qualidades, mas também um administrador plenamente realizado. Não há dúvida que o Paraná o quer presente no cenário nacional.<sup>153</sup>

No trecho acima alguns aspectos merecem ressaltar. O primeiro é que o editorial oferece um panorama da vida política do governador Ney Braga. O momento de início da carreira política, destacado pelo periódico, dá-se quando Ney Braga é convidado para assumir o cargo de Chefe de Polícia. O periódico explica que Ney Braga fora chamado para integrar o governo Munhoz da Rocha porque a sua carreira de militar lhe dava credenciais para enfrentar e resolver as dificuldades enfrentadas naquele momento. O periódico faz questão de ressaltar que o convite não veio pelos laços de amizade ou parentesco, mas pela visão que o então governador (Munhoz da Rocha) tinha das capacidades, competências e habilidades de Ney Braga.

Segundo a explicação da trajetória política, o periódico considera a dedicação de Ney Braga à candidatura ao cargo de prefeito de Curitiba, destacando os sacrifícios, as dificuldades e a doação frente à campanha, bem como a recorrência aos amigos para a sua realização. Ao abordar a filiação partidária de Ney Braga, ressalta que esse apesar de ter concorrido nas eleições para prefeito apoiado pelo PR nunca se filiou a ele. Destacando que Ney Braga filia-se, no final do mandato, ao PDC. Ao relatar esse fato, o periódico enfatiza que o PDC foi o primeiro e único partido de toda a sua carreira política.

Depois de prefeito decide, após inúmeras discussões, concorrer à Câmara Federal, cuja campanha o periódico considera como a consagração, pois mesmo concorrendo com nomes de grande popularidade, conquistou um a cada três votos.

Essa é a trajetória do homem público Ney Braga apresentado pelo “OEP” que, ao final, caracteriza-o como o líder de maior prestígio do Paraná, porque ele é a pessoa que tem a maior capacidade de diálogo com o povo. Segundo o jornal, o governador é reconhecido pelo povo. Este concorda com suas ações, ouve e aplaude, reconhecendo as suas capacidades de

---

<sup>153</sup> Ney, o político. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 23 set. 1962.

administrador plenamente realizado, conquistando o mais alto posto administrativo de um Estado. Isso tudo projeta o governador no plano nacional.

Aqui cabe uma ressalva, o governador Ney Braga não foi simplesmente um político provinciano, encerrado em seu Estado natal. Muito pelo contrário, foi um político cosmopolita, de projeção nacional.

No caso Ney Braga, no exemplo citado, destaca-se a trajetória modesta do lapeano — começando como Chefe de Polícia — ascendendo progressivamente e sem demonstrar ambição — aceita a carreira política, justificando sua entrada para a vida pública em nome do povo do Paraná, como já foi demonstrado em outros exemplos.

E a imagem do líder político que sobe aos poucos, acima das ambições políticas e que não deixa abater-se pelas injunções partidárias. É a imagem do político que aceita ser um homem público não pensando nos benefícios particulares que o cargo público pode lhe conferir, mas que aceita para fazer o bem, para prover o Estado do que ele precisa. Novamente é a imagem do pai de família, que é capaz dos maiores sacrifícios para prover a família do que ela mais necessita, nem que para isso ele precise sacrificar sua vida pessoal. Essa será a próxima imagem do governador Ney Braga veiculada pelo periódico: o político que não sacrifica o cargo público que assumiu, prefere sacrificar a si mesmo e a sua família.

### 3.7 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Como já foi possível perceber, a capacidade de administrar é um dos aspectos mais enfatizados e associados à figura do governador Ney Braga. Não é sem significação que o lema de seu governo é mais administração e menos política, lema que o periódico faz questão de evocar a todo o momento. No entanto, não será somente como um mero administrador que o governador será concebido pelo periódico situacionista. A imagem construída de Ney Braga pelo periódico é de um administrador competente e preocupado, a ponto de ele próprio supervisionar as ações de seu próprio governo: “E tudo isso sob o pulso firme e a supervisão direta de um Governador que, trabalhando 16 horas por dia com honestidade e capacidade, está procurando honrar o mandato popular”.<sup>154</sup>

---

<sup>154</sup> Eficiência. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 16 maio 1961.

Nesse trecho de um editorial, três aspectos podem ser destacados. Em primeiro lugar, é reforçado o caráter do pulso firme do governador do Estado, que supervisiona de forma direta as atividades empreendidas pela sua administração. Em segundo lugar, cabe destacar as qualidades que são conferidas ao Ney Braga, que além de conduzir com pulso firme sua administração, tem capacidade e age com honestidade ao governar, bem como está comprometido com o povo, procurando honrar esse mandato que o povo lhe conferiu. E o terceiro aspecto: o número de horas que o governador dedica ao exercício do cargo do executivo paranaense.

Esses três pontos destacados anteriormente serão frisados repetidamente e farão parte das notícias cotidianas do “OEP”. No sentido de honrar a administração sob suas mãos e para demonstrar a sua honestidade e seriedade frente ao comando do Estado do Paraná, um trecho de uma reportagem é bastante significativo no qual o governador do Estado toma algumas providências visando reforçar a moralização no uso de carros oficiais e no setor de pessoal, aplicando normas rígidas de trabalho com a finalidade de evitar os abusos no cumprimento do horário do expediente. A idéia de moralização administrativa, empreendida por Ney Braga, será outra constante nos editoriais e reportagens do periódico situacionista.

Outro ponto que chama muito a atenção e que será recorrente nas notícias do periódico situacionista é a qualidade do sacrifício que será associado à figura de Ney na condução de sua administração: “o governador Ney Braga participou da campanha sem sacrificar um único minuto do tempo que dedica aos encargos da administração, mas sacrificando as poucas horas que tem por semana para algum descanso e para o convívio com a família”.<sup>155</sup> Esse trecho se refere à campanha eleitoral de 1962 quando Ney Braga apoiou os candidatos às cadeiras de deputado federal e senador. O periódico enfatiza que o compromisso de Ney Braga com o governo do Estado não lhe permite sacrificar os encargos da administração, justificando que o governador dedicou-se ao pleito eleitoral preferindo sacrificar sua vida pessoal, seu descanso e sua família e não a administração. Nesse sentido, até mesmo sua vida pessoal, família e lazer ficam submetidos à administração.

Outro trecho que ilustra a afirmação feita, carrega na dose de sacrifícios, relatando que “em pouco mais de 24 horas, aproveitando o fim de semana, e sem sacrificar nem mesmo o expediente de sábado, que foi feriado, o Governador Ney Braga esteve no Nordeste (...) e

---

<sup>155</sup> Proclamação. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 6 out. 1962.



domingo à noite estava em Curitiba, reiniciando ontem cedo suas atividades no Palácio Iguaçu”.<sup>156</sup>

O que está enunciado, com clareza, é a dedicação do administrador, pois em menos de 24 horas Ney Braga esteve no Nordeste. Isso é reforçado pelo periódico, ao explicar que o governador não sacrificou o expediente de sábado, informando que, mesmo num sábado de feriado, Ney Braga não se afasta de suas ocupações de governante. E mesmo depois de uma viagem feita em 24 horas, reiniciou as atividades no Palácio Iguaçu na segunda-feira pela manhã. Novamente o periódico recorre à idéia de moralidade administrativa e a idéia de eficiência do administrador, comprometido com as questões que o cargo lhe confere não colocando outros interesses acima dos interesses públicos.

A ênfase à administração torna-se tão importante que a margem de sacrifícios em nome do governo e do Estado do Paraná faz com que Ney Braga subjogue a sua saúde:

Podendo fazer turismo a conclusão da série de contactos lhe proporcionava alguns dias de lazer, não o fez. Não passeou pelos ‘states’, embora alguns dias de tranqüilidade e relaxamento lhe fizessem bem, dada a estafa que recentemente foi diagnosticada por seus médicos. O governador, porém, não quis desperdiçar dias que poderiam ser úteis para suas tarefas de governante. Voltou para o Brasil e hoje reassume o Governo do Paraná.<sup>157</sup>

O trecho destacado acima se refere à viagem empreendida por Ney Braga, a convite de John Kennedy, para visitar os Estados Unidos. O que primeiro se destaca na reportagem é que se enfatiza que o governador paranaense não vai aos EUA fazer turismo e mesmo com suas obrigações terminadas, não se submete à regalia de descansar e passear pelo país. Ao contrário, logo ao terminar seus afazeres, viaja de volta ao Brasil, reassumindo o cargo do executivo. Mas a ênfase final recai sobre o seguinte aspecto: Ney coloca a administração acima de sua vida pessoal, sacrificando até mesmo sua saúde em nome do Paraná e de seus interesses maiores.

O periódico faz questão, em inúmeras reportagens e editoriais, de enfatizar a doação total de Ney Braga à administração, na tentativa de honrar seu mandato popular. Sua honestidade e empenho em fazer reinar a moralidade pública, lhe impõem uma série de sacrifícios, que são exaustivamente delimitados pelo “OEP”.

---

<sup>156</sup> Nordeste. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 2 jul. 1963.

<sup>157</sup> Ney reassume. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 7 jun. 1963.

O periódico ao enfatizar em sua diária circulação os sacrifícios e doações do governador frente à administração procura considerar Ney Braga como o administrador virtuoso, promotor da moralização administrativa, que para atingir esses intentos — que é a esperança de todo o paranaense — doa-se inteiramente ao cargo público que a população lhe conferiu.

Nesse processo de construção da liderança política de Ney Braga pode-se concluir que o periódico “OEP” tem um papel bastante importante, no sentido de construir algumas imagens do governador Ney Braga como um grande empreendedor administrativo. Pelos editoriais do “OEP”, Ney Braga ao assumir a imagem de modernizador do Estado, enfatizando a necessidade de criação de infra-estrutura, ele está representando o desejo de toda a população paranaense.

No sentido de legitimação do poder do homem público Ney Braga pode-se constatar que a utilização do recurso de inversão da ordem é de fundamental importância, pois a todo o momento, faz-se questão de estabelecer comparações entre as administrações anteriores e a administração Ney Braga. Essa comparação se dá através de números, de ações administrativas e de destaque das virtudes do administrador Ney Braga em detrimento da imagem dos outros governantes do Estado do Paraná.

Outro recurso utilizado pelo “OEP” será a apresentação de Ney Braga como um homem público dotado da capacidade de ponderação e de bom senso na condução dos assuntos públicos. Nesse sentido, todas as obras realizadas pelo governador são frutos da observação detalhada do chefe do executivo e da capacidade de perceber quais são os maiores problemas do Paraná. Toda a sua ação administrativa terá como pressuposto atender às necessidades dos que mais precisam.

A inauguração das obras é apresentada como uma prova visível de legitimação do homem público, destacando as homenagens que são prestadas a Ney Braga e que exprimem a satisfação popular no governador. Ao mesmo tempo, exprimem a tentativa de naturalização do homem público para que este se aproxime do cidadão comum.

Ao mesmo tempo, a Ney Braga, enquanto governador do Estado, será associado o papel de gerenciador do desenvolvimento econômico. O “OEP” ressaltará como uma característica de Ney Braga ser um hábil gerenciador das tarefas por ele assumidas. Nesse caso

o produto maior de sua eficiência administrativas são suas obras, principalmente no campo da infra-estrutura.

Em Ney Braga o “OEP” deposita todas as esperanças do povo paranaense de renovação, de transformação, de moralização e de racionalização da administração. E não é simplesmente isso: o “OEP” afirma transmitir os anseios de todos os paranaenses e a exemplo destes deposita todas as esperanças no governador.

Ney Braga é apresentado como o administrador virtuoso, que se elegeu acima dos partidos e que não se rende à politicagem ou às injunções partidárias, não compactuando, dessa forma, com a prática política vigente nos governos anteriores ao seu. Esse recurso — resgatar a imoralidade do governo anterior — é freqüentemente utilizada pelo periódico no sentido de reforçar as virtudes do administrador Ney Braga.

Ao dizer não à politicagem e propor como slogan “mais administração e menos política”, o “OEP” claramente enuncia a concepção de política do governador Ney Braga: a esfera pública não é um espaço para ascensão social e nem para realização das ambições, é o espaço de doação, de sacrifícios em nome de uma maior que é o desenvolvimento e o bem estar do Estado e do seu povo. A esfera pública não é o espaço do debate, do conflito, mas da organização.

Nesse sentido para o “OEP”, Ney Braga assume uma tarefa difícil: comandar um Estado, restabelecendo a ordem perdida, a moralidade esquecida, contornando os principais problemas do Estado. Um desafio se coloca a Ney Braga, mas ele tem condições de arcar com o peso dessa responsabilidade.

O periódico situacionista apresenta Ney Braga como um líder dotado de virtudes que lhe permitem comandar o Paraná. É um governante que tem fibra e inteligência, tem visão dos principais problemas do Estado e sensibilidades para buscar as soluções mais sábias; é eficiente, capaz e comprometido com a moralidade pública; é honesto e honra seus compromissos e sua palavra.

Completando o perfil do chefe do executivo paranaense, o periódico enfatiza a origem humilde e a simplicidade de Ney Braga. Virtudes que lhe permite não se considerar acima do povo, mas como um membro do grande grupo dos paranaenses. Ney Braga é encarado como o representante do povo e, portanto, com ele no poder, o povo se sente também no governo.

Ao mesmo tempo, o “OEP” ressalta o processo de ascensão política de Ney Braga como advinda de suas qualidades pessoais e sucessos políticos. É uma ascensão que não se deve à sua ambição, mas ao seu desejo de fazer algo pelo seu Estado e as camadas mais favorecidas.

Ao lado da origem humilde e da simplicidade de Ney Braga, é acrescentado, pelo periódico, a sua capacidade de sacrificar-se pela administração. Esse sacrifício e doação ao seu Estado são fortemente enfatizados no sentido de provar como o governador honra a sua administração, dedicando-se a ela inteiramente e sem medir esforços. E para fazer dele a grande novidade junto a uma sociedade que, embora sob o ponto de vista econômico, em fase de mudança, sob o ponto de vista político, continua a permanecer a mesma. No próximo capítulo veremos o discurso de oposição.

#### 4 O DISCURSO DE OPOSIÇÃO : O “DIÁRIO DA TARDE”

Como foi possível verificar, o “OEP” constrói uma série de imagens legitimadoras da liderança política do governador Ney Braga. No entanto, a partir da pesquisa empreendida foi possível verificar que esta visão não é unânime na imprensa paranaense do período. O jornal “Diário da Tarde” (“DT”) configura-se nitidamente como um periódico de oposição, veiculando em suas páginas — editoriais e reportagens — imagens que se contrapõem à imagem do “administrador virtuoso”, construída pelo outro periódico. É possível afirmar, desde já, que as notícias do “DT” funcionam como respostas às opiniões e reportagens emitidas pelo “OEP” em relação ao governador paranaense Ney Braga no período em estudo. Enquanto resposta, em nosso entendimento, coopera para a teatrocracia dando a imagem de líder democrático que permite a livre expressão de pensamentos e opiniões, mesmo que contrárias a ele.

O “D T” era propriedade de Hidelbrando de Araújo e foi fundado em 18 de março de 1899. De 1961 a 1964 aparece como propriedade da viúva Hidelbrando de Araújo, no entanto, a partir desse ano passa a ser propriedade da empresa do Diário da Tarde Ltda. Pela linha editorial seguida pelo periódico, percebe-se explicitamente a posição do periódico favorável a Moysés Lupion.

Assim, cabe nesse momento promover uma análise destes “diálogos” travados entre os dois jornais paranaenses. No entanto, antes de iniciarmos a análise propriamente dita, algumas ressalvas tornam-se necessárias.

Em primeiro lugar, cabe destacar que no período em estudo (1961-1965) o periódico sofreu mudanças de diretores diversas vezes. Em cada troca de diretor, muda-se a linha seguida pelo jornal, ora uma oposição mais expressiva, ora mais implícita e outras vezes até veiculando reportagens de cunho explicitamente situacionista.<sup>158</sup>

Em segundo lugar, os números de edição não seguem uma ordem lógica. Muda-se a ordem sem que a redação do periódico procure corrigi-la. Assim, a reportagem de um ano pode ter o mesmo número de um ano anterior. O mesmo ocorre com o ano de edição a partir de 1964.

---

<sup>158</sup> Passaram pela direção do “DT” José Muggiat Sobrinho, Reinaldo Dacheux Pereira, Antônio Ariel Teixeira, João Carlos Ribeiro e Fernando Antônio Miranda.

Em terceiro lugar, é necessário ressaltar que toda a análise foi empreendida tendo como base reportagens do “OEP”. Nesse sentido, durante todo o capítulo retomar-se-á as imagens de Ney Braga analisadas no capítulo anterior. Isso se faz imprescindível já que o objetivo maior dessa pesquisa não é apenas verificar qual o discurso de situação e qual o de oposição, mas verificar qual o significado do discurso oposicionista em relação a Ney Braga.

No entanto, antes de iniciarmos a análise propriamente dita, torna-se necessário retomar um aspecto já enfatizado na introdução da presente pesquisa: a mercantilização da notícia. Segundo Ciro Marcondes Filho, o jornalismo segue a lógica capitalista, na qual a notícia transforma-se em um bem que pode ser adquirido, comprado. Nesse sentido, o jornalismo segue a lógica do mercado, e vai tentar vender seu produto. Assim, o jornalismo perde sua função de formar a opinião pública para vender o espetáculo, o acontecimento. Haverá uma disputa por mercado consumidor, ou seja, por leitores, pouco importa formar a consciência política. O que interessa é despertar nos leitores os sentimentos frente aos acontecimentos, fazer com que se sintam atraídos pelas notícias para comprá-las, adquiri-las. É com base nesse pressuposto que partiremos para a análise dos dois periódicos. Vamos entendê-los dentro desse processo de mercantilização da notícia, que produz efeitos comoventes e espetaculares, cooperando para a gestão das paixões políticas.

#### 4.1 O GOVERNADOR QUE NÃO CUMPRE PROMESSAS

A imagem construída pelo “OEP” de que o governador Ney Braga não trai o candidato (referindo-se às eleições de 1960) ou de que o governador cumpre todas as promessas que faz (no comando do executivo paranaense) será contestada pelo “DT” em diversas situações.

Já nos primeiros quinze dias de seu governo essa imagem negativa será enfatizada:

Cumpra por outro lado ressaltar que o governador Ney Braga quando em campanha política e posteriormente já eleito, em sucessivas declarações afirmava que não pretendia demitir nenhum servidor e que somente seria afastados aqueles que não tivessem trabalhando. A promessa não foi cumprida de vez que os funcionários estão sendo demitidos sumariamente, estejam ou não no exercício de suas funções.<sup>159</sup>

---

<sup>159</sup> Prosseguem as demissões em massa no governo Ney Braga. *Diário da Tarde*, Curitiba, 15 fev. 1961.

Essa é apenas uma das situações em que essa faceta do governador paranaense será explorada, principalmente no primeiro ano de governo: o caso de demissões do funcionalismo público. Relacionada ainda com o funcionalismo público, vem a promessa não cumprida do pagamento dos vencimentos dos servidores estaduais “o Governador deu assim um presente de grego especial aos funcionários, desmentindo mensagem que fez divulgar com alarde pela imprensa”.

Relacionado ainda com o funcionalismo, será bastante explorado, no segundo ano da gestão de Ney Braga, a questão do hospital dos servidores públicos, enuncia-se novamente uma promessa não cumprida:

No dia 28 de outubro do ano passado conforme noticiamos, o secretário do governo, falando à classe dos barnabés, havia prometido o hospital para os servidores (...) Até hoje contudo, a promessa não se concretizou continuando a ser vítimas de exploração, os barnabés, que necessitam de internamento em estabelecimento hospitalar.<sup>160</sup>

O periódico constrói a imagem de um governo de promessas não cumpridas, de traições e de palavras que não se traduzem em ações, em contraposição às construídas pelo “OEP”.

Inúmeras vezes aparecem nas páginas do “DT” a idéia de promessas não cumpridas em relação aos barnabés. Esse termo “barnabé” será recorrentemente utilizado pelos dois periódicos, mas mais enfaticamente pelo de oposição, já que barnabé na linguagem popular da época significava o funcionário público mal remunerado e também a imagem do não merecimento do cargo ocupado, obtido pelas práticas clientelistas.

Outra situação em que aparece esse caráter de apenas prometer e não cumprir será no caso do problema de terra no sudoeste do Estado.

A sequência de violências que vêm orientando as atitudes de nossas autoridades policiais, principalmente no interior do Estado, constituiu uma demonstração evidente de que o governo do senhor Ney Braga está muito longe de cumprir as promessas feitas no decorrer da campanha eleitoral, segundo as quais a preocupação do candidato de então se orientava no sentido de, apenas, fazer justiça.<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> “Hospital dos funcionários públicos” ficou só em promessa: IPE continua inoperante. *Diário da Tarde*, 27 abr. 1962.

<sup>161</sup> Violências contra estudantes. *Diário da Tarde*, Curitiba, 10 maio 1961.

Ao lado do problema do funcionalismo público, a questão das terras no oeste e sudoeste será outro problema que ocupará as páginas do periódico. Mas, ao contrário do “OEP” que sugere a eficiente ação do governador Ney Braga, o “DT” enfatiza a ineficiência e o não cumprimento de promessas referentes ao assunto. Nos dois periódicos a pessoa de Ney Braga, e não um programa de governo, é enfatizado.

O jornal situacionista no dia 6 de julho de 1961 lança uma reportagem com o seguinte título: “Ney fixa a posição do governo no problema de terra”. Nessa reportagem, o periódico afirma que apesar da calma que reina no sudoeste, Ney Braga está atento a possíveis intranquilidades na região. Nesse sentido, o periódico resume em cinco pontos a posição do governo:

- 1 — O govêrno não promoveu, não promove e nem pretende promover o despejo de qualquer posseiro.
- 2 — Todas as decisões do govêrno a respeito de terras foram tomadas em benefício dos posseiros, com a anulação de títulos fraudulentos que beneficiavam grupos especuladores.
- 3 — O govêrno se empenha, cumprindo as suas promessas, em soluções que conduzam á legalização de posses, a fim de que a terra passe a pertencer a quem a cultiva.
- 4 — O govêrno se empenha em criar e manter um clima de paz social em todo o território do Estado.
- 5 — O govêrno considera que conflitos, armados ou não, só prejudicam a solução final do problema da terra, pois tornam mais demorados os estudos e as providências de ordem necessários em cada caso.<sup>162</sup>

Na coluna “Da cadeira 46”, no mesmo dia, o “DT” ataca diretamente a reportagem citada acima, inclusive reescrevendo os cinco pontos assinalados pelo “OEP”. Critica a posição do periódico situacionista afirmando, em tom irônico, que, segundo este, o “major” resolveu o problema de terras em regiões críticas do Estado. Em seguida, o “DT” apresenta o que seria a verdade dos fatos: “Tudo falso. Balela de primeira à última linha. Se duvidam, examinemos juntos cada um dos itens da suposta manifestação do Major”.<sup>163</sup>

Retoma para tanto os cinco pontos, afirmando ser mentira que o governo não promoveu despejo de posseiros, alegando o uso da violência nesses casos e afirmando que “a polícia é um trunfo que o Governador conta e utiliza diariamente”. Confirma que o governador mandou anular títulos de terras e que “o Governador, não está e nem pretende estar empenhado na solução do problema de terras”. Termina afirmando que menos ainda interessa

<sup>162</sup> Ney Fixa a posição do governo no problema de terra. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 6 jul. 1961.

<sup>163</sup> “Definição” do Major. *Diário da Tarde*, Curitiba, 6 jul. 1961.



ao governador acabar “com o regime de terror que o Governo no Major instalou”, portanto, não existe paz social na região.

Tanto nas reportagens do “OEP” quanto do “DT” será destacada a questão agrária. Esse assunto parece ser um dos principais problemas que mereciam a resolução do executivo paranaense para os dois periódicos.

Esse problema advinha da forma de ocupação do território paranaense nos anos 40 e 50. Nesse período, os governadores incentivaram a migração de colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para povoar as regiões do oeste e sudoeste do Paraná. E já nesse mesmo período os governadores passaram a enfrentar o problema de conflitos de terras nessa região. Esses problemas de terras advinham das concessões de terras feitas pelo governo do Estado aos migrados ou das vendas de glebas. O problema estava que muitas vezes uma propriedade possuía mais de um proprietário dada a emissão de títulos.<sup>164</sup>

Ney Braga diferencia-se, nesse aspecto, dos governos anteriores (seu discurso não está voltado para a ocupação do território como os de Bento Munhoz da Rocha e de Moysés Lupion), ele teria de resolver o problema das irregularidades de terras deixadas pelos governos antecessores.<sup>165</sup> No discurso do “OEP” Ney Braga apresenta o cumprimento da lei da propriedade como argumento para diminuir conflitos. Já o “DT” afirma que Ney não está interessado em resolver o problema e, portanto, não passa de uma promessa de campanha que o governador não empenha-se em dar uma solução imediata.

Segundo Maria Yeda Linhares, a questão agrária será retomada na década de 60 como um dos pontos para se alcançar a almejada modernização do Estado. Ou seja, o pensamento recorrente no período será da intervenção do Estado no meio rural, exigindo a apresentação de títulos de propriedade para legalizar a posse, cassando os pretensos direitos dos latifundiários que se apossaram de terras públicas.<sup>166</sup>

Dessa forma, essa temática é recorrente no período e as atitudes do governador Ney Braga, enfatizadas pelo “OEP” no sentido de seu empenho para resolver o problema de terras não passa de uma necessidade histórica imposta para o período.

<sup>164</sup> MAGALHÃES, O Paraná reinventado ... op. cit., p. 63-64.

<sup>165</sup> Ibid., p. 57. Segundo Magalhães, ao analisar as mensagens do governador Ney Braga, afirma que para este os governos anteriores não foram capazes de resolver o problema de terras, principalmente no Oeste e Sudoeste, regiões de maior conflito. Assim propõe a revisão de títulos expedidos pelas administrações anteriores, garantindo a posse legal e pacífica ao verdadeiro colono, homem que quer lavrar a terra.

Outra promessa que não foi cumprida por Ney Braga segundo o “DT” refere-se à moralização da administração pública. Esse discurso será bastante enfatizado pelo “OEP” que associará Ney Braga como o símbolo da moralização no período, a vassoura.

O jornal de oposição vai utilizar essas mesmas imagens para demonstrar como não são verdadeiras

Mais administração e menos política, foi o que o Major assoalhou durante o tempo em que durou a sua campanha eleitoral, ao povo paranaense, que acabou indo na conversa, para colocar o pedecudenismo com as mãos nas rédeas do Governo do Estado, sem qualquer preparação para as elevadas funções que lhe estavam sendo destinadas. Como todo governo formalista, vazio, sem programa ou diretriz, o Governo do Major não fez outra coisa, até agora, a não ser desmentir a frase de efeito eleitoreiro largamente empregada.<sup>167</sup>

A grande maioria das reportagens do “OEP” pauta-se, durante o período em estudo, na questão da moralização da administração estadual. Como foi verificado no capítulo anterior, toda a gestão de Ney Braga tem como eixo central recuperar a máquina administrativa dos atos imorais de que foi vítima nas administrações anteriores. Nesse sentido, uma das linhas mestras do *marketing* será “mais administração e menos política”. E será exatamente esse um dos aspectos mais criticados pelo “DT” na administração de Ney Braga. Novamente isso é apresentado como uma promessa eleitoral que não está sendo cumprida, chegando a afirmar que foi usada apenas para iludir os eleitores. Ironicamente, o periódico refere-se a Ney Braga como “major” que não está preparado para conduzir os negócios públicos, talvez por isso não seja capaz de cumprir a promessa eleitoral que dar mais administração e menos política ao Paraná.

Ainda em relação à questão da moralidade, o “DT” ataca a posição do então governador Ney Braga, no que tange os seus discursos contra os contratos do Estado com empresas particulares como sendo alvo de assaltos ao dinheiro público.

Campanha difamatória que desencadeou, não só no Paraná, mas em todo o território, contra o senhor Moysés Lupion cujos atos foram deturpados para servir à demagogia dos que estavam havidos para se apossarem das altas posições administrativas de nossa terra. E um dos ‘cavalos de batalha’ mais usados pela então oposição era o reajustamento dos preços nos contratos entre o Estado e firmas particulares.<sup>168</sup>

---

<sup>166</sup> LINHARES, Maria Yeda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira de. **Terra prometida**. Rio de Janeiro : Campus, 1999. p.127.

<sup>167</sup> Administração e política. **Diário da Tarde**, Curitiba, 5 jun. 1961.

<sup>168</sup> Moral em concordata. **Diário da Tarde**, Curitiba, 22 jul. 1961.

Nesse sentido, o “DT” considera que Ney Braga utilizou-se da difamação de seu inimigo político (Moysés Lupion) para chegar ao poder, prometendo moralizar os contratos entre Estado e empresas particulares. No entanto, o periódico de oposição faz uma denúncia: o mesmo Ney Braga que condena os atos imorais de seu opositor, faz um contrato com a empresa Aranha S. A. que pertence ao seu pai e o que é pior, segundo a denúncia, o contrato aumentou os gastos do Estado em 30 milhões de cruzeiros. Com essa notícia, o “DT” ilustra o não cumprimento das promessas de campanha de Ney Braga em relação à moralização da administração pública.

No capítulo anterior demonstramos como o “OEP” constrói a imagem de Ney Braga sob o pilar da moralização, da vassourada, do por ordem na casa, do varrer. O “DT” também explorará essa imagem, mas no sentido oposto, ou seja, explorando a imagem da falsa moralização encetada pelo governo Ney Braga.

O sr. Ney Braga, aboletado no Governo do Estado para onde foi levado por falsas promessas de moralização da função pública e da fiscalização de uma gestão isenta de ódios e perseguições, após decorridos mais de um ano de completa negação do prometido, está a perceber o fracasso de sua administração (...)

Assustado com a inegável recuperação do verdadeiro líder popular cuja vitória de antemão, parece estar assegurada no pleito de Outubro, treme e vocifera, desde já, o sr. Ney Braga, talvez prevendo que uma devassa em sua gestão possa redundar em provas de grandes irregularidades, de desperdício faraônico do dinheiro público, na vã tentativa de ludibriar o povo, etc.<sup>169</sup>

O diálogo entre os dois periódicos é evidente. O periódico de oposição acusa Ney Braga da promessa de moralização, no entanto, ela é falsa; prometeu um governo sem perseguições e ódios, no entanto, persegue o seu maior adversário político, Moysés Lupion. A falsa moralização é tão grande, que o periódico afirma que Ney Braga tem medo que as irregularidades de seu governo fossem descobertas bem como o mau emprego do dinheiro público. O “DT” nesse momento utiliza o mesmo recurso do “OEP”, mas no sentido inverso.

No capítulo anterior, verificamos que o periódico situacionista associava aos governos que antecederam a Ney Braga as irregularidades e o desperdício do dinheiro público em obras faraônicas, mas sem utilidade pública para satisfazer as necessidades básicas da população. A mesma imagem é utilizada pelo “DT”, mas no sentido inverso: aqui quem toma esse tipo de atitude é Ney Braga.

Outro ponto bastante debatido pelos dois periódicos é a questão da promoção do desenvolvimento do Paraná. Os dois periódicos estarem debatendo esse aspecto é o sinal da sua sincronia com a conjuntura das décadas de 50 e 60, nas quais o modelo político pautava-se na ideologia desenvolvimentista. Como já foi demonstrado no capítulo anterior, existe uma relação explícita entre a organização do governo Ney Braga pautado nessa ideologia, a partir do projeto de desenvolvimento da economia paranaense via industrialização. Para tanto, o governo Ney Braga, que assume esse compromisso, pauta toda a sua administração no binômio: estradas e energia elétrica, para dotar o estado de infra-estrutura em favor do desenvolvimento industrial. Daí a imagem veiculada pelo “OEP”, de Ney Braga como modernizador e empreendedor. Ele é apresentado como um empresário.

Já no “DT” a recorrência ao tema será numa intensidade menor, mas o enfoque da questão será totalmente diferente. Ney Braga não será apresentado sob a imagem do modernizador do Estado, mas como o político que ludibriou o povo com a promessa do desenvolvimento e progresso e que, passados oito meses, demonstrou-se ineficiente em fazer algo pelo Paraná.

O Governador Ney Braga, em pessoa, deveria nominar ao povo, os elementos que constituíram a organização da gestão anterior, cuja falta de espírito público prossegue ainda produzindo consideráveis prejuízos ao Estado, pela sua inoperância e incapacidade (...)

A desculpa serve apenas para preparar (e neste ponto é muito falha) o espírito do povo para que o governo, futuramente, possa pôr em prática argumentações capengas para dizer porque não termina

1 — a auto estrada Curitiba-Paranaguá (é preciso uma explicação muito boa. Isso de dizer que funcionários prejudicam sua construção é muito suspeito)

2 — a rodovia Curitiba-Paranaguá (que vai sendo levada adiante, nos poucos quilômetros que faltam, a passo de tartaruga)

3 — o funcionalismo do Hospital e do interior do Estado

5 — as usinas hidrelétricas

6 — os postos de saúde e hospitais do interior do Estado

7 — etc ... etc ... etc...<sup>170</sup>

O “DT” cria a imagem de um governador inoperante, que não é capaz de modernizar o Estado porque sua preocupação maior está em encetar perseguições políticas. O periódico acusa o governador de não ser capaz nem mesmo de concluir as obras deixadas incompletas pelo governo anterior.

<sup>169</sup> PLAISANT, E. G. Prenúncios de retorno. *Diário da Tarde*, Curitiba, 30 mar. 1962.

<sup>170</sup> Governo inoperante faz acusação ridícula para justificar o fracasso de sua gestão. *Diário da Tarde*, Curitiba, 25 set. 1961.

Dessa forma, o “DT” constrói a imagem de um político que ganhou as eleições de 1960 apenas com belas promessas, mas que nunca são cumpridas, atingindo todas as áreas do governo, indo desde o funcionalismo, o problema de terras, a moralização administrativa, o desenvolvimento econômico. Juntamente com essa imagem soma-se outra, a do político intolerante com seus adversários.

#### 4.2 A INTOLERÂNCIA CONTRA OS ADVERSÁRIOS

Se retomarmos a análise empreendida no capítulo anterior, verificaremos que a linha seguida pelo periódico situacionista “OEP” será de ataque, principalmente, ao governo de Moysés Lupion para afirmar a capacidade administrativa e a liderança do governador Ney Braga.

A linha seguida pelo “DT” será mais uma vez a do contra discurso. Em inúmeros momentos serão feitas críticas ao governador paranaense, demonstrando como este tem como preocupação maior no mais alto posto administrativo paranaense atacar e destruir seus adversários políticos. Ele será apresentado como um homem que não tolera os adversários públicos, iniciando um processo inquisitorial contra eles, que vai desde o apagar o nome do adversário de suas obras públicas até demitir funcionários e não dar pensões a aleijados e viúvas.

Nesse aspecto, uma reportagem nos será bastante ilustrativa. A rodovia que liga Curitiba a Ponta Grossa foi iniciada no governo de Moysés Lupion e, segundo o periódico, serve de exemplo da campanha de perseguição política sem tréguas do atual governador. O periódico se refere ao fato de o governador no ato da inauguração da referida rodovia ter alterado a denominação da mesma. Assim o periódico apresenta a denúncia-protesto da bancada do PSD na Assembléia Legislativa.

Ocupo a tribuna para manifestar em nome do PSD, com assento nessa Casa, nossa estranheza pelo procedimento do atual Governador, que procurando tapar o sol com a peneira, a mandou remover os obeliscos, construídos e que dão a denominação a essa rodovia, ou seja, Rodovia Moysés Lupion, o nome do ex-governador do Estado (...) este gesto caracteriza bem a índole e o pensamento do atual governador do Estado, em procurar por todos os meios e por tôdas as forças apagar o que dificilmente conseguirá, o nome do ex-governador Moysés Lupion da história política paranaense.<sup>171</sup>

---

<sup>171</sup> “Rodovia Moysés Lupion”: bancada do PSD encaminha enérgico protesto ao Gabinete. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 jan. 1962.

A reportagem ataca um ponto que o “OEP” vai utilizar para caracterizar a administração de Ney Braga, qual seja, as rodovias como viabilizadoras do progresso paranaense. No periódico situacionista, o governo de Ney Braga é caracterizado como o governo que mais construiu estradas e que suas obras superam as atuações dos governos anteriores. No caso da Rodovia do Café a que a reportagem se refere, será um dos marcos da administração de Ney Braga segundo o “OEP”, e será uma das obras mais importantes do plano quinquenal do Departamento de Estradas de Rodagem (DER). No dia 21 de outubro, o periódico situacionista, além de apresentar o volume de recursos que o governo gastou em tal obra, apresenta uma justificativa para a sua denominação. Ele é apresentado como “o eixo mais importante do Brasil, pois apesar de ainda incompletos, já transporta 15 milhões de sacas de café para o Porto de Paranaguá”.<sup>172</sup>

Dessa forma, estaria justificada de antemão, meses antes, a mudança de denominação da referida rodovia. No entanto, cabe destacar, como já afirmamos anteriormente, que as obras públicas têm o caráter de imortalizar os homens públicos. Nesse sentido, justifica-se a mudança de nome. Deixar obeliscos com o nome do adversário público é permitir que sua lembrança reine entre os governados. Dessa forma, é necessário apagar da memória qualquer referência ao outro.

Segundo a Mensagem governamental de 1965, que apresenta as realizações do quinquênio do governo Ney Braga, a BR-104 era a principal via de escoamento das safras cafeeiras, exportadas por Paranaguá. Ela compreende o trecho Ponta Grossa a Paranavai; Ponta Grossa-Curitiba (BR-35) e Apucarana-Jandaia do Sul (BR-87). O percurso total entre Curitiba e Paranavai era de 449 km. Após essas especificações, afirma:

Em 1960 havia sido realizada a implantação básica em apenas 154 km, estando asfaltados os trechos de Jandaia do Sul a Maringá (25 Km), Apucarana a Califórnia (13 km) e parte de Curitiba a Ponta Grossa (72 km), num total de 100 km.

No quadriênio 1961-1964 foi realizada a implantação básica em 247 km, tendo sido asfaltados 220 km. O programa prevê a conclusão ainda no primeiro semestre deste ano, mediante a aplicação de 14,8 bilhões de cruzeiros, na implantação básica em 37 km e a pavimentação asfáltica em 128 km.<sup>173</sup>

<sup>172</sup> Coelho Junior. Plano quinquenal do DER. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 21 out. 1961.

<sup>173</sup> ESTADO DO PARANÁ. *Mensagens*. Curitiba, 1965. p. 50-51.

Comparando a reportagem do “DT” com os dados da mensagem governamental, podemos afirmar que o periódico faz oposição ao governo de Ney Braga, mas não embasa suas acusações, transformando-se em um jornalismo dentro da lógica do mercado, a qual nos referimos no início do capítulo, que pretende única e exclusivamente vender suas notícias e não apresentar todos os dados para formar no leitor uma opinião sobre o assunto. O objetivo maior da referida reportagem do “DT” reduz-se a acusar Ney Braga de perseguir seus adversários, apagando o registro de sua obra (pois mudou o nome da rodovia). Este seria mais um exemplo para o “DT” do clima de intolerância que se verifica no governo de Ney Braga.

Esse clima de intolerância, segundo o “DT”, ultrapassa a mera perseguição direta a Moysés Lupion e alcança o funcionalismo público. Como podemos verificar, no capítulo anterior, para moralizar a máquina administrativa, Ney Braga iniciou uma série de demissões de funcionários nomeados irregularmente no fim do governo de Lupion. O “OEP” caracteriza essa atitude como a vassourada, ou seja, o varrer as irregularidades. A essa campanha de moralização já nos referimos anteriormente, inclusive aproximando o personagem de Ney Braga de Jânio Quadros, presidente da república, que possuía a mesma campanha de moralização. Já para o “DT” as demissões em massa dos funcionários, o retorno aos seus postos de origem, o respeito à hierarquia funcional será entendido como perseguição de Ney Braga ao funcionalismo.

... afirmou o chefe do Executivo, esquecido de que seu governo não tem valorizado o homem que seu governo tem demitido milhares de humildes servidores que seu governo restaurou no interior do Estado uma prática abolida com a Revolução de 30, consistente na perseguição dos homens por terem independência política.<sup>174</sup>

Essa reportagem revela que os funcionários que tentam manter sua posição política de oposição a Ney Braga são perseguidos e demitidos. Para reforçar essa idéia, o periódico vai apresentar o Plano de Classificação do funcionalismo como um presente de grego, pelo qual o governador poderá demitir todos os seus inimigos políticos, pois o concurso público a que serão submetidos terá a supervisão dos secretários de Ney Braga.

Esse clima de perseguição chega a Assembléia Legislativa no veto de projetos de deputados de bancadas de oposição, além disso, o governo interferiu nas eleições para a presidência da Assembléia Legislativa.

---

<sup>174</sup> Política de desenvolvimento. *Diário da Tarde*. 03 maio 1961.

Segundo o “DT”, os deputados de oposição se solidarizam “denunciando o clima de perseguições implantado pelo atual governo que culminou na interferência direta e indevida, até no Poder Legislativo”. Segundo a denúncia, o deputado Luiz Dalcanalle (PDC) foi eleito presidente da Assembléia Legislativa após a renúncia de Pedro Liberty (PTB), pois o governador havia vetado tal escolha, o que significa o clima de perseguição aos oposicionistas do governo.<sup>175</sup>

Na mesma linha de denúncias, o periódico “DT” apresenta um governador implacável nas perseguições a seus adversários políticos, que interfere na Assembléia Legislativa, vetando projetos de deputados pelo simples critério de serem oposição. Ainda, serão inúmeras as reportagens sobre o veto de abono de funcionalismo e também de aumento de pensões. No trato desse assunto, o periódico vai utilizar-se muito mais do sensacionalismo do que do caráter político dessas reportagens. Dessa forma, podemos comprovar que na linha seguida pelo “DT” ocorre um esvaziamento do conteúdo político das notícias. As explicações para esses vetos serão simples: o governo afirma não possuir dinheiro em caixa, mas isso não corresponde à realidade, pois o governador não se coloca no lugar do funcionalismo ou dos pensionistas oprimidos pelo seu governo.

O flagrante acima, colhido pela reportagem do DT, causa revolta e foi motivo de fortes críticas contra o Governador Ney Braga, que numa atitude desumana, absurda e de perseguição política, resolveu vetar projeto de lei que procurava elevar a pensão dessa infeliz criatura de 2 para 4 mil cruzeiros.<sup>176</sup>

A referida reportagem é acompanhada da foto de Maria Francisca de Oliveira, pensionista e aleijada (característica bastante enfatizada). A reportagem procura demonstrar que é para esse tipo de pessoas (desgraçados) que o governador não está permitindo o aumento dos vencimentos, caracterizado como um ato desumano por parte do governador. Ele não hesita em deixar uma viúva desamparada para perseguir seus adversários políticos.

Assim, o “DT” vai construindo a imagem de um governador que persegue seus adversários sem piedade de ninguém. O governador age pelo ódio. Juntamente com essa imagem, outra vai aos poucos sendo construída.

---

<sup>175</sup> Dep. Liberty pressionado foi obrigado a renunciar: Dalcanalle eleito Presidente da Assembléia Legislativa. *Diário da Tarde*, Curitiba, 30 abr. 1962.



É de se salientar que a crítica não se faz aos venturosos privilegiados, mas ao faccionismo do governante, que disfarçado de moralista, pune os seus adversários políticos e àqueles que se ligaram, afetivamente aos governos passados, favorecendo, num favoritismo que macula sua máscara de “dono da virtude”, todos que tinha fichas no PDC e UDN.

É vindima em cena.

É vingança em campo.

É o governo que não sabe administrar e se contorce em atos e ações contra funcionários. Para beneficiar os mais humildes?<sup>177</sup>

Ou seja, a reportagem acima repete a fórmula antes enfatizada: Ney Braga persegue seus inimigos, guiado pelos sentimentos de ódio e vingança. E se questiona ao final, quem se beneficia com esse ódio e clima de perseguições do governo Ney Braga? Essa, portanto, será outra imagem construída para o governador pelo “DT”: a imagem de um governador que protege seus correligionários políticos e que pratica o clientelismo com troca de favores.

#### 4.3 O GOVERNADOR CLIENTELISTA

Como vimos no capítulo anterior, o “OEP” constrói uma imagem bastante positiva do governador Ney Braga. Ele é apresentado como um líder virtuoso, íntegro, que não deixa levar-se pelas vicissitudes políticas. Tanto que seu *slogan* era “mais administração e menos política”. Segundo o periódico situacionista, o governador poderia instalar um governo moralizado e modernizante, porque durante sua campanha não assumiu nenhum compromisso com ninguém. Sua campanha havia sido empreendida por “amigos” e não por “políticos”, não prometendo nada em troca da ajuda. Essa mesma imagem é recuperada ao se anunciar os secretários e diretores de departamentos de Ney Braga. Segundo o periódico, todos eram técnicos, e, portanto, não eram políticos. Para completar esse perfil do governador paranaense, o “OEP” afirma que esse era um dos principais pontos de crítica de seu governo aos governos anteriores. Os que o antecederam, argumentava que a troca de favores políticos era utilizada para seu fortalecimento no poder, ou seja, o apadrinhamento político era a base de seus poderes.

O próprio político afasta, em sua biografia, o apadrinhamento da família Munhoz da Rocha. E mesmo no capítulo anterior, o próprio “OEP” nega, em suas páginas, as relações de Ney Braga com Bento Munhoz da Rocha Netto.

---

<sup>176</sup> Governo desumano e cruel continua vetando ínfimas pensões de aleijados. *Diário da Tarde*, Curitiba, 24 nov. 1961.

Essa imagem será recuperada pelo “DT”, não no que diz respeito à relação de Ney Braga com os Munhoz da Rocha, mas caracterizando o governo de Ney Braga como um governo de apadrinhamentos políticos. Se retomarmos a reportagem citada anteriormente, verificaremos que o clientelismo político, na visão do “DT”, andava de mãos dadas com a perseguição política aos adversários. Assim ao governo de Ney Braga será associada a imagem de que ele persegue uns, mas protege outros. Frente a isso, novas denúncias serão feitas nas páginas do periódico de oposição num tom sensacionalista: “conforme já havíamos previsto, estourou a primeira grande ‘marmelada’ do govêrno do Estado, visando beneficiar um correligionário político”.<sup>178</sup>

A “grande marmelada” a que a reportagem de capa se refere é que o diretor do Departamento de Despesa Fixa acumula, além dessa função, a de Engenheiro Avaliador, função que era inexistente nos quadros do governo estadual. Assim, a reportagem apresenta a existência de dois Ney Braga: um que não aceita nomeações e transferências de advogados que prestam serviços de consultoria, porque considera tal ato imoral (pois vinham do governo anterior), mas considera moral e legal a concessão de vantagens para um correligionário.

Nessa mesma linha, o “DT” apresenta outra denúncia:

Em portaria recentemente baixada, o Secretário da Fazenda designou o auxiliar da coletoria, referência XV, Pedro Soares Siqueira Filho, para responder pela Coletoria de Umuarama, uma das mais importantes do norte do Estado.

O funcionário em questão é protegido da família do Governador Ney Braga e foi designado por indicação do Diretor do Departamento de Arrecadação e Rendas.<sup>179</sup>

Assim, configura-se nas páginas do “DT” uma imagem que vem contrapor-se à criada pelo “OEP”. A imagem de um governador moralizador que não subjuga suas ações às injunções político partidárias. Como o governador protege seus “apaniguados políticos” (termo utilizado pelo “OEP” para caracterizar as administrações de Moysés Lupion e Bento Munhoz da Rocha Netto), cria-se uma outra imagem para o governador paranaense, a imagem de um governador que gera os males sociais.

---

<sup>177</sup> Proteção. *Diário da Tarde*, Curitiba, 20 jul. 1961.

<sup>178</sup> Imoralidade. *Diário da Tarde*, Curitiba, 21 set. 1961.

<sup>179</sup> Nomeado protegido govêrno quebra hierarquia funcional. *Diário da Tarde*, Curitiba, 03 ou. 1961.

#### 4.4 O GOVERNADOR E A QUESTÃO SOCIAL

Já destacamos anteriormente que o “DT” constitui-se como oposição ao governo Ney Braga, no entanto, cabe salientarmos que essa oposição utiliza o sensacionalismo muito mais do que conteúdos políticos para desenvolver sua posição em relação ao governo de Ney Braga.

O “OEP” cria a imagem de Ney Braga associado ao povo e ao funcionalismo público, oferecendo a estes condições básicas em todos os setores públicos, saúde, educação, atendimentos específicos (mendicância, sanatórios, hospitais infantis, etc.). Como vimos no capítulo anterior, os discursos de Ney Braga no período procuram demonstrar como esses eram aspectos que não tinham sido tratados com seriedade pelos governos anteriores. Representavam lacunas administrativas que precisavam ser preenchidas pelo seu bom senso, na gerência dos negócios públicos e sua sensibilidade em realmente verificar o que era primordial a ser atendido.

Já o “DT” constrói uma imagem de Ney Braga, antagônica a essa. Para o periódico de oposição, Ney Braga não age com humanismo e pouco se importa com os problemas sociais. O periódico atribui a Ney Braga alguns dos principais males sociais do período, como o desemprego, a mendicância, o desatendimento aos desamparados. Para tratar do assunto, mais enfaticamente o periódico utilizará o recurso do sensacionalismo.

O primeiro aspecto refere-se ao desemprego como causa direta das demissões do funcionalismo: “desempregado, sem outros meios de subsistência, esses ex-funcionários gerarão um problema social de difícil senão impossível solução”.<sup>180</sup> Dentro da linha seguida pelo periódico, um governo que fala em desenvolvimento não poderia permitir que esse mal social se agravasse, pois ele estanca o progresso econômico. Mas essa não será a ênfase do periódico, esta reside no recurso do sensacionalismo: a imagem do funcionário sem emprego, que vai aumentar as filas dos desempregados, levando a que sua família passe fome e privações, sem poder manter suas necessidades básicas de alimentação e vestuário.

Cite-se o exemplo de um caso bastante explorado no periódico: o suicídio do soldado de polícia Acácio Mencheffren, que atentou contra a vida na pensão onde residia, deixando um bilhete que explicava ter tomado “a atitude extrema em virtude do baixo vencimento que

percebia (9.993,30), não podendo pagar a pensão para si 4000 cruzeiros e sustentar ainda sua mãe viúva e mais três irmãos”. O título é bastante elucidativo na resolução questão: o suicídio tem a função de advertir ao governador para que resolva o problema do funcionalismo público, antes que tal questão assuma proporções mais catastróficas.<sup>181</sup>

Ao mesmo tempo, o periódico de oposição procura demonstrar como as secretarias responsáveis pela assistência social são inoperantes, o que acarreta problemas irreversíveis, como é o caso denunciado pelo “DT” sobre o sanatório São Roque, que vive em completo estado de abandono:

Estão passando fome, face à alimentação irrisória, as mulheres são obrigadas a realizar trabalhos manuais estafantes, sem a necessária proteção, os internos não recebem roupas e agasalhos a 15 meses, os doentes que são levados à enfermaria, não recebem medicamentos por falta de estoque no leprosário.<sup>182</sup>

Assim, no caso da saúde e da assistência aos necessitados o “DT” constrói uma imagem antagônica àquela construída pelo “OEP” em relação ao governo de Ney Braga. Como vimos no capítulo anterior, o periódico situacionista faz questão de ressaltar o interesse de Ney Braga em dotar o Estado das condições necessárias para que a população tivesse assistida as suas necessidades básicas. Já no “DT”, o governo de Ney Braga é apresentado como desatento em relação às questões de cunho social, como se os desempregados e mal pagos fossem somente os barnabés.

Juntamente com isso, o periódico de oposição denuncia a proliferação de favelas e conseqüentemente da mendicância na capital do Estado, como resultado da inoperância da Secretaria de Trabalho e Assistência Social.

Segundo o “DT” o governo de Ney Braga é um governo inoperante, que gera males sociais, um governo que vive da falsa moralização, que persegue seus adversários políticos e que protege seus correligionários. Frente a essas catastróficas imagens, uma outra vem completar esse quadro. É a imagem de um governo que se vale intensamente do *marketing*.

---

<sup>180</sup> Prosseguem as demissões em massa no governo de Ney Braga. *Diário da Tarde*, Curitiba, 15 fev. 1961

<sup>181</sup> Suicídio de soldado de polícia foi uma advertência ao governador. *Diário da Tarde*, Curitiba, 16 nov. 1961.

<sup>182</sup> Internos do sanatório vivem como parias: governo ausente. *Diário da Tarde*, 22 nov. 1961.

Segundo o “DT”, não há imagens positivas para recuperar na administração do governador Ney Braga. Dessa forma, inicia-se uma série de denúncias como podemos verificar em relação aos desmandos e desumanidades cometidas pelo governador paranaense. Nas entrelinhas das reportagens é possível perceber uma referência às reportagens do “OEP” e dos seus conteúdos demagógicos (como são caracterizados pelo periódico oposicionista).

O “DT” acusa ainda, em inúmeras reportagens, o governador Ney Braga de utilizar-se de altas quantias de seu orçamento para veicular seu *marketing* em outro periódico, o “OEP”: “o govêrno mobilizou todas as suas forças publicitárias para convencer o povo”.<sup>183</sup>

Segundo o periódico, Ney Braga consegue comprar seu prestígio, valendo-se do financiamento do “OEP” para manter viva a sua imagem de bom governo. Trata-se aí da disputa de *marketing* realizada pelo “DT”, que não faz senão reagir às imagens produzidas pelo jornal concorrente. Com isso, coopera para a projeção de Ney Braga, figura apresentada como central da política paranaense.

---

<sup>183</sup> Prestígio duvidoso. *Diário da Tarde*, 13 set. 1961.

## 5 CONCLUSÃO

Como já afirmamos, entre as figuras públicas brasileiras de destaque na primeira metade da década de 60, podemos considerar Ney Braga, nessa época, governador do Estado do Paraná, como uma das mais importantes figuras que ascenderam através do jogo eleitoral. O referido personagem emergiu no universo da política na década anterior e manteve-se ocupando cargos políticos de destaque regional e nacional até o início dos anos 80. Gravitou nesses trinta anos de vida pública entre o período democrático (1945 a 1964) e o ditatorial (1964 a 1984), articulando forças em ambas as conjunturas.

O primeiro governo de Ney Braga (1961-1965) é caracterizado tanto pela opinião pública quanto pelos estudos de caráter acadêmico (histórico, político e econômico) como de grande prosperidade econômica e administrativa, como símbolo da tecnoburocratização e da gerência do Estado nos assuntos econômicos. Como podemos verificar no primeiro capítulo, essa é a imagem que o governador, na década de 90, em sua biografia, associa à sua trajetória política, através de lembranças impressas em sua memória oficial, para criar o seu monumento.

Nesse sentido, o presente estudo nos revelou que são inegáveis os dois aspectos associados a Ney Braga. O primeiro é a existência de uma liderança política do governador paranaense que o projetou no universo da política por trinta anos. O segundo é a sua eficiência administrativa no período, criando órgãos e gerenciando obras estruturais. No entanto, reduzir a análise de tal personagem a esses dois aspectos não foi suficiente. A análise documental nos revelou a utilização do *marketing* política como um dos recursos que esse homem público usufruiu no período em que permaneceu no executivo paraense. Associado a esse recurso, verificamos também que o governador não desperdiçou as relações de trocas políticas, ou seja, a barganha em meio ao universo da política.

Assim, o primeiro dado que constatamos a partir da presente pesquisa é que a projeção do homem público Ney Braga foi produto da interação de três fatores: a técnica, o *marketing* e o clientelismo.

Em relação ao *marketing*, verificamos que esta é empreendida principalmente pelo “OEP”, o qual constrói imagens positivas que serão repetidamente associadas a Ney Braga. Assim, pelo discurso desse periódico, Ney Braga será considerado o moralizador e o

modernizador do Estado, símbolo da renovação e da superação em todos os aspectos (social, econômico, político) e dotado de inúmeras virtudes.

Essas imagens serão reforçadas constantemente pelo periódico, o que nós leva à interpretação de que essas imagens deveriam ser interiorizadas e associadas ao personagem Ney Braga. As “provas” dessas afirmações serão, para o periódico, as obras do governador e sua trajetória privada e pública.

Constrói-se dessa forma a imagem de Ney Braga como o “salvador”, o herói dotado de qualidades e predestinado a levar um povo, o paranaense, a superar seus problemas estruturais, políticos, éticos, morais e econômicos, entre outros. Esse líder salvador age em nome do patriotismo, em nome do povo. Para se construir essa imagem de Ney Braga o sentimento nacionalista será o pano de fundo.

Molda-se, assim, um personagem dotado de uma personalidade excepcional, virtudes inatas e responsabilidades, só por ele capazes de serem respondidas. A esse personagem é associada uma tarefa: a salvação. Ao mesmo tempo monta-se um cenário: um Estado sem estrutura, defasado, demolido, explorado, formado por pessoas sem perspectivas de futuro e descrentes em seus governantes, no entanto, cheias de anseios não correspondidos. Esse personagem, da forma como é construído, é capaz de renovar todo esse cenário e corresponder a todos os anseios e desejos dessas pessoas, projetando esse Estado para um futuro promissor. Esse personagem criado é Ney Braga, o Estado é o Paraná e as pessoas são os paranaenses. Esse personagem é o protagonista das cenas que serão vivenciadas através do periódico.

Mas como todo bom romance ou peça teatral, exige um antagonista. Esse antagonista serão os governantes imediatamente anteriores a Ney Braga e servirão para reforçar as qualidades, virtudes e personalidade do protagonista.

O periódico “OEP” vai utilizar um outro recurso para fortalecer as imagens construídas a respeito de Ney Braga: a articulação do micro (municípios, Estado) com o macro (Brasil). Assim, o homem público aparece em todos os espaços possíveis e não apenas acorrentado ao espaço público do governo. Ele será construído como um político atuante no interior, na capital, nos municípios e junto ao poder federal.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o “OEP” será de grande importância para a projeção política de Ney Braga, já que será o grande veículo de seu *marketing* política, criando

o cenário ideal e o personagem ideal para atuar nesse cenário, bem como os antagonistas que encenaram com ele a grande peça teatral da política.

E o contradiscurso ao “OEP”? O local desse contradiscurso no período foi encontrado no “DT”, mas são necessárias algumas considerações. A pesquisa documental dos dois periódicos nos revelou que ambos constroem imagens em relação ao governador Ney Braga. Enquanto o “OEP” constrói e veicula as imagens positivas referentes a Ney Braga, o “DT” constrói e veicula as imagens negativas. Mas uma ressalva merece destaque e atenção. O “DT” trava uma espécie de diálogo com as imagens impostas pelo “OEP”. Em outras palavras, todas as imagens veiculadas pelo “OEP” serão veiculadas pelo “DT”, que vai reforçar o antônimo dessas imagens.

Assim, para o “DT” Ney Braga será um governador cujas ações governamentais não correspondem às suas promessas, pois ele persegue os seus adversários políticos, não possui as virtudes da moral e da ética, não realiza as obras necessárias para o Estado e não atende às necessidades sociais, pelo contrário, contribui para agravar diversos problemas de cunho social.

Dessa forma, o primeiro dado que verificamos é que não se constrói, por parte do “DT”, uma oposição organizada às imagens construídas pelo “OEP”. Pelo contrário, o primeiro ataca de forma direta a pessoa pública do governador, numa discussão sem profundidade onde um **diz é** e outro diz **não é**. O que se verificou foi um conflito muito mais entre os periódicos do que um conflito ideológico político. Esse conflito entre os dois pode ser assinalado pelas correntes políticas a que estão atrelados. O primeiro ligado ao ex-governador, Moysés Lupion e o segundo ligado a Ney Braga. Assim o “DT” ataca mais o governador não no sentido de desqualificar o discurso do outro periódico a partir de um discurso novo, mas para provar que a verdade é o contrário do que diz o periódico preocupado com o *marketing* de Ney Braga, legitimando, na prática, o conteúdo do governo.

Evidenciamos, portanto, com base nos dois periódicos analisados, que ocorre uma despolitização da política, pois os dois órgãos da imprensa deixam de promover a formação da opinião pública, para simplesmente seguir as leis mercadológicas impostas aos órgãos veiculadores de notícias. Os jornais tornam-se noticiosos, acrílicos, a tal ponto de não se verificar um discurso de oposição pautado em novos indícios, mas pautado na aporia: “verdade versus mentira”, inclusive podendo mostrar os escândalos associados ao governador. Assim,



mais do que força de oposição, o “DT” parece servir para confirmar as imagens construídas pelo “OEP”.

O presente estudo, portanto, permite revelar que, a projeção de Ney Braga foi resultado do trinômio: técnica, barganha e *marketing*. E que esta última foi de fundamental importância para a construção das imagens do governador Ney Braga como salvador, e para a construção do cenário em que este personagem havia de atuar com todas as suas forças e virtudes, valendo-se do Estado e dos paranaenses. Essas imagens foram difundidas e articuladas de tal forma que associadas aos outros dois aspectos (técnica e clientelismo) permitiram a Ney Braga alicerçar suas bases no poder, poder que ele exercerá individualmente, daí sua liderança ter sido pouco afetada, mesmo após o golpe de 1964. Lembrando ainda que mesmo após o fim dos governos militares ele assumiu cargos —foi presidente da Itaipu binacional (1985-1990) e presidente do Conselho Administrativo da COPEL desde 1992 até 1999 — que revelam seu reconhecimento político.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *a) Fontes primárias:*

- BRAGA, Ney Aminthas de Barros. **Ney Braga: tradição e mudança na vida política**. Curitiba: Ed. do Autor, 1996.
- CORREIO DO PARANÁ. Curitiba, 19 fev. 1965.
- DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1961-1965.
- O ESTADO DO PARANÁ. Curitiba, 1961-1965.

### *b) Livros, teses e artigos:*

- ACHACHE, Gilles. *Le marketing politique*. In : **Hermes** : cognition, communication, politique. Paris : Editions du CNRS, 1984.
- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo : Ática, 1989.
- ANJOS, Maria Anita dos. **Uma experiência de industrialização** : Cidade Industrial de Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- ANSART, Pierre. **La gestion des passions politiques**. Lausanne, Suisse : Editions L'Âge d'Homme, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1978.
- AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista**. São Paulo : Símbolo, 1978.
- BALANDIER, George. **O poder em cena**. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1982.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo** : ambiguidades do liberalismo brasileiro. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo : Brasiliense, 1981.
- \_\_\_\_\_. **O governo Kubitschek** : desenvolvimento econômico e estabilidade política. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1976.
- BLACKBURN, Robin (Org). **Depois da queda** : o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- BONAZZI, Tiziano. Mito Político. In : BOBBIO, Norbert; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília : UNB, 1997. p. 754-762.
- CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena** : propaganda política no varguismo e peronismo. São Paulo : Papirus, 1998.
- CARDOSO, Mirian Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento** : Brasil, JK - JQ. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.
- CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. **Religião e política** : a Liga Eleitoral Católica e a participação da Igreja nas eleições de 1932-1954. Curitiba, 2000. Dissertação (Mestrado

- em História) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.
- CASTRO, Ana Célia e. **Evolução recente e situação atual da agricultura brasileira** : síntese das transformações. Brasília : Binagri Edições, 1979.
- COLIVA, Paolo. Povo. In : BOBBIO, Norbert; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília : UNB, 1997. p. 986-987.
- DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba : Chain, 1991.
- DREIFUSS, René Armand. **1964** : a conquista do Estado (ação política, poder e golpe de classe). Rio de Janeiro : Vozes, 1981.
- ESTADO DO PARANÁ. **Mensagens**. Curitiba, 1965.
- FARIA, Enéas; SEBASTIANI, Sylvio. **Governadores do Paraná** : a história por quem construiu a história. Curitiba : Sistani, 1997.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história" : o retorno da história política. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 05, nº 10, 1992. pp. 265-271.
- FERRY, Jean-Marc. *Les transformations de la publicité politique*. In : **Hermes** : Cognition, communication, politique. Paris : Editions du CNRS, 1984.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo : Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela de Castro. (et alii) **O Brasil republicano** : sociedade e política (1930-1964). Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 1997.
- GUERRA, François-Xavier. El renacer de la historia política : razones y propuestas. In: ANDRÉS-GALLEGO, José. **New history, nouvelle histoire, hacia una nueva historia**. Madrid: Actas, 1993.
- HIPÓLITO, Lúcia. **De raposas e reformistas** : o PSD e a experiência democrática brasileira, 1946-1964. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
- IPARDES. **Resultados eleitorais** : Paraná (1945-1982). Curitiba, 1989.
- KHUNHAVALIK, José Pedro. **Ney Braga** : trajetória política e bases no poder. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- KUNTZ, Ronald. **Marketing político** : manual de campanha eleitoral. São Paulo : Global, 1986.
- LEÃO, Igor Zanoni Constant Carneiro. **O Paraná nos anos 70**. Curitiba : IPARDES, 1989.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In : **Enciclopédia Einaudi** : Memória-história. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- LIMA, Marcelo O. Coutinho de. **Marketing político** : para não desperdiçar recursos. São Paulo : Ícone, 1988.
- LINHARES, Maria Yeda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Terra prometida**. Rio de Janeiro : Campus, 1999.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de (Coord.) **O Paraná reinventado** : política e governo. Curitiba : IPARDES, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Sobre política paranaense** : entrevistas. Curitiba : IPARDES, 1989.

- MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná : política e governo**. Curitiba : UFPR/SEED, 2000. (mimeo)
- MAGALHÃES FILHO, Francisco de Borja Baptista de. **Da construção ao desmanche : análise do projeto de desenvolvimento paranaense**. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Evolução histórica da economia paranaense. In : **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n. 28, p. 31-52, jan./fev. 1972.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia : jornalismo com produção social da segunda natureza**. São Paulo : Ática, 1989.
- OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba : Editora da UFPR, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Estado e mercado : telecomunicações no Brasil**. Curitiba : Prephacio, 1991.
- PAZ, Francisco Moraes. **Artimanhas da política no jogo eleitoral**. Curitiba : Prephacio, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Cenários de economia e política : Paraná**. Curitiba : Prephacio, 1991.
- PROJETO HISTÓRIA, São Paulo, n. 17, nov. 1998.
- RÉMOND, René. Por que a história política. In : **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 07, nº 13, 1994. p. 07-19.
- \_\_\_\_\_. **Por uma história política**. Rio de Janeiro : Editora da UFRJ, 1996.
- REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO : Economia, Estado e Sociedade. Curitiba : IPARDES, n. 82, maio/ago. 1994.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil : de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. **A propaganda política : natureza e limites**. Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, 1958.
- WEBER, Max. **Ciência e política : duas vocações**. São Paulo : Cultrix, 1996.